

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICO SENSU*
EM PSICOLOGIA

CARLOS DEL NEGRO VISINTIN

ENCONTROS COM O CUIDADO INFANTIL E A MATERNIDADE:
INVESTIGANDO IMAGINÁRIOS COLETIVOS

CAMPINAS

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICO SENSU*
EM PSICOLOGIA

CARLOS DEL NEGRO VISINTIN

ENCONTROS COM O CUIDADO INFANTIL E A MATERNIDADE:
INVESTIGANDO IMAGINÁRIOS COLETIVOS

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC-Campinas, como requisito para obtenção do título de Doutor em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientadora: Prof.^a Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg.

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica elaborada por Vanessa da Silveira CRB 8/8423
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

155.4
V831e

Visintin, Carlos del Negro

Encontros com o cuidado infantil e a maternidade: investigando imaginários coletivos / Carlos del Negro Visintin. - Campinas: PUC-Campinas, 2021.

209 f.: il.

Orientador: Tânia Maria José Aiello Vaisberg.

Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2021.

Inclui bibliografia.

1. Psicologia infantil. 2. Maternidade. 3. Psicologia clínica. I. Vaisberg, Tânia Maria José Aiello. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU 155.4

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA
CARLOS DEL NEGRO VISINTIN

Encontros com o cuidado infantil e a maternidade: investigando imaginários coletivos

Tese defendida e aprovada em 18 de fevereiro
de 2021 pela Comissão Examinadora

Tania Aiello-Vaisberg

Professora Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg
Orientadora da tese e presidente da comissão examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC-Campinas)

Tania Aiello-Vaisberg

Professora Doutora Tania Mara Marques Granato
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC-Campinas)

Tania Mara Marques Granato

Professora Doutora Vera Engler Cury
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC-Campinas)

Vera Engler Cury

Professor Doutor Rodrigo Sanches Peres
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Rodrigo Sanches Peres

Professora Doutora Miriam Tachibana

Trè di lá, trè di quá
Lu cinine n'è di quá
È di fuori terre
Quindi camine, ni rotte in terre
Chi ci li vu catá, cendi ducato mi lará dá

Três para lá, três para cá
O pequeno não é de cá
É de terra estrangeira
Quando caminha, não rela na terra
Quem deseja comprá-lo, cem ducados deve me dar

Canção de ninar da cidade de Montazzoli,
província de Chieti, região de Abruzzo, Itália,
escrita em seu dialeto – pelo menos, em uma tentativa.
Esta canção é um cuidado infantil, um dos temas desta tese.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	7
RESUMO	8
ABSTRACT	9
RESUMEM	10
NOTA INICIAL	11
APRESENTAÇÃO	12
Capítulo 1- CUIDADO INFANTIL, MATERNIDADE E DUPLA JORNADA	16
A condição feminina, a maternidade e a dupla jornada	17
Cuidado infantil como produção cultural.....	25
CAPÍTULO 2 - PESQUISA QUALITATIVA, PSICANÁLISE E PSICOLOGIA PSICANALÍTICA CONCRETA	36
Articulações entre pesquisa acadêmica e psicanálise.....	37
Pesquisa qualitativa com método psicanalítico	46
<i>Método psicanalítico de investigação e settings de produção do material de pesquisa</i>	49
<i>Método psicanalítico de investigação e procedimentos investigativos</i>	55
Capítulo 3 – DELINEAMENTO DO ESTUDO E MATERIAL DE PESQUISA	64
Pesquisa com método psicanalítico e psicologia psicanalítica concreta	64
Conduta, campo e imaginário coletivo.....	70
Desenho metodológico	72
<i>Procedimentos investigativos de produção do material de pesquisa</i>	73
<i>Procedimento investigativo de registro do material de pesquisa</i>	76
<i>Procedimento investigativo de interpretação do material de pesquisa</i>	77
Capítulo 4 - APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DE PESQUISA	78
Capítulo 5 - INTERPRETAÇÕES E INTERLOCUÇÕES	151
Interpretações como resultados	151
Interlocuções reflexivas como discussão	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
REFERÊNCIAS	180
ANEXOS	198
Anexo A - Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa	199
Anexo B - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	203
Anexo C – Produto técnico derivado da tese - Cartilha.....	205

AGRADECIMENTOS

Inspirando-me nas palavras da seção de agradecimentos da tese de uma querida amiga, sinto-me uma pessoa grata por contar com várias pessoas importantes. Com esta ideia em mente, lembro que tais pessoas contribuíram para que esta tese pudesse vir a ser. Nesse sentido, também tiro inspiração da tese desta amiga para agradecer, com gentileza, todas pessoas e instituições que me acompanharam ao longo deste doutorado, reconhecendo as contribuições de cada um.

A vocês, obrigado.

ANGÉLICA CRISTINA CURTO - CAROLINA DEL NEGRO VISINTIN -
CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E
TECNOLÓGICO - DÉBORA ORTOLAN FERNANDES DE OLIVEIRA - ELAINE
CRISTINA MACHADO OLIVEIRA - FABIANA FOLLADOR E AMBROSIO -
GISELE MEIRELLES FONSECA INACARATO - LUIZ CARLOS VISINTIN -
MARIA AMÉLIA GONÇALVES - MARIA TERESA GUIMARÃES DE LEMOS -
MARINA FABRIS ZAVAGLIA - MIRIAN TACHIBANA - NATHÁLIA
RODRIGUES AURA - RODRIGO SANCHES PERES - SUELI REGINA GALLO-
BELLUZZO - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS -
TERESA ROSA DEL NEGRO VISINTIN - VERA ENGLER CURY - TÂNIA
MARA MARQUES GRANATO - TANIA MARIA JOSÉ AIELLO-VAISBERG

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

RESUMO

VISINTIN, Carlos Del Negro. *Encontros com o cuidado infantil e a maternidade: investigando imaginários coletivos*. 2021. 209f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2021.

Esta tese objetiva investigar imaginários coletivos sobre o cuidado infantil e a maternidade. Justifica-se como produção de conhecimento compreensivo que pode contribuir para aprimorar a clínica psicológica, em vertentes preventivas e interventivas, bem como trazer subsídios para movimentos sociais que visem proteger a infância e melhorar a condição de vida da mulher. Articula-se metodologicamente por meio da abordagem de 36 estudantes de medicina, escolhidos como participantes por estarem engajados numa formação que propicia proximidade com mães, que são as acompanhantes habituais de crianças quando essas demandam atendimentos médicos. O material foi produzido em entrevistas psicológicas coletivas organizadas ao redor do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. A consideração psicanalítica do material permitiu a produção interpretativa de cinco campos de sentido afetivo-emocional, nomeados como “Sublime amor”, “*Mater dolorosa*”, “Dedicação exclusiva”, “Conciliando atividades” e “Nem fada, nem bruxa”. Tais campos se configuram segundo dois arranjos imaginativos diferentes, formando dois supracampos: “Mãe-maravilha” e “Mulher comum”. Em conjunto, os resultados interpretativos apontam para um predomínio de marcada idealização da figura materna, imaginada como biologicamente preparada para ser forte, poderosa e capaz de generosidade ilimitada. Colocando-se como padrão inalcançável para as mães reais e concretas, tal idealização gera efeitos nocivos sobre a subjetividade feminina, servindo, portanto, à opressão da mulher. Além disso, carrega, de forma subliminar, a insinuação de que aquela cuja conduta não segue à risca o esperado estaria, de algum modo, violando leis da natureza. Aparecem, também, ainda que de modo raro, concepções segundo as quais o cuidado infantil, seria tarefa materna, mas não exigiria que a mãe fosse uma pessoa extraordinária. Por outro lado, constata-se a ausência de concepções vinculadas à ideia de que cuidar é trabalho reprodutivo, que pode ser assumido por adultos independentemente de sua condição de gênero. O quadro geral aponta para certo conservadorismo, no âmbito do qual ainda não despontaram visões que permitam que o cuidado infantil direto, um dos trabalhos de maior efeito na realização do potencial ético e afetivo do ser humano, possam ser compartilhados entre homens e mulheres adultos, não apenas no âmbito da família nuclear, mas também da família extensa, da comunidade e das instituições sociais.

Palavras-chave: cuidado infantil, maternidade, psicologia clínica, pesquisa qualitativa, método psicanalítico.

ABSTRACT

VISINTIN, Carlos Del Negro. *Encounters with child care and motherhood: investigating collective imaginaries*. 2021. 209f. Thesis (Doctorate in Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2021.

This thesis aims to investigate collective imagination about childcare and motherhood. This research is important as production of comprehensive knowledge which can contribute to improve the psychological clinic in preventive and interventive parts as well it can provide support for social movements that intend to protect the children and to improve the conditions of women lives. It is methodically based on the approach of 36 medical students who were chosen as participants due to the fact that their professional formation allows them to be closer to the mothers that usually accompany the children when they need medical care. This study took place during psychological collective organized interviews based on the procedure of drawing-stories with a theme. The psychoanalytical consideration of the material allowed the production of five fields of emotional-affective sense, named as “Sublime Love”, “Mater dolorosa”, “Full Time Service”, “Conciliating Activities” and “Nor Fairy Neither Witch”. These fields were configured according to two different imaginative arrangements which formed two super fields: “Wonder Mother” and “Common Woman”. The interpretative results combined point up to a dominance of a strong idealization of the mother figure, imagined as biologically prepared to be strong, powerful and capable of unlimited generosity. This idealization is considered as an unachievable pattern for real and concrete mothers and this generates harmful effects on the feminine subjective and it serves therefore as a form of woman’s oppression. Besides, this notion carries in a subliminal way the suggestion that the woman who doesn’t behave as the pattern would be violating the laws of nature. It also appears, although more rarely, notions which say that childcare is a woman’s work, but it would not demand that the mother should be an extraordinary human being. Conversely, it is verified the lack of notions bound to the idea that caring for a child is a reproductive work which can be undertaken by adults independently of their gender. The general context points up to a certain conservatism that doesn’t demonstrated other notions which allow direct childcare actions, one of the works that has more effect in the realization on ethical and affective potential in the human being, could be shared between men and women, not only in a familiar environment but also among extended family members, or community members or even social institutions.

Keywords: child care, motherhood, clinical psychology, qualitative research, psychoanalytic method.

RESUMEM

VISINTIN, Carlos Del Negro. *Encuentros con el cuidado del niño y la maternidad: investigando imaginarios colectivos*. 2021. 209f. Thesis (Doctorate in Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2021.

El objetivo de esta tesis es investigar imaginarios colectivos sobre el cuidado infantil y la maternidad. Se justifica como producción de conocimiento comprensivo que puede contribuir para perfeccionar la clínica psicológica en vertientes preventivas e interventoras, así como traer subsidios para movimientos sociales que tengan como objetivo proteger la infancia y mejorar la condición de vida de la mujer. Se articula metodológicamente por medio del abordaje de 36 estudiantes de medicina, escogidos como participantes por estar comprometidos en una formación que propicia una proximidad con las madres, que son las acompañantes habituales de los niños cuando solicitan atención médica. El material se produjo en entrevistas psicológicas colectivas organizadas alrededor del uso del Procedimiento de Dibujos-Historias con Tema. La consideración psicoanalítica del material permitió la producción de cinco campos de sentido afectivo-emocional, denominados como “Sublime amor”, “Mater dolorosa”, “Dedicación exclusiva”, “Conciliando actividades” y “Ni hada, ni bruja”. Tales campos se configuran de acuerdo con dos arreglos imaginativos diferentes, formando dos supracampos: “Madre maravilla” y “Mujer común”. En conjunto, los resultados interpretativos señalan un predominio de marcada idealización de la figura materna, imaginada como una persona biológicamente preparada para ser fuerte, poderosa y capaz de tener una generosidad ilimitada. Colocándose como patrón inalcanzable para las madres reales y concretas, tal idealización genera efectos nocivos sobre la subjetividad femenina sirviendo, por tanto, a la opresión de la mujer. Además, insinúa de forma subliminar que aquella cuya conducta no siga al pie de la letra lo que se espera estaría de algún modo violando las leyes de la naturaleza. Aunque de forma rara, aparecen también concepciones según las cuales el cuidado infantil sería tarea materna pero no exigiría que la madre fuese una persona extraordinaria. Por otro lado, se constata la ausencia de concepciones vinculadas a la idea de que cuidar es un trabajo reproductivo, que puede ser asumido por adultos independientemente de su condición de género. El cuadro general indica cierto conservadurismo, en el ámbito del que aún no surgieron visiones que permitan que el cuidado infantil directo, uno de los trabajos de mayor efecto en la realización del potencial ético y afectivo del ser humano, pueda ser compartido entre hombres y mujeres adultos, no solo en el ámbito de la familia nuclear, sino también de la familia extensa, de la comunidad y de las instituciones sociales.

Palabras clave: cuidado del niño, maternidad, psicología clínica, investigación cualitativa, método psicoanalítico.

NOTA INICIAL

Antes de começarmos a apresentar esta tese, consideramos importante ressaltar que esta pesquisa foi defendida durante o período pandêmico de 2021, na vigência do distanciamento social, uso de máscaras e realização de atividades acadêmicas via internet. Ainda, é necessário esclarecer que a redação final da tese coincidiu com o início da epidemia e todas as trocas entre orientando, orientadora e colegas do Grupo de Pesquisa foram feitas segundo as necessidades do trabalho, sempre de modo remoto. Porém, também é importante ressaltar que a produção do material de pesquisa foi realizada em 2017, ou seja, anteriormente à eclosão da pandemia.

Tendo o nosso foco na maternidade e no cuidado infantil, não deixamos de notar que estes fenômenos foram fortemente afetados pela pandemia e pelas medidas de prevenção de contágio, dando-nos, inclusive, oportunidade de contribuir para a produção de conhecimento sobre as repercussões da Covid-19 na maternidade, por meio de um artigo (Aiello-Vaisberg, Gallo-Belluzzo & Visintin, Gallo-Belluzzo & 2020).

APRESENTAÇÃO

O título desta tese – “Encontros com o cuidado infantil e a maternidade: investigando imaginários coletivos” - já fala muito sobre seu propósito e sobre sua origem. “Falar muito”, contudo, não é sinônimo de “devidamente claro” - principalmente àqueles que não seguiram o desenrolar de sua história. Na qualidade de uma produção de doutorado do Grupo PUC-Campinas/CNPq “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção”, que abriga os subgrupos da Professora Doutora Vera Engler Cury, da Professora Doutora Tania Mara Marques Granato e da orientadora deste estudo, Professora Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg, devemos tecer algumas considerações para que sua origem, seu propósito e, enfim, seu título, fiquem devidamente claros para o leitor.

Para contar sobre a origem deste estudo, seria possível imaginar três afluentes que se juntam num rio, para usar a metáfora de Granato (2004). O primeiro afluente levaria o leitor às atividades iniciais de pesquisa do autor desta tese, que tiveram início na graduação e prosseguiram imediatamente no mestrado. O segundo afluente conduzi-lo-ia a um dos principais interesses de pesquisa da orientadora, conforme demonstrado em seu Lattes, a saber, a maternidade. O terceiro afluente transportaria o leitor a um ponto fundamental nesta tese, cuja nascente está nas atividades do próprio grupo de pesquisa, vale dizer, o uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, conhecido como PDE-Tema, em investigações qualitativas com uso do método psicanalítico.

Em relação ao primeiro afluente, lembramos que os ensinamentos da Professora Doutora Tania Mara Marques Granato, orientadora das nossas iniciações científicas, seja com bolsa CNPq, seja com bolsa Reitoria, esclareceram, com sensibilidade e precisão, a importância de estudos sobre a maternidade e seu aspecto afetivo-emocional. A professora vem cursando uma trajetória acadêmica que a torna, a partir de seu mestrado e doutorado, uma referência em estudos sobre maternidade e parentalidade. De igual importância, a orientadora dessas iniciações proveu um ambiente no qual o estudo da psicanálise em sua vocação primária, isto é, como método, e de teorias psicanalíticas, em especial aquelas de D. W. Winnicott, pudessem transcorrer com segurança, rigor e precisão. Ainda neste afluente, recordamo-nos do mestrado, que ocorreu sob a batuta da orientadora deste doutorado, ao longo do qual realizamos uma pesquisa empírica.

Naquele momento, utilizando materiais disponibilizados on-line, valemo-nos da depressão pós-parto como estratégia metodológica para melhor entender imaginários coletivos sobre a maternidade. Nessa fase do percurso, tomamos mais cuidado de nos preocupar com a maternidade como drama e com o método, tendo em vista as exigências de um mestrado (Visintin, 2016; Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017).

Como se estivéssemos em uma barca, navegamos, agora, pelo segundo afluente. Tendo em mente que a maternidade conforma-se como uma das temáticas mais pesquisadas ao longo da carreira da orientadora na Universidade de São Paulo e na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como atestam as dissertações de mestrado, as teses de doutorado e os artigos por ela orientados, parecia-nos fazer pleno sentido continuar a nossa dedicação à maternidade desde uma perspectiva que a entendesse como drama cujo fundamentos afetivos e emocionais seriam não conscientes, considerando, inclusive, o nosso entusiasmo com a temática desde os estudos de iniciação científica.

Agora, podemos conduzir a nossa nau pelo terceiro afluente. Para realizar esta pesquisa, valemo-nos de um recurso mediador conhecido como Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, usado pela orientadora em sua tese de livre docência (Aiello-Vaisberg, 1999). Tendo em mente o uso de tal recurso na pesquisa qualitativa com método psicanalítico, cuja fecundidade heurística continua a ser empiricamente verificada (Aiello-Vaisberg, Ambrosio & Visintin, 2017; Batoni, 2020; Cambuí & Neme, 2014; Fabris-Zavaglia, 2020; Miranda, Serafini & Bacarat, 2012; Rosa, 2018; Silva & Peres, 2016; Silva, Sei & Ortolan, 2019; Oliveira, 2020), o presente doutorado apresenta certo valor metodológico tanto para pesquisadores que se interessam pelo estudo do cuidado infantil e maternidade, quanto para aqueles que se interessem em estudar imaginários coletivos e experiência vivida. Ao seguir um veio metodológico, que teria na tese de livre docência da orientadora um marco inicial (Aiello-Vaisberg, 1999), prosseguimos a nossa viagem aportando na tese de Ambrosio (2013) que clarificou, com rigor e precisão, certos fundamentos sobre os quais o grupo de pesquisa se assenta, considerando a contribuição metodológica significativa para a realização de investigações qualitativas sobre eficácia clínica. Deste modo, a tese de Ambrosio, enquanto porto seguro neste afluente, conforma-se como inspiração basal para, agora, colocarmo-nos em busca de fundamentos de certas questões metodológicas que articulam pesquisa

qualitativa e psicanálise, especialmente quando investigamos imaginários coletivos e experiências vividas.

Chegamos, assim, ao ponto onde estes três afluentes desaguam para formar um rio, isto é, chegamos ao propósito da tese. Esse trabalho objetiva investigar imaginários sobre cuidado infantil e maternidade. Ao nos propormos tecer a tese com esta inspiração, o leitor notará não somente a dimensão empírica do nosso estudo, mas também certas contribuições de caráter metodológico. Com tal consideração em mente, buscaremos, a seguir, descrever os capítulos que compõem esta tese.

No primeiro capítulo, buscamos delimitar o problema de pesquisa, de modo a derivar o objetivo da investigação empírica. Para tanto, valemo-nos não somente da literatura recente sobre cuidado infantil e maternidade, mas também de trabalhos teóricos produzidos por pesquisadores de outras ciências humanas, como psicologia, sociologia, história e filosofia.

O segundo capítulo está dividido em duas partes. Esclarecemos, na primeira, certas articulações entre pesquisa qualitativa e psicanálise. Na segunda, subdividida em duas seções, exploramos, o uso da dimensão especificamente metodológica da psicanálise na pesquisa qualitativa.

No terceiro capítulo, discutimos e fundamentamos nosso próprio modo de fazer pesquisa qualitativa com o uso do método psicanalítico. A seguir, apresentamos o delineamento metodológico da pesquisa empírica

No quarto capítulo, apresentamos o material. Este último constitui-se por meio dos desenhos e histórias produzidos pelos participantes em entrevistas psicológicas coletivas.

No quinto capítulo, expomos, inicialmente, os resultados de investigação empírica, conformados como interpretações sobre o material. A seguir, buscamos discutir tais interpretações à luz da literatura, de modo a termos uma compreensão mais profunda sobre os achados de pesquisa.

Finalizamos retornando ao título dessa tese, lembrando que, com ele, pretendemos sorver das águas daqueles três afluentes. Na medida em que recordamos os ensinamentos adquiridos ao longo da graduação, sob os cuidados da Professora Granato, e do mestrado,

orientado pela Professora Aiello-Vaisberg, também lembramos que o trabalho de livre-docência defendido pela orientadora tem como título “Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia” (Aiello-Vaisberg, 1999) e a necessidade de pesquisas rigorosas sobre a dimensão afetiva e emocional da maternidade e do cuidado infantil. Assim, lembramo-nos das nossas viagens pelos três afluentes. Damos à luz, assim, a “Encontros com o cuidado infantil e a maternidade: investigando imaginários coletivos”.

Informamos também que esse volume contém três anexos. O primeiro deles é o Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa. O segundo anexo é o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Além disso, apresentamos, como terceiro anexo, uma cartilha que será distribuída para instituições de saúde e para diretorias de cursos superiores da área da saúde de universidades. Trata-se de um produto técnico que produzimos, para além das contribuições científicas propriamente ditas, que derivaremos dos capítulos da tese, tendo em mente as considerações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, de modo que se presta a traduzir o trabalho de doutorado sob forma de contribuição afinada com os propósitos de inserção social do programa de pós graduação em psicologia da PUC-Campinas.

CAPÍTULO 1- CUIDADO INFANTIL, MATERNIDADE E DUPLA JORNADA

Com este capítulo, buscaremos delimitar o problema de pesquisa a partir do qual estabelecemos o nosso objetivo investigativo. Tendo tal propósito em mente, dividimos o capítulo em duas partes. Na primeira, intitulada “A condição feminina, a maternidade e a dupla jornada”, abordaremos o problema da dupla jornada, conceito por meio do qual se descreve a situação atual da maior parte das mulheres, na medida em que se encarregam do trabalho reprodutivo e de atividades profissionais remuneradas. Na segunda, intitulada “Cuidado infantil como produção cultural”, abordaremos a maternidade, tal como contemporaneamente praticada na sociedade em que vivemos, como produção cultural por meio da qual se resolve a dependência infantil. Desse modo, assumimos, fundamentados em estudos antropológicos e históricos, uma posição segundo a qual a condição biológica de dependência de bebês e crianças constitui-se como uma demanda, biologicamente fundada, que vem recebendo diferentes respostas culturais. Desta feita, adotando a perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, entendemos que o cuidado de bebês e crianças, bem como o modelo de maternidade que adotamos entre nós, podem ser proveitosamente compreendidas se forem depurados por meio da crítica e abandono dos mitos do ser humano natural, abstrato e isolado das condições concretas da vida social (Bleger, 1963/2007)¹.

¹ De acordo com Bleger (1963/2007), quando as ciências humanas optam pelos paradigmas epistemológicos positivistas, adotando um monismo materialista mecanicista - mas não dialético - incorrem facilmente nos equívocos que designa como mitos do ser humano natural, abstrato e isolado das condições concretas da vida social. A seu ver, não é possível chegar, por tais vias, à produção de conhecimentos compreensivos com vistas à transformação da vida das pessoas e de coletivos.

A condição feminina, a maternidade e a dupla jornada

A partir de meados do século XX, profundas alterações socioeconômicas impactaram as condições concretas de vida das mulheres em muitos aspectos, entre os quais a entrada na vida laboral parece ser uma das mais significativas, na medida em que permite certa independência financeira e favorece experiências de realização pessoal. Tal modificação, gestada ao longo de séculos e décadas, tornou-se possível não apenas como conquista dos movimentos feministas, mas também por atender aos interesses do capitalismo atual, o que não nos deve surpreender face ao fato de a realidade social ser dialeticamente contraditória (Bleger, 1963/2007). De fato, não se pode negar que, ao adentrar no mundo laboral, aceitando salários mais baixos, a mulher contribuiu para aumentar a exploração da força de trabalho, mas também deu um importante passo rumo a mudanças nas relações hierárquicas de gênero (Federici, 2020). Por outro lado, se deixou uma condição de total dependência financeira do homem, a entrada da mulher no mercado de trabalho não gerou efeitos suficientemente fortes para alterar a organização social de cuidado de bebês e crianças, na medida em que a mãe biológica continuou sendo considerada a responsável direta pela natalidade, em sentido amplo de renovação populacional. E aqui, convém afastarmo-nos por um instante da psicologia, para lembrar que a natalidade é, até mesmo no pensamento político, uma categoria central. Assim diz Arendt (1958/1981):

O novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir. Neste sentido de iniciativa, todas as atividades humanas possuem um elemento de ação e, portanto, de natalidade. Além disso, como a ação é a atividade política por excelência, a natalidade, e não a mortalidade, pode constituir a categoria central do pensamento político, em contraposição ao pensamento metafísico (Arendt, 1958/1981, p.17).

Portanto, a atividade fundamental do cuidado das novas gerações tem estado a cargo da mãe biológica que segue cumprindo essa tarefa mesmo quando trabalha profissionalmente. Em outros termos, a entrada da mulher no mundo laboral não modificou as concepções imaginativas que se concretizam na divisão sexual do trabalho (Kergoat, 2009), desaguando na fantasia de que a melhor forma de cuidado de crianças é aquela ofertada pela mãe biológica, conforme atestam diversos estudos (Assis, Visintin, Borges & Aiello-Vaisberg, 2020; Barbosa & Alvarez, 2016; Bomfim & Barbieri, 2015; Dugan & Barnes-Farrell, 2018; Fritzell, Gähler, & Fransson, 2020; Granato & Aiello-Vaisberg, 2016; Hauck, Miraldo, & Singh, 2020; Henderson, Harmon, & Newman, 2016; Hubert & Aujoulat, 2018; Odenweller & Rittenour, 2017; Odenweller, Rittenour, Metzger & Weber, 2019; Pohl, Crockford, Blakemore, Allison, & Baron-Cohen, 2020; Rittenour, Colaner, & Odenweller, 2014).

Nesse sentido, resultados de investigações recentes, desenvolvidas em nosso grupo de pesquisa, convergem com a literatura no sentido de apontarem para a vigência de imaginários de acordo com os quais a mãe biológica seria a melhor cuidadora do bebê e da criança. Schulte, Gallo-Belluzo e Aiello-Vaisberg (2019), por exemplo, perceberam, investigando psicanaliticamente *mommy blogs*, que as mulheres enfrentam conflitos importantes, quando têm filhos, diante da decisão de dedicar-se integralmente à maternidade ou adentrar plenamente numa vida de dupla jornada, o que sugere que qualquer uma dessas duas opções gera sofrimento socialmente determinado. Ao entrevistar mães com filhos autistas, Fabris-Zavaglia (2020) encontrou que, quando a maternidade envolve a necessidade de cuidados especiais, a criança torna-se facilmente responsabilidade exclusiva da mãe, que se retira do mundo laboral mesmo quando é altamente qualificada em termos de instrução. Oliveira (2020), por sua vez, objetivando compreender o imaginário coletivo de trabalhadores da saúde mental pública sobre usuárias de drogas, constatou que os critérios de exigência de abstinência são diferenciados se se está diante de mães ou de mulheres sem filhos ou homens, mesmo quando são pais. As primeiras são instadas a adotarem abstinência completa, em função de suas obrigações para com os filhos, enquanto os demais podem seguir projetos

terapêuticos mais flexíveis que não incluem a obrigatoriedade de supressão do uso de substâncias, a não ser em caso de risco importante à própria saúde².

Na nossa própria experiência, ao investigarmos *mommy blogs*, buscando expressões de mães que se referiam, em suas postagens, ao fenômeno da depressão pós-parto, ou seja, quando pesquisamos manifestações de internautas que, em alguma medida, associavam maternidade com enfrentamento de uma condição psicopatológica, deparamo-nos com dois campos de sentido afetivo-emocional, intitulados “Sou mãe, logo existo” e “Dedicação exclusiva” (Visintin, 2016, Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017). O campo de sentido afetivo-emocional "Sou mãe, logo existo" organizou-se ao redor da fantasia de que a mulher alcançaria a verdadeira felicidade apenas se tivesse filhos. O segundo campo, "Mãe exclusiva", organizou-se ao redor da fantasia de que a mãe biológica seria a única pessoa capaz de bem cuidar do filho e que esta deveria ser sua única missão de vida. A nosso ver, vale a pena refletir sobre o fato de que habitar esses campos se choca, claramente, com a entrada da mulher no mercado de trabalho, uma vez que indica ser impossível ter uma existência organizada ao redor da maternidade, dedicando-se exclusivamente aos filhos, e, ao mesmo tempo, atender às exigências profissionais. Quando comparamos nossos resultados interpretativos aos de Schulte, Gallo-Belluzo e Aiello-Vaisberg (2019), percebemos que, enquanto as internautas, que as pesquisadoras estudaram, debatiam-se diante da questão da dupla jornada, claramente colocada como tal, as mães que abordamos transitaram por imaginários nitidamente mais exigentes quanto à importância da maternidade na vida feminina. Tal diferença se explica, provavelmente, pelo fato de termos optado por trabalhar com material de mulheres, que associaram a maternidade com o risco de depressão pós-parto, o que indica que provavelmente viveram a experiência de cuidar do bebê de modo mais ansioso e preocupado.

Quando adotamos a psicologia psicanalítica concreta como referencial, não deixamos de notar a relevância dos contextos macrossociais na determinação dos atos humanos enquanto experiência vivida por personalidades individuais e coletivas (Amati-Sas, 2004; Bleger, 1963/2007). Nesse sentido, percebemos que a entrada no mercado de trabalho revela-se como um ponto central para melhor compreender as práticas de

² O leitor pode obter uma visão completa de vários outros títulos da produção que aqui exemplificamos ao acessar o Currículo Lattes da orientadora.

cuidado de bebês e crianças. Nessa perspectiva, é importante lembrar que as grandes mudanças sociais, que tiveram lugar no ocidente, desde a Segunda Guerra Mundial, conformando-se como marco significativo de reconfiguração da vida cotidiana e que favoreceram a entrada da mulher no mercado de trabalho, não alteraram os imaginários relativos aos cuidados infantis, que continuam sendo vistos como responsabilidade materna (Badinter, 2012; Federici, 2020). Deste modo, voltamo-nos àquilo que vem sendo denominado, na literatura atual de certas áreas do conhecimento, como, por exemplo, a sociologia e a economia, como penalidade materna³, conceito que deriva da constatação de que o tornar-se mãe impacta negativamente os ganhos salariais da mulher, gerando efeitos significativos em termos pessoais, familiares e macrosociais (Gangl & Ziefle, 2009; Glauber, 2018; Muller, Hiekel & Liefbroer, 2020; Muniz & Veneroso, 2019; Petersen, Penner & Høgsnes, 2014; Oliveira, de Faria, Sarriera, Piccinini & Trentini, 2011).

Ao que tudo indica, England e Budig (2000) foram as primeiras autoras a discutirem a penalidade da maternidade, que deve ser definida como a diferença entre os níveis salariais de mulheres que compartilham certas características, como, por exemplo, idade, formação acadêmica e currículo profissional, mas que se diferem exclusivamente pela presença ou ausência de filho(s). Quando comparadas entre si, aquelas que são mães geralmente auferem salários inferiores aos das mulheres que não têm filhos. Em estudo documental, as pesquisadoras estadunidenses utilizaram o *National Longitudinal Survey of Youth* de 1982 a 1993 para examinarem o impacto da maternidade no salário. Descobriram que a mãe tinha uma diminuição de 7% no salário por cada filho. Então, mães com mais filhos não somente tinham menos experiência no mundo laboral, mas também mais encargos de cuidados e sofriam mais discriminações por parte dos empregadores. Ou seja, os custos relativos ao cuidado infantil - não somente o financeiro, mas também outros, de diversas ordens, como, por exemplo, o tempo necessário para lidar com os filhos - oneram as mães de modo desproporcional.

Mais recentemente, em estudo bastante valorizado, pela literatura especializada, sobre a penalidade da maternidade, Grimshaw e Rubery (2015) apresentam o que

³ As expressões dupla penalidade materna e penalidade pela maternidade também são usadas pelos pesquisadores.

consideram como três grandes abordagens que fundamentam estudos científicos que explicariam o fenômeno em questão: a econômica, a sociológica e a institucionalista. Por um lado, haveria a abordagem econômica, baseada nos argumentos de capital humano não valorizado, comprometimento reduzido e a mãe estar empregada em trabalhos menos produtivos. Por outro, haveria a abordagem sociológica, baseada nos argumentos de discriminação dos empregadores, falha do mercado e baixa valorização das pessoas *versus* trabalho orientado ao dinheiro. Além disso, haveria a abordagem institucionalista, baseada nos argumentos de identificação de padrões nacionais nas disparidades salariais da maternidade com atenção às políticas e às instituições públicas.

Em relação à abordagem econômica, explica-se que a mãe desenvolveria menos o chamado capital humano, definido como conjunto de conhecimentos, capacidades e experiências de uma pessoa que podem ser utilizados na produção de riqueza de uma empresa, devido aos compromissos com os filhos, com a família e com os serviços domésticos, o que diminuiria seu comprometimento com o trabalho. No tempo em que fica fora do mundo laboral, seu potencial seria desvalorizado, o que dificultaria a sua permanência ou reentrada no mundo do trabalho. Argumenta-se ainda que a mãe trabalharia em instituições que pagam menos e/ou que haveria poucas ofertas de trabalho em tempo parcial. Ou seja, haveria uma troca de empregos que pagam mais por aqueles que pagam menos, mas que oferecem certas vantagens, ocorrendo certa compensação. Percebe-se aqui que o problema é equacionado em termos estritamente neoliberais e que a questão da natalidade, no sentido que lhe empresta Arendt (1958/1981), é totalmente distorcida, na medida em que o trabalho reprodutivo, que inclui o cuidado dos filhos, é figurado como problema particular e não como questão significativa do ponto de vista social.

Em relação à abordagem sociológica, apresenta-se a compreensão de que a mãe sofreria discriminações de acordo com as quais o cuidado com as crianças torná-la-ia menos responsável pelo trabalho, pelo menos, ao olhar de certos profissionais. Além disso, ocorreria aquilo chamado de “falha do mercado”, que consiste num descompasso entre as demandas do trabalho e as ofertas de instituições, como creches e escolas. Caberia ainda lembrar que certas atitudes dos empregadores promovem uma naturalização da maternidade, de modo que pagariam menos às mães como forma de descontar a sua impossibilidade de estar completamente disponível às demandas do mercado. Nessa

abordagem, a menor disponibilidade da mulher segue sendo vista como um problema particular. Assim, esboça-se um movimento no sentido de melhorar a oferta de instituições de apoio, mas, em última instância, a mãe é, na prática, taxada por um trabalho de alto significado social, que ela desempenha sem remuneração (Federici, 2020).

Em relação à abordagem institucionalista, a mãe seria afetada diretamente por políticas nacionais e instituições públicas. Nesse sentido, a penalidade materna varia conforme a desigualdade socioeconômica de um país, o que se relaciona com o sistema tributário nacional. Além disso, a implementação de políticas públicas conforma-se como ponto nodal para compreender a penalidade nesta abordagem institucionalista. Assim, a penalidade materna tenderia a diminuir em países que contam com políticas nacionais para fomentar salários mais equitativos, instauração de instituições de saúde e de educação e licenças maternidade e paternidade, enquanto a mesma penalidade tende a aumentar em países onde as mulheres trabalham informalmente ou sob contratos precários no setor formal.

Do nosso ponto de vista, a abordagem econômica apresenta-se como basicamente descritiva, mas insuficiente para que possamos compreender a complexidade de penalidade da maternidade. Isso ocorre, uma vez que, nesse conjunto de razões, não há menção às relações hierárquicas de gênero, dimensão fundamental para compreender o drama de mães nos nossos dias, como explicitada pelas abordagens sociológica e institucionalista. Não menos importante, não podemos deixar de notar que tal penalidade materna evidencia que a mulher é punida por estar envolvida com o que há de mais fundamental para a continuidade de uma sociedade humana, vale dizer, o nascimento e o cuidado das novas gerações.

Falamos, até o momento, sobre a entrada da mulher no mercado de trabalho sem incluir um aspecto fundamental da questão, que diz respeito ao fato desse fenômeno ocorrer nas diferentes classes sociais, abarcando, portanto, situações concretas muito diferentes. Assim, encontramos, no mundo laboral, tanto a médica, sustentada pela família, que vive em boas condições financeiras, até quase a terceira década de vida, em função dos estudos prolongados que a profissão requer, a recepcionista ou a cabelereira, que finalizou o nível médio, a faxineira que passou de dois a três anos no ensino fundamental como a dona de casa que faz doces para um restaurante de bairro (Hirata,

2018). Por outro lado, essas diferenças não nos devem impedir de notar um movimento comum de saída do ambiente domiciliar rumo a diferentes espaços sociais (Bueskens, 2018) que apresenta, como consequência, alterações no perfil de algumas profissões, como a medicina e a engenharia, por exemplo, que se tornam mais femininas, o mesmo ocorrendo no cenários de outras ocupações, que requerem menos qualificação, caso em que, frequentemente, os rendimentos auferidos são mais baixos do que os dos homens que trabalham nos mesmos postos.

A coincidência entre a entrada da mulher no mundo do trabalho e a persistência da definição da maternidade como responsabilização da mãe biológica por um cuidado, com os filhos, que corresponde a práticas a serem solitariamente exercidas no domicílio da família nuclear, deu origem ao fenômeno conhecido como dupla jornada feminina, composta pelo acúmulo de trabalho profissional e trabalho reprodutivo. Este último pode ser definido como um conjunto de atividades de reprodução da vida no cotidiano, que inclui cuidados infantis e serviços domésticos, que atendem as necessidades familiares de alimentação, alojamento, limpeza de vestuário, higiene pessoal e cuidados com a saúde. Porém, esse conjunto de atividades não é remunerado de nenhuma maneira, porque não é visto como trabalho, de modo que se torna impensável associá-lo à geração de renda, pois seria mero prolongamento das funções biológicas femininas.

Federici (2020) analisa criticamente o marxismo reexaminando-o à luz da história a partir de uma perspectiva feminista. De acordo com a autora, o filósofo alemão desconsiderou o fato de que os operários se apresentavam ao trabalho, alimentados, vestidos, descansados e em estado de relativa preservação de suas condições de saúde, por conta de um cuidado que acontecia previamente em suas casas. Ou seja, tais trabalhadores recebiam cuidados de mulheres que ficaram em casa realizando o trabalho reprodutivo. De acordo com Federici, a abordagem marxista centrou-se no trabalho do operariado masculino branco e ignorou a radical exploração do trabalho reprodutivo que, em conjunto com o trabalho escravizado dos africanos, muito contribuiu para a acumulação primitiva do capital.

No entender de Federici (2020), trabalhando apenas no ambiente doméstico, a mulher ocupou uma posição de subalternidade em relação ao marido, algo que a historiadora aponta como um retrocesso em relação aos tempos medievais, durante os quais o sustento era retirado diretamente da terra por meio de um trabalho coletivo. Teria

havido, assim, uma perda de liberdade que pode ser comprovada por evidências históricas que apontam para a participação das mulheres em condições de igualdade no trabalho camponês e também em várias corporações de ofício. Quando posteriormente, sob vigência do sistema capitalista, a mulher começa a deixar o recinto domiciliar, vemo-nos diante de uma nova situação, contemporaneamente vigente, a da dupla jornada, que gera importantes efeitos na organização do cotidiano feminino e na experiência vivida pela mulher.

De acordo com Bueskens (2018), a dupla jornada lançaria a mulher num estado psicológico de divisão interna, que designa como coexistência, no plano psíquico-existencial, de dois *selves*: um *self* individual e um *self* materno. A seu ver, a separação entre o mundo doméstico e o mundo laboral resultaria na constituição de dois modos de *self*, um individualizado, voltado para o trabalho produtivo remunerado, que nos estratos mais qualificados se insere sob forma de carreira, e outro reprodutivo, de caráter maternal, dedicado aos cuidados com as novas gerações. No mundo profissional, a mulher deveria trabalhar segundo moldes masculinos, como se não acumulasse tarefas domésticas e encargos maternos, enquanto deveria simultaneamente apresentar dedicação exclusiva aos filhos, à família e ao lar.

Viver tal dualidade, ao que tudo indica, favorece sofrimentos emocionais cujas raízes se aterram, claramente, no modo como nos organizamos socialmente. Não é em vão que, conforme consideramos em pesquisa anterior (Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017), certas fantasias, como a dedicação exclusiva da mãe biológica ou a de que a existência da própria mulher se realizaria somente por meio da maternidade, são compartilhadas por vários indivíduos e coletivos. Provavelmente, esse sofrimento atinge principalmente a própria mulher, mas, por coexistimos de modo vincular, não deixa de prejudicar as crianças, o marido e outros familiares. Deste modo, somos levados a considerar o modo como se organiza os cuidados infantis, o que nos leva à próxima parte deste capítulo.

Cuidado infantil como produção cultural

Tendo em mente que a dupla jornada favorece sofrimentos emocionais relevantes (Bueskens, 2018), que se originam na forma como nos organizamos socialmente, parece-nos válido considerar a possibilidade de transformar as condições concretas da vida. Assim, somos levados a refletir sobre o cuidado infantil, tendo em mente que as mães também estarão inseridas em atividades profissionais, contribuindo para o sustento familiar.

Considerando que a entrada no mercado de trabalho acentuou-se a partir da Segunda Guerra Mundial, é possível pensar que uma clara transformação dos imaginários sobre cuidados infantis já estivesse bastante fortalecida. Entretanto, há indícios de que ainda persiste a noção de que o cuidado ofertado pela genetriz, tido como biologicamente determinado, seria superior a qualquer outro tipo de arranjo socialmente engendrado. O fato do parto inaugurar a possibilidade de sobrevivência do bebê de modo independente do organismo materno, que se acompanha da real possibilidade de ser aleitado e cuidado por outra(s) pessoa(s), parece não exercer efeito suficientemente transformador sobre a fantasia de que não contar com a mãe biológica representa um grave prejuízo ao infante.

A perspectiva da psicologia psicanalítica concreta articula um modelo psicanalítico vincular com uma ontologia dialética do ser social (Lukács, 1978/2013). Nessa perspectiva, entende-se que o viver humano corresponde a uma esfera específica do ser, a sócio-humana, mas que esta depende, mas se diferencia, das outras duas esferas, que são o mundo inorgânico e o mundo orgânico. Nesse sentido, ganham sentido as advertências de Bleger (1963/2007), conforme as quais não é possível produzir conhecimentos compreensivos nas variadas ciências humanas se não ultrapassarmos os mitos do ser humano natural, abstrato e isolado das condições concretas da vida social. Assim, ainda que possamos estudar movimentos musculares, por exemplo, considerando o corpo humano como sistema orgânico que se apoia em fenômenos físico-químicos, se não o virmos como ser social, nada compreenderemos acerca do sentido de suas condutas em termos históricos, econômicos, culturais, políticos, éticos ou psicológicos. Portanto, quando adentramos na esfera social para estudar atos humanos, deparamo-nos com práticas que não são determinadas exclusivamente pela biologia. Sendo assim, compreendemos que, no diz respeito à natalidade, os fenômenos biológicos da gestação,

parto e puerpério são claramente afetados por usos e costumes, de modo, que uma vez nascido, o bebê receberá cuidados que se plasmam nos costumes culturalmente predominantes na sociedade que o recebe. Desse modo, parece-nos importante sublinhar que a variedade das formas de bem lidar com a dependência do bebê e com as necessidades das crianças atesta um inegável potencial criativo humano.

Uma série de estudos empíricos convergem com a perspectiva da psicologia psicanalítica concreta em sua afirmação de que as práticas de cuidado infantil não devem ser abordadas como fenômenos naturais, abstratos e isoladas das condições concretas da vida social. Cabe, portanto, lembrar que a literatura científica contém evidências que permitem a compreensão de que o cuidado infantil não depende exclusivamente da biologia, mas tem origem na criatividade humana, expressando-se de modo variado nas mais diversas culturas. Bomfim e Barbieri (2015) compararam a experiência de mulheres brasileiras e francesas com filhas, deparando-se com diferenças significativas no que tange à valorização da conquista de autonomia pelas meninas e de participação maior ou menor do pai nos cuidados infantis. Gottlieb (2015), por sua vez, descreveu que, numa tribo na Costa do Marfim, várias pessoas compartilham o cuidado de bebês. Mesmo que a mãe biológica realize certas tarefas, como, por exemplo, ser responsável pela higiene e pelos banhos do bebê, outras pessoas também participam dos cuidados, como, por exemplo, ficar com a criança enquanto a mãe trabalha e providenciar sua alimentação por meio da ajuda de mulheres que estejam em fase de aleitamento. Ao compararem diferentes sociedades em função dos cuidados infantis, Gottlieb e DeLoach (2016) constataram, por exemplo, que é comum, em comunidades mulçumanas, os bebês serem amamentados por outras mulheres que, desse modo, tornam-se “parentes de leite”, um laço tão forte quanto os de sangue. Enquanto nas Ilhas Faroé, onde os habitantes prezam por vínculos solidários entre si, enfermeiras obstétricas do sistema público de saúde organizam grupos de mães de recém-nascidos para que se forme uma rede de suporte comunitário, nos EUA, onde se valoriza a intimidade e a privacidade, é esperado, no geral, que mães biológicas peçam ajuda somente a seus maridos para cuidar dos filhos. Rogoff (2003), ainda, explicitou que, em algumas comunidades, a progenitora forneceria cuidados físicos, psicológicos e interações sociais, mas, em outras, ela estaria dedicada somente às necessidades físicas do bebê, de modo que outras crianças mais velhas brincariam com ele.

Também não podemos nos esquecer das diversas configurações familiares nas quais bebês e crianças são atendidos. Martinez e Barbieri (2011), em estudo de caso psicanalítico sobre a função materna em uma família homoparental feminina, perceberam que o cuidado infantil era principalmente realizado pela parceira e não pela mãe biológica. Pekny e Granato (2019) constataram que o processo de adoção pode favorecer conflitos, fantasias e sofrimentos dos pais adotantes em função dos sentidos atribuídos à adoção e à família. Rosa, Melo, Boris e Santos (2016), por sua vez, ao buscarem compreender como casais homoafetivos adotantes lidam com as funções parentais, constataram a ocorrência de processos criativos de caráter mais igualitário no compartilhamento das tarefas. Nesse sentido, podemos compreender que um ponto fundamental, no atendimento a bebês e crianças, seria o acolhimento da nova geração e dos cuidadores por parte de um ambiente suficientemente bom, algo que pode derivar de muitos arranjos para além da família nuclear heterossexual organizada segundo a divisão sexual do trabalho (Kergoat, 2009).

O fato de frequentarmos o texto winnicottiano, tomando o psicanalista inglês como um interlocutor constante, pelo fato de sua obra justamente atender aos requisitos blegerianos relativos ao respeito da condição essencialmente social do ser humano, teorizando suas descobertas em termos maximamente próximos ao acontecer humano, deve ser aqui invocado para que nosso ponto de vista possa ficar suficientemente claro. De fato, Winnicott (1945, 1960/1965) devotou-se ao estudo da experiência vivida pelos bebês, motivado pela convicção de que a compreensão desse fenômeno poderia lançar luzes sobre a psicopatologia das psicoses. Entretanto, é muito importante levar em conta que encontramos duas teorizações diversas em sua obra no que diz respeito ao cuidado do bebê e da criança, bem como à maternidade.

Conforme Aiello-Vaisberg (2006), essa não seria a única vez em que o psicanalista incorreu na defesa de pontos de vista diversos em relação a uma mesma questão, fato compreensível se nos lembrarmos de seu estilo pessoal, extremamente fiel à sua sensibilidade e intuição clínica, mas avesso à sistematizações, bem como do fato de seu trabalho ter sido realizado num contexto institucional afastado e isolado do ambiente acadêmico de pesquisa. Desta forma, justifica-se a vigência de duas diferentes visões psicopatológicas no pensamento winnicottiano. Uma dessas visões, bastante explícita, segue o esquema tripartite, bastante comum no campo da psicopatologia psicanalítica,

que se configura como dois polos melhor definidos, correspondentes à neurose e à psicose e a uma série de quadros intermediários, qualificados como limites ou borderlines, (Abraham, 1923; Fenichel, 1945; Bergeret, 1974; Kernberg, 1975). A segunda visão, que permanece implícita e demanda a criação de novos conceitos, como o de falso e verdadeiro *self*, acompanha formulações antipsiquiátricas, tais como as de Cooper (1972/2013) e Laing (1963), apresentando-se como notavelmente radical e clinicamente inovadora. De acordo com Aiello-Vaisberg, essa segunda vertente pode conduzir o estudioso, inclusive, a romper com a primeira sistematização, que tem como critério básico a manutenção ou perda do sentido de realidade, uma vez que, na segunda visão winnicottiana, a loucura, a normalidade e a sanidade verdadeira se definem em função da pessoa alcançar ou não um estado em que pode se sentir viva, real e capaz de gestualidade transformadora de si e do mundo humano (Winnicott, 1988). Nesse contexto teórico, concede-se muita atenção à adaptação, porque se teme que decorra de mera submissão a normas socialmente vigentes e se coloca esperança nos transtornos, na medida em que podem ser tentativas de bloquear processos de amadurecimento.

Tendo examinado, ainda que brevemente, a duplicidade winnicottiana em relação à psicopatologia, cabe voltar nossa atenção a uma segunda duplicidade que detectamos, ao longo dos nossos estudos, no pensamento desse grande autor. Trata-se, assim, de apontar que, no que tange ao cuidado infantil e à maternidade, podemos detectar duas diferentes formulações que, como se verá, associam-se a diferentes posicionamentos ideológicos e ético-políticos, de grande importância para aqueles que se preocupam com a questão da opressão da mulher contemporânea e com o futuro, a continuidade e a humanização da vida social. Assim, se nos limitamos a estudar os textos em que o cuidado do bebê e da criança, bem como a maternidade, são abordados de modo manifesto, encontramos uma teoria que substituiu um organismo abstrato, com o qual Freud (1911/1955) lidou, por exemplo, no texto magistral em que expõe os dois princípios do funcionamento psíquico, por um bebê concreto nos braços de sua mãe vivenciando delicados processos desenvolvimentais de integração, personalização e realização (Winnicott, 1945). O ponto discutível dessa visão reside exatamente no fato de, apesar de não poucas vacilações, subscrever os cuidados infantis como derivados de processos que seriam favorecidos por mudanças hormonais. Em sua elaboração, afirma que mudanças fisiológicas facilitariam a entrada da mulher na chamada condição de preocupação

materna primária, que descreve como um estado psíquico alterado que seria doentio, caso não correspondesse a uma resposta de adaptação da mãe ao recém-nascido:

Essa condição organizada (que seria uma doença no caso de não existir uma gravidez) poderia ser comparada a um estado de retraimento ou de dissociação, ou a uma fuga, ou mesmo a um distúrbio num nível mais profundo, como por exemplo um episódio esquizóide, onde um determinado aspecto da personalidade toma o poder temporariamente (Winnicott, 1956/2000, p. 401).

É interessante refletir sobre o fato de que certamente Winnicott (1956/2000) baseava suas afirmações naquilo que podia observar clinicamente, mas talvez não criticamente, uma vez que parece ter tomado os costumes da sociedade inglesa, que não geravam busca de atendimento nem outros transtornos psicossociais, como sinal de que tudo caminhava bem, graças, fundamentalmente, a um bom funcionamento biológico. Ora, temos bons motivos para suspeitar que, no mesmo continente europeu, muitas mulheres não se comportariam de modo retraído como as inglesas, mas antes se tornariam mais próximas e receptivas à atenção e aos cuidados dos demais, sem apresentar transtornos. Isso, sem contar que, em sociedades sexistas, ter um bebê de sexo masculino pode ser uma experiência bastante diversa de ter um bebê de sexo feminino, que o primeiro filho é uma experiência que pouco tem de comum com ter o quarto filho – vale dizer, ter outras três crianças com as quais se preocupar. Enfim, há todo um leque de diferentes situações que pode interferir marcadamente na experiência vivida pela mulher, de sorte que essa ideia de um estado, fisiologicamente determinado, com força suficiente para neutralizar aspectos da singularidade da dramática do viver, não parece algo que se possa assumir sem cautela. Em outros termos, podemos afirmar que gravidez, parto e puerpério não correspondem, entre humanos, a acontecimentos cuja determinação se esgota na legalidade característica do ser orgânico. Evidentemente, os eventos orgânicos são básicos, porque a eles está associada a própria sobrevivência biológica, mas, na

experiência vivida, enquanto dramática, reside o interesse daqueles que pesquisam no campo da psicologia.

Podemos, agora, focalizar a segunda visão, encontrável na obra winnicottiana sobre o cuidado do bebê e da criança e, em consequência, sobre aquilo que podemos chamar de maternidade. Nesse momento, voltar-nos-emos para a consideração de textos em que tais questões não figuram de modo manifesto e explícito. Assim, constatamos que, de forma indireta e implícita, o texto winnicottiano brinda o estudioso com uma outra visão do cuidar humano (Plastino, 2012), que pode ser sem dúvida aplicada à compreensão do cuidado infantil. Winnicott (1988) sentiu necessidade de elucidar sua visão antropológica, que forjou a partir de uma clínica que mesclava atendimento de pacientes psicóticos e *borderlines* graves com consultas terapêuticas em psiquiatria infantil. Por esta via, chegou a concepções segundo as quais o ser humano é dotado de natureza própria, que lhe é exclusiva e decorrente do fato de existir como ser essencialmente social, diferindo ontologicamente dos entes da esfera orgânica e da esfera inorgânica do ser (Lukács, 1978/2013).

O ser humano, para Winnicott (1988) se define a partir de um conjunto de capacidades, que existem de modo potencial, mas que se realizam se puder contar com um ambiente humano favorável ao seu desenvolvimento. É interessante notar que a ideia de prontidão para o desenvolvimento surge, de início, conforme Wondracek (2017) sob inspiração darwiniana e bastante associada a imagens botânicas:

Em cada bebê há uma centelha vital, e esse impulso em direção à vida, ao crescimento e ao desenvolvimento é parte do bebê, algo com o qual o bebê nasce e que é carregado para frente de um modo que não temos como entender. Por exemplo, se você colocou um bulbo na floreira, você sabe perfeitamente bem que não precisa fazer nada para que o bulbo cresça como narciso. Você providencia o tipo correto de terra ou fibra, mantém o bulbo aguçado corretamente e o resto vem naturalmente, porque o bulbo tem vida em si (Winnicott, 1947, p. 27).

Contudo, a exemplo do realizado por Plastino (2012), não temos dificuldade em desembaraçar a ideia winnicottiana das imagens da botânica, entendendo que se trata mais de poesia do que exatamente de um modelo científico. Na verdade, Winnicott (1947) quer aí demonstrar que o indivíduo já nasce dotado de potenciais que somente se realizarão se estiverem em ambiente favorável. Conforme Plastino, que nos parece estar num caminho satisfatório, o que está claramente em jogo é a vigência de um ambiente antropologicamente favorável à realização do humano. Percebemos a correção de tal interpretação quando examinamos as capacidades que as crianças trariam consigo sob forma potencial: capacidade de acreditar, de ficar sozinho, de brincar, de se preocupar, enfim, atos que correspondem a características humanas.

Descortinamos, assim, um quadro bastante interessante. De um lado temos a afirmativa de que essas capacidades, especificamente humanas, dependem da integridade neurológica do indivíduo. Desse modo, Winnicott (1988) posiciona-se corretamente em relação à legalidade da esfera orgânica do ser, reconhecendo que o ser sócio-humano se assenta sobre o ser biológico. Por outro lado, quando explicita aquilo que corresponderia, na imagem usada, à iluminação, ao solo e à umidade necessária para a planta, o autor apresenta o ambiente humano suficientemente bom, aquele que sustenta sem invadir, aquele que reconhece a singularidade individual, aquele que cuida. Essa visão do encontro do potencial individual com o ambiente antropologicamente bom resulta na realização da capacidade.

Esse quadro pode ficar mais preciso, se lembrarmos que o ser sócio-humano, na concepção de Lukács (1978/2013), é sempre constituído por dois polos: o indivíduo e a humanidade. Não haveria, portanto, possibilidade de resolução exclusivamente intrapsíquica de nenhuma questão humana, do mesmo modo que nada se soluciona coletivamente se o valor do indivíduo, de cada indivíduo, não puder ser reconhecido. Tais formulações, visivelmente importantes do ponto de vista ético-político, podem ser articuladas com a dupla polaridade, postulada por Winnicott (1988), indivíduo/ambiente humano, à luz do qual tudo se realiza no encontro. Realizações pessoais que se fazem às custas do coletivo não são verdadeiras realizações. Do mesmo modo, realização coletiva feita às custas do indivíduo tampouco fazem sentido.

Uma dessas capacidades, que o indivíduo traz consigo, de modo potencial, seria aquela que consiste em agir de modo ético. Como capacidade, não se trata de algo que

precise ser propriamente aprendido, mas de uma tendência própria da natureza humana, na qual o fundamental não é a condição de animal mamífero. De acordo com Plastino (2012), essa capacidade ética se assenta, no pensamento winnicottiano, sobre a capacidade de cuidar:

A efetiva concretização das tendências naturais constitui, em cada caso singular, um evento que pode ou não acontecer. Na concepção winnicottiana, o vir a ser efetivo das tendências naturais requer da ação histórica. É por isso que é possível afirmar que o ser humano está radicalmente inserido na natureza e radicalmente inserido na história. Sendo constitutivo da subjetividade, o ambiente é também constitutivo do sentimento ético, não no sentido de impor algo ao sujeito em formação, mas no de favorecer o desenvolvimento de potencialidades contidas na sua forma de ser natural. Na ótica do analista inglês, empatia e compaixão fazem parte da herança antropológica, cabendo ao ambiente a responsabilidade central na sua emergência. Para isso, sua ação deve ser orientada no sentido de respeitar a dinâmica espontânea da vida no bebê, fazendo possível para que o reconhecimento da alteridade seja vivenciado em um contexto amoroso, favorecedor da emergência do sentimento de compaixão. Com esta concepção – forjada no bojo de uma extensa prática clínica –, a perspectiva winnicottiana fornece as bases fundamentais para pensar os fundamentos naturais da ética sem, no entanto, assumir determinações que engessem a criatividade humana; e ainda para pensar a história, sem que a criatividade se desvincule radicalmente da natureza (Plastino, 2012, p. 81).

De acordo com Plastino (2012), a ideia de uma ética espontânea, correspondente a uma tendência da natureza humana, ou seja, própria da ontologia do ser social (Lukács, 1978/2013), depende do ambiente antropológico que, no momento histórico, no qual nos

encontramos, tende a oscilar entre dois posicionamentos: a ética da conquista, hegemônica na modernidade capitalista, e a ética do cuidado. Percebemos, aí, que a questão das práticas de cuidado não é algo primariamente relacionado a técnicas, mas, sim, a um verdadeiro posicionamento existencial. Portanto, a nosso ver, a questão do cuidado infantil e da maternidade deve ser pensada, antes de mais nada, no âmbito de uma potencialidade humana cuja realização pode ser favorecida – ou não – pelo ambiente humano. Não há, portanto, porque esperar para afirmar que uma tendência fundamental, que acontece no interjogo dos potenciais individuais com o ambiente antropológico, faz parte da natureza humana e se encontra, desse modo, acima das questões que visam naturalizar a condição feminina.

Parece-nos, portanto, que o cuidado infantil, que se origina na condição de dependência do bebê, pode ser pensado à luz do conceito winnicottiano de natureza humana tal como elaborado por Plastino (2012). Essa natureza se define pelo fato de diferenciar-se da materialidade dos mundos orgânico e inorgânico, ainda que deles dependa. Nessa perspectiva, todo ser humano estaria dotado de potencialidades criativas e cuidadoras que se realizariam quando contasse com ambientes suficientemente bons. Capacidades tais como a de se sensibilizar, de se relacionar, de se preocupar, de acreditar ou de brincar, sempre potencialmente presentes, definiriam o modo humano de existir que seria, sempre, coexistir.

Tendo no pensamento blegeriano a base teórico-epistemológica a partir da qual estabelecemos diálogos com o texto winnicottiano, é possível considerar que os ambientes humanos, no qual se desenrolam os diversos atos, como, por exemplo, o cuidado infantil, seriam produzidos por atos individuais e coletivos. Tais ambientes, a nosso ver, não dependem apenas das interações que se dão face a face, mas também daquilo que ocorre nos contextos macrossociais (Amati-Sas, 2004; Bleger, 1963/2007). Entendemos, assim, que, por exemplo, relações entre mães e filhos possam ser consideradas muito delicadas em sociedades estruturadas em termos de relações hierárquicas de gênero que, evidentemente, conformam ambientes menos propícios à realização de potenciais humanos, na medida em que a vida cotidiana se escoia de modo socialmente sofrido.

Deste modo, podemos pensar o ambiente, como proposto no texto winnicottiano, com campos de sentido afetivo-emocional, no qual as necessidades podem ser atendidas,

favorecendo a realização dos potenciais de criação e de cuidado, ou, ao contrário, provocando sentimentos de desamparo, humilhação e injustiça (Renault, 2010) que se expressarão como condutas defensivas, sempre mais ou menos contaminadas por agressividade e violência contra si ou contra o outro.

Se os ambientes humanos são sempre importantes, é necessário reconhecer sua relevância nos processos de desenvolvimento de bebês, crianças e adolescentes. Portanto, não há como negar que a criação de ambientes que possam configurar-se como campos favoráveis à humanização pode revelar-se bastante benéfica na proteção à infância e na criação de um futuro melhor para as novas gerações, da mesma forma que sabemos que violências e maus tratos não contribuem para uma vida saudável. O ambiente humano é criado por todos, tanto por aqueles que lidam diretamente com as crianças, quanto por aqueles que produzem o ambiente em que todos vivem.

Cabe, portanto, lembrar que só devemos nos referir à chamada mãe-ambiente quando queremos nos aproximar da experiência vivida pela criança *desde seu próprio ponto de vista* (Winnicott, 1945). A criança necessita fantasiar que os adultos cuidadores podem socorrê-la, porque, efetivamente, ela mesma vive numa situação de dependência de cuidados alheios. Na verdade, quando destacou a ideia de uma mãe-ambiente, diferenciando-a da mãe enquanto objeto da pulsão, Winnicott (1960/1965) deu um passo importante no sentido de permitir que o bebê fosse visto como pessoa em constituição e não apenas como organismo biológico. Entretanto, essa expressão deu margem a imaginar que caberia à mãe biológica prover o ambiente suficientemente bom de que o filho necessita, como se somente ela tivesse condições de se encarregar dessa tarefa.

Consideramos que a maternidade, como atividade isoladamente exercida no âmbito da família nuclear, conforma-se como um arranjo cultural que favorece sofrimentos socialmente determinados da mãe, além de facilitar o afastamento de outras pessoas, particularmente do próprio pai, da família extensa e de outras relações. Isso não significa que neguemos que mães possam se sentir profundamente gratificadas pelas tarefas que desempenham junto aos filhos. Muito ao contrário, temos tido oportunidade de constatar que, mesmo em situações muito adversas, que envolvem, por exemplo, cumprimento de sentença judicial (Chinalia, Assis, Visintin & Aiello-Vaisberg, 2018) ou crianças com condições precárias de saúde (Couto, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2007; Fabris-Zavaglia, 2020), as relações materno-filiais podem proporcionar gratificações

afetivo-emocionais profundas que, com Plastino (2012), podemos considerar como intrinsecamente associadas à realização criativa de potenciais humanos.

Por outro lado, a ocorrência de sofrimento emocional socialmente determinado, que parece se intensificar no momento histórico atual, no qual vigora a dupla jornada, corresponde a um problema que merece ser pesquisado e solucionado. Sendo assim, justificamos o objetivo de investigar imaginários coletivos sobre o cuidado infantil e a maternidade, abordando, como participantes, estudantes de medicina, na medida em que estão engajados numa formação que propicia proximidade com mães que acompanham filhos necessitados de atendimentos médicos, vale dizer, que se encontram em situações que demandam cuidados, tendo em mente o *locus* que a mãe ocupa, em nossa cultura, como principal cuidadora das crianças.

CAPÍTULO 2 - PESQUISA QUALITATIVA, PSICANÁLISE E PSICOLOGIA PSICANALÍTICA CONCRETA

Conforme anunciamos na apresentação, nutrimos a intenção de que essa tese, que se organiza ao redor de uma investigação empírica sobre imaginários coletivos sobre cuidado infantil e maternidade, contando com estudantes de medicina como participantes, possa também conter uma contribuição metodológica relevante. Tal intenção ganha sentido na medida em que nosso grupo de pesquisa vem trilhando uma trajetória de aprimoramento e de fundamentação do uso do método psicanalítico em pesquisas qualitativas de acordo com a perspectiva da psicologia psicanalítica concreta. Nosso tipo de trabalho tem sido reconhecido heurísticamente fecundo em pesquisas sobre sofrimentos humanos (Rosa, Lima, Peres & Santos, 2019), motivo pelo qual se justifica o esforço de tecer certas reflexões sobre tal trabalho, que se insere no leque dos referenciais qualitativos.

O presente capítulo, que pode ser considerado como um esforço alentado, dados os propósitos acima explicitados, organiza-se em duas seções. Na primeira delas, discorreremos sobre diferentes modos, identificáveis na literatura científica, por meio dos quais tem sido realizada a articulação entre pesquisa acadêmica e psicanálise. Aí identificamos 1) pesquisas que tomam a psicanálise como objeto de estudo, 2) pesquisas de desenho positivista, 3) pesquisas que usam teorias psicanalíticas para compreender material empírico produzido de modo qualitativo e 4) pesquisas qualitativas que utilizam a psicanálise como método investigativo. Desse modo, ao demonstrarmos a riqueza dessa articulação, apontamos para alguns debates e divergências, situando a nossa localização nesse cenário.

Na segunda seção, debruçamo-nos sobre o conjunto de investigações que, malgrado as inúmeras diferenças que guardam entre si, convergem no sentido de usar a psicanálise como método em pesquisas qualitativas. Nossas próprias pesquisas inserem-se nesse conjunto, perfilando-se como um dos modos pelos quais esse uso pode se concretizar. Cuidaremos, aqui, de duas questões fundamentais nesse tipo de investigação: a situação inter-humana na qual o material de pesquisa é produzido e as etapas do

processo investigativo - produção, registro e interpretação do material de pesquisa - em que efetivamente o método é colocado em marcha. Perceberemos que o método psicanalítico se presta a uso “solo” ou combinado com outros, com os quais possa operar articulação coerente, do que resulta uma grande variedade de desenhos possíveis, que deixam espaço suficiente para o exercício da criatividade dos pesquisadores.

Articulações entre pesquisa acadêmica e psicanálise

Lembrando que, por variadas razões, que não incluíam o desinteresse do fundador da psicanálise pela ciência ou pela academia, começamos a discutir a articulação entre pesquisa acadêmica e psicanálise apontando que esta se desenvolveu, em seus primórdios, fora do ambiente universitário (Freud, 1919/1955). Contudo, essa situação, que perdurou por muitas décadas, veio a sofrer grandes modificações na medida em que, sem que as sociedades psicanalíticas tenham deixado de existir e mesmo de proliferar, o saber psicanalítico tornou-se e se tem mantido muito presente nas universidades. No caso do Brasil, o vigor com o qual a psicanálise veio a penetrar, tanto nos cursos de graduação, quanto em programas de pós-graduação em psicologia, gerando uma produção expressiva de pesquisas, vem sendo reconhecido e valorizado internacionalmente (Roudinesco, 2003).

Quando buscamos melhor conhecer as pesquisas acadêmicas, que se articulam com a psicanálise, deparamo-nos com uma interessante distinção, formulada por Herrmann (2004), um dos psicanalistas que mais se dedicou, entre nós, à pesquisa acadêmica com o método psicanalítico. Embora sua perspectiva teórica não coincida com a psicologia psicanalítica concreta que adotamos, não deixamos de nos beneficiar do uso de ponderações que o psicanalista brasileiro realizou a partir do seu interesse pela pesquisa universitária e de sua experiência como orientador na pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

No entender de Herrmann (2004), encontramos três tipos de estudo nos quais pesquisa acadêmica e psicanálise são articuladas na literatura especializada. A essas, acrescentamos um quarto tipo que pode ser identificado como psicossociais:

1. Pesquisas teóricas
2. Pesquisas empíricas
3. Pesquisas clínicas
4. Pesquisas psicossociais

As pesquisas teóricas seriam aquelas que se voltam para o estudo de desenvolvimentos teórico-conceituais da psicanálise, visando acompanhar o modo como problemas, com os quais se defronta o psicanalista, seriam teoricamente solucionados por meio da proposição de conceitos e teorias psicológicos e psicopatológicos. Para isso, tomam textos teóricos psicanalíticos como objetos de estudo. Podemos citar, como exemplo desse tipo de pesquisa, trabalhos realizados por autores com formação filosófica, como Mezan (2019, 2020) e Loparic (2018), ou por autores que, sendo psicólogos de formação, mantêm laços estreitos com o campo da filosofia, como Fulgencio (2020a, 2020b). Há ainda casos de autores com dupla formação, como, por exemplo, Ayouch, (2012, 2018), que é graduado em psicologia e em filosofia.

No nosso entender, tais produções revelam-se úteis quando intentamos compreender o pensamento de grandes autores, além da organização de seu próprio pensamento. Podemos aqui recordar, como um bom exemplo desse tipo de produção, a tese de doutorado de Leda Herrmann (2004) que, orientada por A. Naffah, analisou a proposta metodológica de F. Herrmann (1979), conhecida como Teoria dos Campos. Trata-se de trabalho valioso que combina análise precisa do trabalho conceitual do pensamento herrmanniano com a respeitável experiência clínica e de pesquisa da autora.

Entretanto, como bem argumenta o próprio Herrmann (2004), nem sempre as pesquisas sobre desenvolvimentos teórico-conceituais chegam a ser efetivamente úteis, na medida em que parecem “...espiar a psicanálise por fora, não mais por interdição, mas por hábito” (Herrmann, 2004, p. 47). Por este motivo, muitas vezes fazem apenas um trabalho um tanto restrito, que pode ser pensado, comparativamente, como uma análise de fotogramas que constituem o filme, mas não são o filme, na medida em que o destituem de um elemento fundamental, vale dizer, do próprio movimento:

Os conceitos psicanalíticos, os de Freud, assim como os de todos os demais autores, só adquirem pleno sentido quando em movimento, como os fotogramas que compõem um filme. [...] Discutir os conceitos da psicanálise em *estado teórico*, o oposto do *estado nascente* que a clínica e a análise da cultura proporcionam, pode levar rigorosamente a qualquer conclusão [...] Só em movimentos, como interpretantes de uma psicanálise, mesmo que de uma psicanálise ficcional, hipotética ou quase conjectural, entra de fato em relação as diversas redes conceituais da psicanálise (Herrmann, 2004, p. 48).

Assim, o autor não enfrenta dificuldade em concluir que esse tipo de produção sempre corre o risco de se tornar, pura e simplesmente, comentário erudito sobre teorias, que não contribui para o avanço no processo de produção de conhecimento. Cabe lembrar que o termo psicanálise, no seu texto, engloba não apenas a clínica padrão e os enquadres diferenciados, mas toda pesquisa sobre fenômenos sociais e culturais. Deste modo, arremata com uma frase lapidar, com a qual concordamos: “A psicanálise é o método interpretativo em ação e não uma teoria” (Herrmann, 2004, p. 48).

As investigações do segundo tipo, designadas como “pesquisas empíricas”⁴, seriam aquelas que adotam desenhos positivistas para cumprir dois diferentes tipos de objetivos:

1. estudar e testar hipóteses que derivam de enunciados teóricos psicanalíticos
2. verificar de modo positivista a eficácia clínica de intervenções psicanaliticamente orientadas

⁴ Chamamos a atenção para o fato de Herrmann (2004) não estar sendo absolutamente preciso ao designar esse conjunto de trabalhos, que articulam psicanálise e epistemologia positivista, como “pesquisa empírica”, uma vez que o terceiro tipo, que denomina como pesquisa clínica, seja em clínica padrão ou fora dela, abrange, obviamente, trabalhos qualitativos que são, evidentemente, de cunho empírico. Por esta razão, usaremos aspas quando falarmos em pesquisa empírica na acepção herrmanniana. Lembramos que a pesquisa, que apresentamos nessa tese, consiste justamente em trabalho empírico-qualitativo com método psicanalítico.

Por um lado, o primeiro subconjunto, ou seja, aquele constituído pela verificação da validade de certas proposições teóricas, corresponde a trabalhos que objetivam examinar a veracidade ou não falseabilidade de enunciados psicanalíticos. Exemplo desse tipo de iniciativa é o estudo de Simon (1993), que busca examinar a veracidade de hipóteses formuladas por dois psicanalistas, sobre as relações de objeto primitivas, por meio do uso de um instrumento projetivo. Na mesma linha, buscando participar de um interessante debate, formulado originalmente por Bergeret (1974), que afirmou uma teoria baseada na experiência clínica acerca da relativa independência entre planos estruturais e sintomáticos no campo da psicopatologia psicanalítica, Pinto Júnior, Rosa, Chaves e Tardivo (2015) realizaram pesquisa por meio de avaliação psicológica, utilizando o Questionário Desiderativo como instrumento, com 30 homens que cumpriam sentenças judiciais devidas à prática de abuso sexual intrafamiliar. Por esta via, puderam concluir que os participantes, que apresentavam condições homogêneas no plano sintomático, não apresentam uma estrutura psicopatológica típica, corroborando o enunciado do psicanalista francês sobre a independência relativa entre sintoma e personalidade.

Por outro, o segundo subconjunto das pesquisas, constituído por estudos positivistas sobre eficácia clínica de intervenções psicológicas, caracteriza-se pela realização de vários tipos de avaliações e mensurações psicológicas, antes e depois da intervenção, cuja potência se quer apreciar, para verificar a ocorrência eventual de benefícios e melhoras. Como exemplo, podemos citar o trabalho de Leuzinger-Bohleber et al. (2019) que, comparando a eficácia da terapia cognitivo-comportamental e da terapia psicanalítica de pacientes com depressão crônica por meio do *Quick Inventory of Depressive Symptoms* [QIDS] e do Inventário de Beck de Depressão, percebeu que ambas as terapias levam a melhorias significativas e sustentadas ao longo do tempo, de modo que não foi encontrada diferença na eficácia clínica dos dois tratamentos.

Como se vê, as “pesquisas empíricas”, que articulam psicanálise e abordagem objetivante, na avaliação de eficácia de procedimentos clínicos, são realizadas por autores que usam a psicanálise enquanto método clínico, mas não enquanto método investigativo de produção de conhecimento sobre o humano. Incluem-se, nessa categoria, por exemplo, trabalhos de autores como Fontana et al. (2020), Jung, Nunes e Eizirik (2007) e Simon (2005).

Do nosso ponto de vista, estudos de eficácia clínica revelam-se de suma importância, porque, segundo imperativos éticos, intervenções psicológicas, como todas intervenções de cuidado, merecem ser estudadas tendo em vista verificar se geram benefícios significativos ou não. Da mesma maneira, é necessário, também do ponto de vista ético, determinar o benefício da intervenção, abarcando a experiência do participante ao longo do processo da avaliação de eficácia clínica. Deste modo, realizar estudos avaliativos de eficácia, no âmbito da psicologia clínica, corresponde a uma iniciativa legítima. Entretanto, é indispensável frisar que concordamos com Ambrosio (2013) quando se posiciona contrariamente ao uso de instrumentos que colocam o paciente em posição de objeto a ser avaliado, na medida em que tal medida se choca com intervenções compreensivas, que se definem por ocorrerem como encontros inter-humanos. Por esse motivo, Ambrosio empenhou-se em desenvolver, em sua tese de doutorado, uma forma de apreciação de benefícios derivados de intervenções psicológicas compreensivas que não interferem com o acontecer clínico.

Consideradas em seu conjunto total, que abrangem aquelas que verificam de modo positivista a falseabilidade de enunciados teóricos psicanalíticos e aquelas que avaliam de modo positivista a eficácia clínica de intervenções psicanalíticas, as “pesquisas empíricas” são criticadas, desde seus fundamentos, por autores que aderem a linhas epistemológicas compreensivas, entre as quais se insere a perspectiva crítico-dialética que adotamos. Nesse sentido, Bleger (1963/2007) afirma, por meio da noção de nível de integração dos fenômenos, como os processos de produção de conhecimento diferem de acordo com a possibilidade de suportar operações intelectuais de maior ou menor abstração do mundo em que vivem os seres humanos. Tal questão pode ser suficientemente esclarecida quando lançamos mão do estudo ontológico de Lukács (1978/2013), uma vez que a perspectiva filosófica dialética, que informa os textos blegerianos, implica aceitar a distinção lukacsiana entre três modos de existência, o inorgânico, o orgânico e o humano, sendo que este último apresenta caráter eminentemente social. O ser social não deve ser concebido como oposto ao ser natural, mas, tampouco, como sua mera continuidade, valendo lembrar que, no entender do filósofo húngaro, o surgimento da capacidade humana de transformar a realidade pela via do trabalho inaugura um novo domínio ontológico. Sendo assim, compreendemos a razão pela qual não conseguimos produzir conhecimento relevante sobre fenômenos humanos usando os mesmos métodos de estudo da realidade natural, seja orgânica, seja inorgânica.

Nessa linha, entendemos que a perspectiva positivista não gera conhecimento significativo e útil quando aplicada à busca de compreensão dos fenômenos especificamente humanos, porque essa não admite elevado grau de abstração, ou seja, não admite um grande distanciamento da concretude do acontecer inter-humano, que caracteriza a objetivação positivista. Por este motivo, certos autores, como Bleger (1963/2007), insistem em lembrar que, por mais avançadas que se tornem as ciências biológicas, gerando tecnologias que revolucionam certos campos, como o da saúde, seus métodos jamais poderão dar conta, de modo compreensivo, de fenômenos de ordem social, histórica, política, cultural, ética ou psicológica, porque esses não se prestam a ser produtivamente abordáveis como *res extensa*.

Cabe finalizar aqui nossas considerações sobre as “pesquisas empíricas” que articulam psicanálise e abordagem positivista, lembrando que, a subtração curricular de estudos filosóficos, dos cursos de graduação em psicologia, ciência que correspondia originalmente a uma especialização a ser realizada após a graduação em filosofia, trouxe consequências importantes. Assim, tendo sua formação em teoria do conhecimento drasticamente piorada, os psicólogos/pesquisadores tornaram-se menos exigentes do ponto de vista da epistemologia, do que resultou uma maior susceptibilidade a se tornarem fortemente pragmáticos, passando a adotar posicionamentos positivistas para facilitar a obtenção de financiamentos junto a órgãos de fomento, que se encontram sob a direção de pesquisadores das ciências exatas e naturais. Essa situação sofreu ligeira modificação a partir da década de oitenta do século passado, quando a pesquisa qualitativa ganhou algum terreno no primeiro mundo, tanto nas ciências sociais em geral (Denzin & Lincoln, 2018), como na psicologia em particular (Willig & Rogers, 2017). Assim, os pesquisadores brasileiros da área da psicologia têm diminuído sensivelmente o uso da estatística em suas investigações, mas, sem contar com boa base filosófica, seguem aderindo, num número bastante expressivo de produções, a raciocínios abstratos e objetivantes. Esse fato pode ser facilmente constatado quando estudamos capítulos de revisão em teses e dissertações, uma vez que mostram uma quantidade expressiva de estudos positivistas, que se revelam francamente insuficientes na produção de conhecimento compreensivo sobre o humano.

O terceiro grupo de pesquisas acadêmicas, identificado por Herrmann (2004), o das pesquisas clínicas, requer uma certa atenção, porque o adjetivo “clínico” pode ser usado em mais de um sentido. Em acepção comum, a pesquisa clínica é aquela que se faz

a partir do atendimento de pacientes. Entretanto, forjando o conceito de clínica extensa ou ampliada, perfeitamente condizente com o sentido que Bohoslavsky (1977) atribui à abordagem dita clínica, Herrmann (2004) opera um movimento bastante interessante que, num único golpe, recupera Freud como modelo de pesquisador capaz de teorizar a partir dos mais variados encontros inter-humanos – que se dão no cotidiano e toda vez que se vê diante de obras artísticas e culturais, bem como de fenômenos sociais - e não apenas a partir daquilo que se vive nas sessões com seus próprios pacientes. O termo “clínica” figura, nesse contexto, sob uma acepção muito precisa, que não se confunde com aquela que mantém no campo da medicina, no sentido de tratamento não-cirúrgico, para associá-lo à cura que, em seu sentido original, que é ético e não técnico, conota, de modo abrangente e ampliado, todo cuidado do humano. Nessa acepção, podem ser designadas como clínicas uma série de atividades que invocam potenciais criativos de coexistência, tendo por foco a melhoria da vida dos seres humanos (Plastino, 2012). Para Herrmann (1979), essa é a cura que importa. Concordando com tal ideia, entendemos que, quando realizamos pesquisa com método psicanalítico, buscamos produzir conhecimento que possa beneficiar as pessoas como singularidades individuais e como integrantes do coletivo humano, ou seja, as duas polaridades que compõem a esfera sócio-humana (Lukács, 1978/2013).

Assim, ao definir, como pesquisa clínica psicanalítica, investigações que se articulam à psicanálise enquanto método investigativo, Herrmann (2004) descortina e fundamenta, com rigor, um caminho dotado de notável fecundidade heurística. Temos seguido essa sua orientação, ainda que não nos baseemos na sua Teoria de Campos, e sim na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, uma vez que consideramos que a articulação entre o saber psicanalítico, em chave intersubjetiva, e a filosofia dialética, que se fundamenta na ontologia do ser social (Lukács, 1978/2013), corresponde a um referencial que pode melhor dar conta do estudo dos chamados sofrimentos sociais.

Sob a pena de Herrmann (2004), o termo “clínico” é preciso, descolando-se da acepção comum no campo da medicina, mas não se limita àquilo que a grande maioria dos autores psicanalíticos entende como tal. Em sua visão, como veremos, as pesquisas clínicas podem incluir, mas ultrapassam, as investigações que, desde os primórdios do estabelecimento do campo psicanalítico, sempre foram consideradas como pesquisa psicanalítica por excelência: aquela que se realizaria ao longo das próprias análises, usando como material as comunicações dos pacientes. Tal atividade de registro de

sessões, com vistas a produzir novos conhecimentos, ao lado da formação de psicanalistas clínicos, justificaria a própria existência das sociedades de psicanálise. Nesse sentido, Herrmann (2004) observa:

É verdade que a clínica nos proporcionava o melhor material de pesquisa concebível e é verdade que a arrasadora maioria dos analistas se dedicavam exclusivamente a ela, coletando um acervo de dados e de experiência dificilmente rivalizado por qualquer outra área de investigação nas ciências humanas. Mas também não é verdade que esse vasto material estivesse à disposição da comunidade científica, que fosse apresentado numa forma metodologicamente defensável (...) e, ponto crucial, que a clínica psicanalítica, fonte respeitada de material clínico, se tenha de resumir à clínica padrão, praticada pelos analistas didatas ou à sua imagem, com exclusão de todas as outras formas de prática psicanalítica, inclusive de muitas daquelas utilizadas nos tempos freudianos. Não bastara isso, o fato mesmo de Freud haver-se dedicado a quase todas as formas imagináveis de investigação psicanalítica, que iam da pesquisa clínica – que hoje diríamos extensa, ou quem sabe, extensíssima, porque compreendia seus próprios sonhos e atos falhos, além de episódios do cotidiano, encarados clinicamente, à investigação teórica e à análise da cultura, era um dedo em riste dirigido em censura a nosso rosto (Herrmann, 2004, p.45).

Entretanto, a nosso ver, seria importante acrescentar, aos três tipos de pesquisa identificados por Herrmann (2004), um quarto tipo, já apontado por Assis (2020), para fazer jus a certas iniciativas que têm ocorrido principalmente em universidades inglesas. Referimo-nos aos chamados estudos psicossociais que consistem, segundo percebemos, em formas de articulação entre pesquisa acadêmica e teorias psicanalíticas - especialmente, mas não exclusivamente, lacanianas. Talvez um dos trabalhos mais

destacados, nesse grupo, sejam os de Stephen Frosh (2017, 2019) e os de Ian Parker (2008, 2010), autores que vêm mantendo certo intercâmbio com a universidade brasileira (Frosh & Mandelbaum, 2017; Goulart, Burman & Parker, 2019).

De todo modo, julgamos importante sinalizar que o uso de teorias psicanalíticas na busca de compreensão de fenômenos sociais não deixa de ser polêmico. Há autores, como Herrmann (2004), com o qual concordamos, que advertem contra o que seria, a seu ver, mera aplicação de teorias psicanalíticas, sustentando que a única forma de seguir fiel ao conhecimento psicanalítico seria adotar seu método, que apresenta finalidade heurística, em *settings* clínicos e na pesquisa clínica social. Nessa perspectiva, a aplicação desta ou daquela teoria psicanalítica estabelecida seria uma atividade submissa e pouco criativa, que colocaria a psicanálise na incômoda posição de construção dogmática – traindo, assim, sua vocação de processo de produção contínua de novos conhecimentos que seu método investigativo sustenta. Entretanto, autores adeptos do uso aplicado de teorias, como Parker (2008, 2010), argumentam acerca da fecundidade do uso das teorias psicanalíticas, uma vez que já fariam parte do discurso social. Há, aí, um paradoxo, sobre o qual não pretendemos nos deter, porque estranhamos o fato de autores, que defendem posições críticas em relação ao mundo social, adotarem posições submissas diante de certas teorias psicanalíticas, como se essas pairassem acima de toda crítica. O fato não deixa de ser muito curioso quando lembramos que a dimensão metodológica da psicanálise, primária em relação às teorias e aos procedimentos clínicos, é absolutamente compatível e, inclusive, facilita o cultivo de posicionamentos críticos em relação às teorias estabelecidas e à realidade social.

Para concluir a primeira parte do presente capítulo, onde apresentamos quatro diferentes tipos de estudo, por meio dos quais podem ser realizadas articulações entre pesquisa acadêmica e psicanálise, destacamos que a nossa própria produção, inscreve-se no terceiro tipo de pesquisa. Assim, declaramo-nos concordes o uso do método psicanalítico seja em contextos de atendimento clínico, seja em enquadres clássicos, seja em enquadres diferenciados, como na abordagem de outras formas de manifestação humana, como produções culturais e fenômenos sociais.

Considerando que nossa própria pesquisa se inclui entre aquelas que articulam a pesquisa qualitativa com uso da psicanálise enquanto método investigativo, dedicaremos a próxima seção a um detalhamento sobre as variadas possibilidades por meio das quais

esse tipo de trabalho investigativo pode ser realizado. Distinguimos, para melhor ordenação do texto, dois assuntos: situações de produção do material de pesquisa e procedimentos investigativos por meio dos quais o método psicanalítico se operacionaliza.

Pesquisa qualitativa com método psicanalítico

Os autores que articulam a realização de pesquisas empíricas qualitativas com o método psicanalítico, vale dizer, que realizam pesquisas do terceiro tipo, que Herrmann (2004) designa como clínicas, abrangendo o que denomina clínica extensa dos fenômenos sociais e culturais, além de sessões de atendimento realizadas em múltiplos enquadres, reconhecem que a psicanálise foi definida e praticada por Freud (1922/1955) como comportando três diferentes dimensões, estreitamente relacionadas, mas discerníveis, que seriam as de:

1. Método de investigação
2. Método terapêutico
3. Teorias

Percebem, assim, que as teorias e a terapêutica derivariam do método investigativo, admitindo que a dimensão metodológica investigativa guarda primazia e anterioridade lógica sobre as demais. Lembramos que o método segue duas regras de ouro, a livre associação de ideias e a atenção flutuante, cujas definições são apresentadas a seguir:

Associação livre: método que consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que acodem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea (Laplanche & Pontalis, 1967/1971, p. 69).

Atenção flutuante: modo como, segundo Freud, o analista deve escutar o analisando: não deve privilegiar a priori qualquer elemento do seu discurso, o que implica que deixe funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente e suspenda as motivações que dirigem habitualmente a atenção. Esta recomendação técnica constitui o correspondente da regra da associação livre proposta ao analisando (Laplanche & Pontalis, 1967/1971, p. 74).

Tais definições, que são clássicas, passam a impressão de que a psicanálise, tal como foi descrita por Anna O., seria uma “*talking cure*”, que se realizaria sempre como uma troca verbal. Contudo, os próprios desenvolvimentos do campo psicanalítico, associados à recepção de pacientes que apresentavam outras patologias, além da neurose, vieram a demonstrar que a associação livre de ideias e a atenção flutuante podem ser adaptadas de modo a abarcar comunicações não verbais. Exemplos de experiências clínicas não predominantemente verbais podem ser aqui lembrados, como quando crianças brincam nas sessões de ludoterapia, como mostra, por exemplo Tardivo (2011), quando arteterapia psicanalítica é realizada com o auxílio de materialidades mediadoras e sem enunciação de sentenças interpretativas, como mostra, por exemplo, Ambrosio (2005, 2013), ou quando atividades gráfico-verbais são disponibilizadas para facilitar a comunicação emocional em pesquisa, como mostra, por exemplo, Fabris-Zavaglia (2020). As adaptações das regras fundamentais do método psicanalítico se sustentam no

reconhecimento de que os seres humanos “falam” por outras vias além da verbal. Desse modo, todos os atos humanos, que sempre carregam sentido afetivo-emocional, podem ser pensados como expressões de personalidades⁵ individuais ou coletivas, de modo que a atenção flutuante se torna uma postura de recepção à totalidade do acontecer inter-humano e não apenas à fala do paciente, enquanto que a associação de ideias é o convite à expressão maximamente franca e não censurada.

Com esta consideração, é possível ampliar o uso das regras de ouro do método psicanalítico com rigor, uma vez que podem versar não apenas sobre a fala, mas, sim, sobre o drama, no sentido que o termo assume no texto de Politzer (1928/2004). Assim, as regras abrangem tudo aquilo que é emocionalmente relevante, seja por parte daquele que “fala”, seja por parte daquele que “escuta”, acolhendo tal drama.

O uso do método psicanalítico em pesquisa pode ser feito de muitas diferentes formas em variados desenhos investigativos. Esse leque de possibilidades pode ser organizado, aqui, segundo dois diferentes critérios, que abordaremos a seguir:

1. de acordo com o material de pesquisa utilizado
2. de acordo com o uso do método psicanalítico de modo exclusivo, ao longo de todos os procedimentos investigativos, ou de modo combinado com técnicas não psicanalíticas.

⁵ Lembramos o leitor que a ideia de existência de personalidades coletivas é admitida por Bleger (1963/2007) quando fala sobre os âmbitos da conduta. Esse autor adverte para o fato de que sempre que buscamos conhecer sentidos afetivo-emocionais, estaremos lidando com personalidades, com subjetividades, independentemente da unidade que recebe nossa atenção ser um indivíduo, um grupo, uma comunidade ou uma sociedade. Estudando produções culturais, Goldmann (1972) mostra, em ato, como personalidades transindividuais podem ser compreendidas. Entre nós, Machado e Aiello-Vaisberg (2003) detiveram-se sobre esse conceito no contexto do estudo de imaginários coletivos.

Método psicanalítico de investigação e settings de produção do material de pesquisa

No que diz respeito ao tipo de material passível de ser utilizado em pesquisa qualitativa com método psicanalítico, podemos distinguir quatro tipos de pesquisa:

1. Pesquisas com material proveniente de sessões clínicas
2. Pesquisas com material proveniente de entrevistas individuais ou coletivas
3. Pesquisas com materiais culturais ou artísticos
4. Pesquisas com manifestações de internautas

Sabemos que sessões clínicas correspondem a um tipo encontro inter-humano suficientemente capaz de favorecer expressões subjetivas e mudanças no modo como pacientes atendidos se vinculam com outras pessoas em suas vidas (Ambrosio, 2005, 2013). Um dos aspectos mais importantes das sessões psicanalíticas é a sua condição de constelar e tornar visível o fenômeno da transferência, que é classicamente definido como:

processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com uma sensação de atualidade acentuada. A maior parte das vezes, é à transferência no tratamento que os psicanalistas chamam transferência, sem qualquer outro qualificativo. A transferência é classicamente reconhecida como o terreno em que se joga a problemática de um tratamento psicanalítico, pois são a sua instalação, as suas modalidades, a sua interpretação e a sua resolução que caracterizam esse (Laplanche & Pontalis, 1967/1971, p. 668).

Entretanto, é importante lembrar que transferências ocorrem em todos os encontros inter-humanos, constituindo-se inclusive como um fenômeno inevitável (Greenberg & Mitchell, 1983). Assim, mesmo que convenhamos que a sessão psicanalítica seja uma situação em que a transferência pode ser mais facilmente percebida, o que a torna um *locus* precioso na produção de conhecimento qualitativo com o método psicanalítico, admitir que a transferência não se dá exclusivamente nela abre outras possibilidades, já empiricamente demonstradas, por meio das quais o método pode ser colocado em marcha. Em suma, é exatamente porque a transferência se constela em toda e qualquer relação inter-humana que o método freudiano não é potente apenas no consultório do psicanalista clínico. Nesse sentido, notamos, no mínimo, outras três possibilidades de situações humanas que vem sendo pesquisadas na produção de conhecimento mediante o uso do método psicanalítico, vale dizer, entrevistas de pesquisa, produções culturais e fenômenos sociais, bem como manifestações de internautas, as quais serão melhor apresentadas a seguir.

Entretanto, antes de discorrer sobre usos produtivos do método psicanalítico fora de sessões clínicas, não queremos deixar de assinalar que vários autores posicionam-se contrariamente a tais iniciativas. Assim, não ignoramos a insistência, a nosso ver profundamente equivocada, de tomar o método investigativo da psicanálise como idêntico à terapêutica dos distúrbios neuróticos, mas acreditamos que essa questão já foi superada pelo próprio Freud (1922/1955), com muita precisão e clareza, quando demonstrou que a vocação da psicanálise ultrapassa notavelmente seu uso específico como forma altamente sofisticada de psicoterapia, permitindo abordar fenômenos tais como os sonhos e eventos da vida cotidiana (Freud, 1900/1955; 1901/1955)⁶.

O assunto também foi incansavelmente debatido, entre nós, por Herrmann (2004), conforme bem demonstrou Leda Herrmann (2004). Contudo, até hoje, publicações recentes, como aquela produzida na Universidade de São Paulo por Fulgencio e Coelho (2018), trazem argumentos a favor da indistinção entre método de pesquisa e terapêutica. Argumentando que não há um método psicanalítico na pesquisa, caem, a nosso ver,

⁶ Lembramos que além do próprio Freud, vários outros autores, como, por exemplo, como Bettelheim (2015) e Fromm (1983), usaram o método psicanalítico para pensar fenômenos que ocorrem fora do consultório.

inadvertidamente, na possibilidade de apequenar o valor heurístico das investigações psicanalíticas sobre a vida cultural.

Sobre pesquisas que usam entrevistas individuais ou coletivas, notamos que algumas entrevistas psicológicas, como aquela proposta por Bleger (1964/1975), seguem fielmente o método psicanalítico, segundo duas diferentes possibilidades, que consistem em ocorrerem de modo exclusivamente verbal ou organizadas ao redor do uso de recursos mediadores. Em ambos os casos, o método psicanalítico é colocado em marcha por meio da criação de um ambiente no qual ações e reações afetivas inconscientes entrarão em jogo, de modo a permitir que os fenômenos transferenciais sejam tornem-se mais facilmente perceptíveis. Cabe aqui lembrar que, tal como ocorre em sessões de atendimento, em enquadre padrão ou diferenciados, tais entrevistas devem não apenas ser conduzidas levando em conta recomendações metodológicas, que permitem que o campo transferencial seja conformado segundo os modos de ser dos entrevistados, mas levando também em conta cuidados éticos que devem presidir todo e qualquer encontro inter-humano, já que entendemos que as ciências humanas não lidam com objetos passivos mas com pessoas.

Um exemplo de uso produtivo do método psicanalítico em entrevistas, que nos é bastante caro, por incidir sobre questão altamente relevante, vale dizer, o racismo brasileiro, permaneceu praticamente desconhecido durante algumas décadas, para ser resgatado, entre nós, em doutorado defendido na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, por Aiello-Fernandes (2018). Trata-se de um mestrado, defendido na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, pela socióloga e psicanalista Virgínia Leone Bicudo (1945), autora historicamente bastante conhecida por ter contribuído decisivamente para o desenvolvimento da psicanálise brasileira na condição de ser a primeira associada não médica da Sociedade Psicanalítica de São Paulo. Provavelmente, Bicudo (1955) foi pioneira no uso do método psicanalítico de investigação universitária em ciências humanas, na medida em que organizou seu mestrado a partir da realização de entrevistas psicológicas orientadas de acordo com o uso do método psicanalítico, o que lhe permitiu alcançar uma compreensão dos sentidos afetivo-emocionais vinculados à questão pesquisada.

Por outro lado, vale a pena mencionar Sophie Gilbert, pesquisadora que também tem usado o método psicanalítico em entrevistas de pesquisa. Sendo docente da

Université du Québec à Montreal⁷, esta autora entende que a criação de um método qualitativo de pesquisa corresponde, pelo seu caráter rigoroso e inovador, a um dos mais importantes feitos freudianos. A seu ver, o método da psicanálise influencia a própria atitude do pesquisador que, por essa via, pode aprender que sua subjetividade não deve ser descartada mas, ao contrário, utilizada e valorizada, uma vez que visa produzir conhecimentos sobre os sentidos afetivo-emocionais de manifestações de conduta. A autora realizou trabalho teórico recente sobre o uso do método psicanalítico na pesquisa, concluindo que a atitude de abertura, adotada pelo pesquisador, contribui significativamente para a ampliação e aprofundamento do trabalho (Gilbert, 2020). Sua forma psicanalítica de pesquisar pode ser conhecida por meio do exame de seus trabalhos empíricos, entre os quais destacamos aquele em que aborda jovens adultos itinerantes. Valendo-se do método psicanalítico para realizar entrevistas de pesquisa, Gilbert (2007) obteve resultados interpretativo que apontaram para a vigência de associação entre comportamentos antissociais, como, por exemplo, toxicodependência ou delinquência, e sentimentos, como vergonha ou depressão, alinhando-se, assim, nitidamente com aqueles autores que consideram que os sintomas se vinculam à experiência vivida, à dramática do viver. Nas palavras da autora, “nossa metodologia obviamente evoca associação livre e atenção flutuante, ou seja, as atitudes típicas do entrevistador psicanalítico” (2007, p. 285, tradução nossa).

Na Inglaterra, Hollway e Jefferson (2013), por sua vez, empenharam-se igualmente no uso do método psicanalítico, enquanto método investigativo, chegando a produzir um primoroso manual de pesquisa qualitativa com método psicanalítico, intitulado “*Doing Qualitative Research Differently*” (Hollway & Jefferson, 2013). A seu ver, o material empírico seria produzido no encontro da dupla participante-pesquisador, a partir do que chamam de “*free association narrative interview method*” ou “método de entrevista narrativa de associação livre”, que ficou conhecido na literatura internacional como “FANI” ou “FANIM”. Hollway e Jefferson (2013) afirmam emprestar o princípio psicanalítico de associação livre, de modo a facilitar a emergência de pensamentos, crenças e verdades subjetivas eventualmente não conscientes. A seu ver, entrevistas de

⁷ Lembremos aqui que o principal periódico científico francófono sobre pesquisa qualitativa, o *Recherches qualitatives*, criado em 1989, pela Association pour la recherche qualitative, sendo financiada pelo Social Sciences and Humanities Research Council of Canada.

pesquisa, realizadas mediante o uso do método psicanalítico, podem ocorrer em várias situações e versar sobre diversas temáticas, não surpreendendo que seu trabalho seja considerado seminal e um dos melhores modelos de pesquisa qualitativa em articulação com o método da psicanálise (Bondi, 2014; Hoggett, 2015; Midgley, 2006). Podemos citar, como estudo empírico, o trabalho de Hollway (2010) em que, ao usar tal entrevista para compreender o caso de uma mãe, com vistas a melhor entender o conflito entre a maternidade e o trabalho, teve como resultado a consideração segundo a qual o tornar-se mãe priva a mulher de liberdade de expressar sua individualidade, de modo que as necessidades do filho podem tornar mais difíceis a separação mãe-bebê em contextos laborais.

Materiais culturais ou artísticos, por outro lado, também podem ser produtivamente usados em pesquisas qualitativas com método psicanalítico. A obra freudiana conta com vários estudos desse tipo que até hoje despertam a atenção de estudiosos das ciências humanas, como, por exemplo, *Gradiva* (Freud, 1907/1955) e *Da Vinci* (Freud, 1910/1955). Deste modo, entendemos que tais estudos do fundador da psicanálise demonstram, com clareza, como a arte reflete questões existenciais, de modo a favorecer teorizações psicológicas sobre a vida humana. No estudo sobre a *Gradiva* de Jensen, por exemplo, Freud examina a estruturação do pensamento delirante, para concluir que, nesse tipo de sintoma, a fantasia detém primazia em relação ao raciocínio crítico. Em *Da Vinci*, Freud conduz o leitor ao claro entendimento sobre como os mais diversos atos psíquicos, como sonhos e lembranças, podem elucidar a vida emocional do indivíduo.

Na atualidade, percebemos que este tipo de estudo continua a verdejar no âmbito da pesquisa, valendo-se de, por exemplo, filmes, documentários e séries sobre diversas temáticas em investigações qualitativas, além da análise de contos de fadas e histórias infantis⁸. Nesse sentido, observamos uma rica relação entre psicanálise e objetos culturais, cuja importância se liga ao fato de revelarem fantasias socialmente produzidas

⁸ Os exemplos são copiosos, motivo pelo qual optamos, nessa tese, por citar apenas algumas de nossas próprias produções, lembrando que o conjunto total está disponível no lattes da orientadora. À guisa de ilustração, lembramos artigo que versa sobre uma produção de curta metragem, recentemente publicada (Assis, Botelho-Borges, Visintin & Aiello-Vaisberg, 2020).

e compartilhadas. Tal impacto fica evidente na prática clínica na medida em que pacientes comunicam ao analista sobre o que assistiram, leram e até mesmo escutaram, além do que conversaram com seus pares sobre tais objetos culturais. Deste modo, podemos conhecer muito sobre sentidos afetivo-emocionais pelo estudo deste tipo de material, como fica evidente, por exemplo, no trabalho de Aros e Aiello-Vaisberg (2009). As autoras criaram uma narrativa psicanalítica do filme “Clube da luta”, para considera-la com vistas à criação/encontro de campos de sentido afetivo-emocional. Estabelecendo interlocuções com o pensamento winnicottiano, puderam apontar que a exacerbação do individualismo, em si mesma uma defesa, dificulta o desenvolvimento da capacidade de se sentir vivo e real, além de opilar gestos espontâneos e transformadores de si e do mundo.

Sobre pesquisas que usam manifestações de internautas, observamos, hoje em dia, que depoimentos sobre o que se vive vêm ocorrendo, em âmbito *on-line*, numa altíssima frequência, de modo que vêm recebendo, compreensivelmente, atenção especial de pesquisadores nos últimos anos (Salmons, 2017; Schulte, Gallo-Belluzzo e Aiello-Vaisberg, 2016). Este tipo de material mostra-se interessante por variados motivos - práticos e teóricos. Começando pelo mais relevante, lembramos que o acesso dos pesquisadores da psicologia, à experiência vivida pelas pessoas, aumentou enormemente desde que puderam entrar em contato com manifestações de indivíduos e grupos que, pelos mais variados motivos, não buscam ajuda psicológica ou se posicionam em espaços sociais e culturais que não facilitam tomá-los como participantes de entrevistas psicológicas. Ampliar nosso acesso à população, e não apenas às camadas sociais culturalmente mais próximas da psicologia, é um ideal que temos perseguido há várias décadas (Bleger 1966/1984). Lembrado que nosso próprio grupo de pesquisa tem realizado pesquisas usando manifestações de internautas⁹.

⁹ Lembramos aqui, como ilustração, os trabalhos de Schulte, Gallo-Belluzzo e Aiello-Vaisberg (2019), Tostes, Assis, Corbett e Aiello-Vaisberg (2018), Visintin e Aiello-Vaisberg (2017), Visintin, Inacarato e Aiello-Vaisberg (2020) e Winkler (2019).

Método psicanalítico de investigação e procedimentos investigativos

Se levarmos em conta que o método psicanalítico é uma forma geral de produção de conhecimento sobre sentidos afetivo-emocionais de atos humanos, ou seja, que visa conhecer o acontecer humano enquanto experiência vivida¹⁰, podemos entender que deve ser operacionalizado, sob forma de procedimentos investigativos, conforme as necessidades de cada pesquisa empírica. A experiência de pesquisa mostra que, do ponto de vista lógico, a exemplo do que é usual nas várias ciências humanas, são três os momentos investigativos do processo de pesquisa empírica em psicologia, que optamos por designar como:

1. procedimentos investigativos de produção do material de pesquisa
2. procedimentos investigativos de registro do material de pesquisa
3. procedimentos investigativos de interpretação do material de pesquisa

Passaremos, agora, a considerar que o método psicanalítico pode ser usado em todos os momentos da pesquisa ou em diferentes momentos, combinado com outros métodos. Como são três os procedimentos investigativos, várias combinações são possíveis, desde o uso do método psicanalítico nos três momentos, até seu uso apenas no procedimento investigativo de interpretação do material. Assim, devemos considerar que o método psicanalítico está em ação sempre que o procedimento inclui o cultivo da atenção flutuante e da associação livre de ideias. Deste modo, podemos, agora, focar na produção, registro e interpretação do material em pesquisas qualitativas em psicologia com uso do método psicanalítico.

¹⁰ É importante distinguir que a expressão “experiência vivida” pode figurar em nossas pesquisas em termos descritivos, mas que, em sentido rigoroso, a produção de conhecimentos sobre sentidos afetivo-emocionais corresponde sempre à consideração da experiência vivida. Assim, mesmo quando estudamos imaginários coletivos, na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, sabemos que consistem em fantasias que são vividas por personalidades individuais ou coletivas. É por esse motivo que devemos afirmar que os campos imaginários são habitados e não apenas pensados, consciente ou inconscientemente.

Cumprir o procedimento investigativo de produção de material de pesquisa é, evidentemente, o primeiro passo a ser dado na realização do trabalho empírico¹¹. Falamos em produção do material, porque lidamos, em ciências humanas, com a ontologia do ser social (Lukács, 1978/2013), o que significa que a presença do pesquisador não apenas interfere naquilo que é observado, mas verdadeiramente compõe o acontecer pesquisado. Em outros termos, não lidamos com dados que existiriam independentemente de nossa presença, tal como pressupomos quanto às esferas inorgânica e orgânica do ser. Essa configuração não preside apenas procedimentos calcados em entrevistas ou sessões, que são, claramente, encontros inter-humanos, mas também a pesquisa que usa materiais artísticos e culturais ou manifestações de internautas, na medida em que estamos, nesses casos, diante de produções resultantes de atos humanos, sejam individuais, sejam coletivos. Um bilhete é um ato humano objetivado por meio de papel e tinta, do mesmo modo que um filme é um conjunto de atos objetivados de uma personalidade coletiva transindividual, vale dizer, formada por diversas pessoas (Goldman, 1972).

Podemos começar focalizando as situações que envolvem encontros humanos presenciais, que são as entrevistas e as sessões de atendimentos (Aiello-Vaisberg, 2004). Nesses casos, preocupamo-nos em configurar um ambiente propício à produção do material empírico, levando em conta aspectos relativos à produção de conhecimento pretendida como ao conforto e bem-estar dos participantes, questão fundamental para pesquisadores das ciências humanas e especificamente para psicólogos.

De todo o modo, o que importa destacar é que sempre que trabalhamos a partir de encontros presenciais, usando materiais de entrevistas psicológicas, com ou sem auxílio de recursos mediadores, ou usando materiais oriundos de atendimentos, estaremos em condições de, sendo essa nossa opção, colocar o método psicanalítico em marcha. Por exemplo, Kopanakis e Aiello-Vaisberg (2018), em trabalho de atendimento clínico grupal

¹¹ Evidentemente, o procedimento investigativo de produção do material de pesquisa coincide parcialmente, do ponto de vista lógico, com o que tópico que acabamos de apresentar sob o subtítulo “Método psicanalítico de investigação e *settings* de produção do material de pesquisa”. Entretanto, essa questão mereceu um tratamento especial, nesse capítulo, sendo examinada desde duas diferentes perspectivas, porque tem sido aquela que mais polêmica tem suscitado no debate contemporâneo acerca da articulação entre psicanálise e pesquisa acadêmica. Trata-se de uma questão complexa que, apesar de ser metodológica, envolve embates tanto epistemológicos como político-institucionais e até mercadológicos, em cuja profundidade não entraremos porque nos afastaria demasiadamente dos objetivos dessa tese.

de atletas em formação, estudaram uma narrativa ficcional que retrata a história de uma personagem criada pelo grupo de adolescentes durante uma sessão de Oficina de Desenvolvimento de Capacidades, tendo como resultado o reconhecimento dos próprios adolescentes da necessidade de *holding* provido por adultos e instituições. Fabris-Zavaglia (2020), por sua vez, valendo-se do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema para conduzir entrevistas psicológicas individuais com mães de crianças diagnosticadas como autistas, com vistas a entender sua experiência vivida, percebeu que a maternidade, no contexto do autismo filial, pode ser vivenciada tanto como exigências e pressões, quanto como gesto espontâneo de cuidado, favorecendo sentimentos genuínos de gratificação e de carinho. Também não podemos deixar de considerar as narrativas interativas, que consistem numa história fictícia, criada pelo pesquisador, em torno de tema a ser investigado. Tal narrativa se num dado momento que será, então, completada pelos participantes de pesquisa (Granato, Corbett & Aiello-Vaisberg, 2011; Granato, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2011). Como exemplo, podemos recordar o trabalho de Granato e Aiello-Vaisberg (2016) que, com vistas a melhor compreender imaginários coletivos sobre a maternidade, elaboraram uma narrativa interativa, para estudantes de pedagogia e de psicologia, sobre um casal que poderia ter um bebê com síndrome de Down. Como resultados, as pesquisadoras perceberam uma mãe idealizada que ama incondicionalmente o seu filho e um pai forte e protetor se estiver presente.

Por outro lado, quando usamos materiais artísticos ou culturais, na pesquisa qualitativa com método psicanalítico, a etapa de produção do material, em termos de sua seleção, pode se dar, ou não, sob observação da atenção flutuante e da associação livre de ideias. Ou seja, a escolha do material pode se dar não apenas a partir de buscas a partir de critérios não psicanalíticos, que também podem ser usados em pesquisas não psicanalíticas, ou a partir de critérios psicanalíticos que, nesse caso, costumam ser de ordem contratransferencial. O cotejamento de exemplos de ambas as possibilidades pode ser esclarecedor. Como representante de pesquisas em que o material cultural é escolhido por suas ressonâncias contratransferenciais, podemos citar a pesquisa de Aros e Aiello-Vaisberg (2009), que resolveram abordar o sofrimento psicótico, na sociedade contemporânea, por meio da consideração do filme “Clube da luta”. Como exemplo de pesquisas que não usam o método psicanalítico, por meio de seus efeitos contratransferenciais, podemos citar Assis (Assis, 2019, p. 85) que usou critérios não psicanalíticos para a escolha do material que, no caso, foram:

a) que se tratasse de material disponível na plataforma de streaming Netflix por meio do marcador adolescentes; b) que tivesse sido lançado durante o século XXI; c) que tematizasse manifestamente o sofrimento social vivido por adolescentes do sexo feminino e d) que tivesse alcançado certa receptividade junto ao público.

Quando usamos a internet, também temos a opção de produzir material usando ou não usando o método psicanalítico. Por exemplo, em nosso próprio mestrado, valemos de critérios não psicanalíticos para a seleção do material. Tendo como objetivo investigar o imaginário coletivo de mães internautas sobre a maternidade, selecionamos postagens de blogues que tivessem por dimensão manifesta a comunicação de experiência de vivenciar uma depressão pós-parto. Como resultado, chegamos a um imaginário coletivo que favorece o sofrimento emocional da mulher (Visintin, 2016). Em relação ao uso de materiais provenientes da internet, selecionados por meio do uso do método, lembramos que Assis et al. (2020) selecionaram um curta-metragem não somente por critérios não psicanalíticos, como, por exemplo, que manifestasse a questão em estudo, mas também que gerasse “impactos afetivo-emocionais significativos”, vale dizer, usou um critério baseado no método psicanalítico.

No que diz respeito ao procedimento investigativo de registro do material de pesquisa, devemos começar lembrando que todo material é produzido em encontros inter-humanos, nos quais o pesquisador-psicanalista estabelece contatos presenciais com pessoas, em entrevistas e sessões, ou com produtos de atos humanos, quando se encontra com filmes, vídeos, livros ou postagens. Sendo assim, podemos afirmar que lida com fenômenos de caráter evanescente que, por esse motivo, devem ser registrados para poderem ser retomados, interpretados, pensados e debatidos em outros momentos. Encontramos, nas pesquisas qualitativas com método psicanalítico, registros efetuados em condições de observância do método, em estudos tais como os de Biffi (2019), Bonfatti (2017) e Aching e Granato (2016, 2018), mas, em muitos outros casos, os

registros não são, em si mesmos, psicanaliticamente produzidos. Existem, basicamente, três modos de registro que se fazem sob vigência do método psicanalítico.

O primeiro modo consiste em fazer anotações clínicas, semelhantes às que os psicólogos costumam preparar quando demandam supervisão de atendimentos a colegas mais experientes, o que é aprendido no ensino de graduação.

O segundo modo de proceder consiste em elaborar narrativas transferenciais, que foram propostas e definidas por Aiello-Vaisberg, Machado, Ayouch, Caron e Beaune, (2009). Essas consistem em escritos elaborados, depois de ocorridos os encontros, à luz da atenção flutuante e associação livre de ideias. Por meio delas, o pesquisador ou o clínico buscam comunicar tanto o que aconteceu, registrando eventos, como, por exemplo, falas de pacientes, quanto os impactos emocionais que vivenciou, aspecto fundamental para a compreensão clínica daquilo que se estuda. Com intuítos didáticos, afirmam Aiello-Vaisberg e Machado (2005, p. 1):

Cultivando a atenção flutuante, o sonhador brincante é o próprio clínico que se deixa tocar pelo encontro vivido com seu paciente, para depois comunicá-lo a seus pares sob a forma de narrativas. Estas se assemelham a sonhos, entendidos essencialmente como visitas do drama existencial, a partir das quais é possível “brincar”, tanto no momento da elaboração do relato experiencial, quanto no momento da interlocução com outros profissionais, uma vez que a narrativa tem o dom de jamais esgotar os possíveis sentidos emocionais de um encontro terapêutico, em si mesmo transbordante.

O terceiro modo consiste em usar, como registro, produções que os participantes elaboraram durante entrevistas realizadas sob a vigência do uso do método psicanalítico. Todas as pesquisas que, a exemplo de Gallo-Belluzzo, Corbett e Aiello-Vaisberg (2013), usam, como registro, desenhos e histórias produzidos durante entrevistas psicológicas, conformadas de acordo com o método psicanalítico de investigação, exemplificam essa

terceira forma de registro. A pesquisa empírica ao redor da qual se articula a presente tese segue esse mesmo modelo, na medida em que usa, como registros do material de pesquisa, os desenhos-estórias que os participantes elaboraram durante uma entrevista psicanaliticamente conformada.

Entretanto, a literatura oferece alternativas que consistem em verdadeiras mesclas de procedimentos psicanalíticos e não psicanalíticos de registro do material de pesquisa, contendo, inclusive operações que comprometem o campo transferencial. Uma forma comum consiste em usar gravações, não para reproduzir o acontecer *ipis litteris*, mas para ativar ressonâncias afetivo-emocionais. Hollway (2016) e, entre nós, Aiello-Fernandes (2013), lançaram mão desse modo de trabalhar.

Existem, por outro lado, propostas de registros que não envolvem a gravação em áudio ou vídeo, mas, sim, um uso mais disciplinado de anotações – valendo lembrar que, quanto maior a disciplina, mais distantes nos colocamos do método psicanalítico, isto é, da atenção flutuante e da associação livre de ideias. Podemos citar, como exemplo, os procedimentos adotados por Phoenix, Frosh e Pattman (2003, p. 182) que, interessados na pesquisa sobre constituição da masculinidade de meninos, informam:

O entrevistador escreveu resumos muito completos sobre cada garoto, cada grupo e cada escola do estudo, registrando como foram as entrevistas e como ele (o entrevistador) se sentiu com a entrevista e o(s) garoto(s) em vários pontos da entrevista. Este resumo permitiu que o entrevistador registrasse impressões do processo da entrevista (por exemplo, se era "fácil" ou "difícil" e se havia aspectos surpreendentes) e foi usado para fazer conexões preliminares em diferentes entrevistas.

Outra forma de aprimorar anotações ocorre por meio do uso de diários de pesquisa, uma antiga tradição do campo da antropologia (Devereux, 1967). Pesquisadores, como Holmes (2013) e Knight (2019), não apenas adotam diários, mas também os utilizam com vistas a atentar para fenômenos contratransferenciais. É curioso

notar que esses autores não declaram estar fazendo uso do método psicanalítico para registrar o material, mas, a nosso ver, essa teria sido uma afirmação correta na medida anotam sem rejeitar sentimentos, impressões e lembranças, mas acolhendo-as na produção de conhecimento qualitativo.

Finalmente, para completar essa exposição sobre uso exclusivo ou combinado do método psicanalítico no registro do material de pesquisa, devemos acrescentar que, quando trabalhamos com postagens, sua própria transcrição se constitui como registro. Neste caso, apenas tomamos o cuidado de arquivá-las de modo a garantir acesso mesmo que o conteúdo venha a ser retirado da rede. Usamos registros desse tipo em trabalhos tais como os de Visintin e Aiello-Vaisberg (2017), Schulte, Gallo-Belluzzo e Aiello-Vaisberg (2019) ou, ainda, em Tostes, Corbett e Aiello-Vaisberg (2018). Nos dois primeiros, trabalhamos com *mommy blogs*, que são escritos elaborados por mães que buscam tanto lidar com os desafios da maternidade, com vistas a receber ajuda, como também a compartilhar suas experiências relativas aos cuidados infantis, enquanto, no terceiro, usamos, como material, as postagens de uma menina adolescente que se cortava para aliviar suas angústias.

Diante do procedimento investigativo de interpretação do material, o pesquisador, que faz pesquisa qualitativa com método psicanalítico, busca compreender sentidos afetivo-emocionais, que se instauram na transferência, seja com os participantes e o registro desse encontro, seja com outro tipo de material de pesquisa, como *blogs* ou filmes, por exemplo. Tal busca por compreensão não se faz como processo inteiramente intelectual, porque a própria sensibilidade afetivo-emocional do pesquisador entra em jogo, na medida em que é expressamente requerida pelo método utilizado. Trata-se do momento em que o material será abordado em termos de busca de compreensão de sentidos afetivos-emocionais possíveis e plausíveis.

Cabe, aqui, tentarmos precisar o que significa dizer que o método psicanalítico é interpretativo. Na verdade, essa afirmação tem dois sentidos, que devem ser diferenciados, conforme proposto por Aiello-Vaisberg (2003). O método psicanalítico de investigação é interpretativo porque, como forma geral de produção de conhecimento sobre sentidos afetivo-emocionais, postula que não existem limites para a compreensibilidade do acontecer humano. Todas as condutas são sempre compreensíveis em termos de serem motivadas por sentidos afetivo-emocionais, mesmo quando se

mostram estranhas, absurdas ou violentas. Então, por um lado, o método é interpretativo sempre – mesmo quando o intérprete falha em compreender. Por outro, o método de tratamento de neuroses também é interpretativo na medida em que o trabalho clínico se faz por meio da enunciação de sentidos que permaneciam ocultos para o paciente que, escutando o analista, alcança um *insight*. Assim, deve ficar clara a possibilidade de realizarmos tratamentos psicanalíticos que, apesar de se basearem no pressuposto de que toda conduta carrega sentidos afetivo-emocionais, não operam por meio da enunciação de sentenças interpretativas em busca de *insight*. Um exemplo desse tipo de trabalho são as Oficinas Ser e Fazer de Desenvolvimento de Capacidades (Botelho-Borges & Aiello-Vaisberg, 2011) e as Oficinas Psicoterapêuticas de Criação Ser e Fazer (Ambrosio, 2005, 2013).

Com tais sentidos mente, podemos considerar que a operação interpretativa foi detalhadamente estudada por Herrmann (1979), que propôs palavras de ordem por meio das quais uma certa desenvoltura interpretativa pode ser alcançada pelo pesquisador. Herrmann sugeriu três palavras de ordem. Tal sugestão pode ser entendida como passos pelos quais o pesquisador pode propor uma interpretação:

1. Deixar que surja
2. Tomar em consideração
3. Completar a configuração de sentido

“Deixar que surja” pode ser entendido como a busca por um estado emocional de abertura ao acontecer do encontro. Nesse sentido, o pesquisador se permite colocar numa posição de deixar-se impressionar emocionalmente por todo e qualquer ato humano.

“Tomar em consideração” refere-se a acolher tudo aquilo que o pesquisador deixou surgir. Ou seja, para longe de menosprezar qualquer associação, sob esta ou aquela alegação, o pesquisador buscará vivenciar as suas próprias associações que foram despertadas no encontro. Essa atitude é o oposto daquilo que costumamos fazer na vida rotineira, durante a qual tendemos a ignorar eventuais perturbações emocionais, tendo em vista preservar uma certa normalidade da convivência social, motivo pelo qual Herrmann (1983, p.9) veio a declarar que o método psicanalítico corresponde a uma espécie de “falta de educação sistemática”.

“Completar a configuração de sentido” pode ser entendido como um gesto, cujo fundamento é afetivo-emocional, por meio do qual se buscará chegar à fantasia nuclear que subjaz ao ato humano – que, no âmbito da psicologia psicanalítica concreta, que emerge a partir de campos vinculares não sendo apenas mera exteriorização de um psiquismo representacional. Essa fantasia corresponde a uma premissa lógico-emocional vivida como verdade pela personalidade individual ou coletiva enquanto habita ou transita em um certo campo de sentido afetivo-emocional. Em termos de psicologia psicanalítica concretar, interpretar consiste em dar-se conta daquilo em que a personalidade, diante da qual se encontra o pesquisador/ psicanalista, acredita, daquilo que vive como verdade¹².

Por fim, podemos considerar que tais palavras de ordem permitem um trabalho interpretativo, que só ocorrerá se o pesquisador tiver não apenas uma boa relação com o conhecimento técnico-científico e com as artes, mas também se puder viver sua própria experiência pessoal com fé¹³ – fé no encontro com o outro, fé de que um sentido será criado/encontrado em tal encontro e fé na humanidade de si mesmo e deste outro. Deste modo, o pesquisador se colocará numa posição semelhante àquela do sonhador¹⁴.

¹² Chamamos para o fato de que a fantasia tem a ver com aquilo que se vive como verdadeiro, que pode não coincidir, num dado momento, com o que a personalidade pensa. Podemos aqui lembrar, com ajuda de Aiello-Vaisberg (2012), que, de acordo com o pensamento winnicottiano, só pode não psicotizar o indivíduo que efetivamente viveu experiências de onipotência nas quais o necessitado surgiu na hora certa. Do ponto de vista do bebê, a experiência é a de ser capaz de invocar com sucesso algo que restitui um bem-estar, o que, do ponto de vista do observador externo, corresponde a um bebê chorando três horas e meia após a última mamada e recebendo leite. Quem viveu a onipotência, do ponto de vista winnicottiano, pode se sentir protegido sem ter que pensar sobre sua condição. Quem não viveu a onipotência, precisa estar o tempo todo raciocinando sobre os riscos em jogo, porque não terá vivido suficientemente a experiência de ter-se salvado inúmeras vezes.

¹³ Não queremos dizer “fé” em seu sentido religioso, mas, sim, como ato e atitude de abertura que sustenta a relação do pesquisador com o desconhecido dos atos humanos. Tal relação é emocional, de modo que a fé seria o meio pelo qual o pesquisador alcança o mais profundo de si mesmo e do outro.

¹⁴ Vale notar que, quando nos voltamos ao “sonhador”, referimo-nos à função “sonhante” de elaborar emocionalmente o que se vive e não ao fenômeno que ocorre durante o sono.

CAPÍTULO 3 – DELINEAMENTO DO ESTUDO E MATERIAL DE PESQUISA

Dedicamos esse capítulo à abordagem da pesquisa qualitativa com método psicanalítico na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, que temos desenvolvido e aprimorado, ao longo dos anos, nas produções sob responsabilidade da orientadora dessa tese. Trataremos de considerar, na primeira parte do texto, os aspectos fundamentais da articulação, realizada por Bleger (1958, 1963/2007), entre método psicanalítico e pensamento dialético, que permite a abordagem do imaginário coletivo como experiência vivida¹⁵, ou seja, como fenômeno que se deixa afetar pelas condições concretas e objetivas da realidade social, de acordo com o paradigma epistemológico crítico (Guba & Lincoln, 1994) e com a ontologia do ser social proposta por Lukács (1978/2013). A seguir, na segunda parte do capítulo, apresentaremos os conceitos de conduta, campo de sentido afetivo-emocional e imaginário coletivo. Por fim, traremos, na terceira parte, informações detalhadas sobre os procedimentos investigativos por meio dos quais operacionalizamos o método psicanalítico que, conforme lembramos, é uma forma geral de produção de conhecimento sobre sentidos afetivo-emocionais de atos humanos.

Pesquisa com método psicanalítico e psicologia psicanalítica concreta

Desenvolvemos, há algumas décadas, pesquisa qualitativa com método psicanalítico na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta (Bleger, 1963/2007), um modo de investigar que se inclui no terceiro tipo de pesquisas identificadas por Herrmann (2004), aquelas que ele denomina como clínicas. Nelas, a psicanálise é usada como método investigativo, tendo em vista a compreensão de fenômenos humanos que ocorrem não apenas em situações de atendimento ou em entrevistas psicológicas de pesquisa, mas

¹⁵ Esclarecermos, no presente capítulo, que o conceito de imaginário coletivo tem caráter descritivo, mas que todo imaginar, quando não ocorre de modo dissociado, corresponde a uma experiência vivida.

também no estudo de fenômenos sociais e de produções culturais. O uso da psicanálise como método investigativo foi inaugurado pelo próprio Freud (1922/1955) que, em função da importância que conferia ao trabalho científico, optou por definir a psicanálise destacando a dimensão metodológica como logicamente anterior à terapêutica e às teorias, que derivariam secundariamente da pesquisa de processos psíquicos.

De acordo com Herrmann (1979), a história demonstrou que o método investigativo manteve-se invariante ao longo das décadas. Isso significa, na prática, que adeptos de diferentes escolas teóricas, tais como kleinianos, bionianos, lacanianos ou kohutianos, entre outros, usam o mesmo método, ainda que à luz de diferentes referenciais teóricos. Entretanto, a relação entre o método e as diversas teorias psicanalíticas apresenta uma certa complexidade, porque, se, de um lado, o saber teórico é colocado entre parêntesis quando o método se encontra em marcha, de outro, todas as vertentes psicanalíticas são teoricamente densas, fundamentando-se em pressupostos antropológicos, epistemológicos, ontológicos e éticos, vale dizer, concepções, eventualmente muito diversas entre si, sobre o ser humano, sobre a produção do conhecimento, sobre a constituição do real e sobre valores que devem nortear a ação humana.

A multiplicidade de escolas psicanalíticas motivou Greenberg e Mitchell (1983) a realizar um estudo comparativo de várias propostas, o que lhes permitiu afirmar que as teorizações do campo psicanalítico se articulam ao redor de dois modelos ou paradigmas, o pulsional e o relacional. A clínica, em si mesma, é reconhecidamente uma prática que ocorre num campo relacional, mas a teorização freudiana contém tanto formulações metapsicológicas como relacionais, fato que se reproduziu entre os pós-freudianos (Bleger, 1963/2007).

O primeiro polo, o energético-pulsional, teria na metapsicologia freudiana a sua maior representante. Neste polo, concentram-se teorizações que se baseiam no postulado da existência de um aparelho psíquico, cujo funcionamento ocorreria por meio de mecanismos, instâncias e forças. De caráter claramente mecanicista, os *corpora* teóricos deste polo definem que as pulsões determinam o modo de se relacionar com os objetos.

O segundo polo, o vincular-relacional, postula que as relações conformar-se-iam como os fundamentos da vida coexistencial, tal como figuram, por exemplo nas teorias de R. Fairbairn ou de D. W. Winnicott. Neste polo, os atos humanos deveriam ser entendidos não como uma representação mental de eventos infantis, que teria sido ativada

no momento presente, mas, sim, como drama, na precisa acepção que adquire no texto de Politzer (1928/2004)¹⁶.

Mas, cabe uma pergunta. Se o método investigativo antecede logicamente o método de tratamento e as teorias, como podemos afirmar que o método sempre é usado à luz de uma teoria que se assenta em diversos pressupostos? A verdade, entretanto, é que, durante o encontro com o paciente, entrevistado, obra, postagem ou seja lá o que estiver sendo usado na qualidade de material de pesquisa, adotamos uma atitude de máxima abertura ao acontecer humano, que estudamos, mas no qual estamos incluídos, suspendendo nossas crenças e teorias momentaneamente, colocando-as entre parêntesis. Entretanto, voltaremos forçosamente a nos utilizar de teorias quando formos enunciar e refletir sobre nossas interpretações que são, rigorosamente, os resultados interpretativos que produzimos observando as regras constitutivas do método: atenção flutuante e associação livre de ideias. Entretanto, voltaremos forçosamente a fazer uso de teorias quando formos refletir sobre nossas interpretações que são, rigorosamente falando, resultados interpretativos. Tal uso configura um tipo *sui-generis* de relação entre produção de novos conhecimentos e conhecimentos prévios, na pesquisa qualitativa com método psicanalítico, por não apresentar caráter cumulativo, mas instaurar um campo permanente de diálogo, debate e crítica (Aiello-Vaisberg & Assis, 2017). Em suma, podemos resumir a questão do seguinte modo: durante a produção do material de pesquisa, as teorias são excluídas em função do cultivo de um desapego de leituras, convicções e conhecimentos mas, uma vez realizada a interpretação, o que esteve suspenso é readmitido para que se possa instaurar um campo dialógico-reflexivo que contribua para uma compreensão mais profunda sobre os resultados.

Há, evidentemente, mais de um modo de usarmos teorias, sejam psicanalíticas ou não. Esses modos não dependem apenas da decisão do pesquisador, mas, sobretudo, da

¹⁶ Há aqui uma questão que merece uma atenção especial. Referimo-nos ao fato de teorias relacionais atribuírem ou deixarem de atribuir relevância e significado às relações concretas e reais entre as pessoas. Nesse sentido, esclarecemos que há teorias que se concentram exclusivamente nas relações entre os chamados objetos do mundo interno, que seria povoado por réplicas mais ou menos distorcidas do mundo real, assentando-se sobre um ponto de vista representacional. Entretanto, não podemos deixar de valorizar aqueles pontos de vista que valorizam o próprio acontecer humano, reconhecendo uma relação dialética entre o acontecido no mundo compartilhado e a experiência vivida individual e coletivamente.

teoria que utiliza, pois há teorias que são, em si mesmas, altamente saturadas, como a metapsicologia ou a teoria do Édipo, admitindo poucas alterações, e outras menos saturadas e mais metodológicas, como a teoria dos campos de Herrmann (1979), a teoria do amadurecimento emocional de Winnicott (1963/2018) ou a psicologia psicanalítica concreta proposta inicialmente por Bleger (1958, 1963/2007), a qual tem sido desenvolvida pela orientadora deste doutorado há algumas décadas¹⁷. Contudo, lembramos que mesmo teorias menos saturadas podem ser altamente exigentes em relação aos pressupostos em que se fundam e esse é o caso da psicologia psicanalítica concreta, na medida em que resulta da articulação da psicanálise com o materialismo dialético. Correspondendo a uma perspectiva epistemologicamente crítica (Guba & Lincoln, 1994), a psicologia psicanalítica concreta adere ao posicionamento ontológico formulado por Lukács (1978/2013), que parte da distinção entre três esferas do ser, a inorgânica, a orgânica e a humana¹⁸. Desta feita, tomamos como fundamento um posicionamento ontológico segundo o qual o humano depende das esferas orgânica e inorgânica do mundo, mas consiste em um modo de existir absolutamente peculiar e peculiar, correspondendo a uma complexidade fenomênica maior e muito mais sofisticada do que aquela vigente nos níveis anteriores de organização da matéria.

Essa visão ontológica tem, como se pode notar, claras consequências epistemológicas, que Bleger (1963/2007) assume ao propor que todas as ciências humanas compartilham o mesmo objeto de estudo: os atos humanos. Assim, as ciências

¹⁷ Informamos que aqui nos referimos à produção que a orientadora tem desenvolvida, desde o início do presente século, na Pontifícia Universidade de Campinas, mas que iniciou anteriormente no final dos anos setenta, na Universidade de São Paulo, no âmbito de intercâmbios com a universidade argentina.

¹⁸ A antropologia de Lukács (1978/2013) corresponde a uma posição monista, materialista e dialética, entendendo, conforme a qual a materialidade do mundo se expressa diversamente conforme a esfera do ser considerada a um dado momento. Bleger (1963/2007) aceita plenamente essa visão, considerando que os fenômenos psicológicos e a dimensão espiritual da vida humana correspondem a um desenvolvimento dialético altamente sofisticado da matéria: *“Para nosotros hay fenómenos mentales, pero no hay “una mente”; hay fenómenos y valores espirituales, pero ello no implica que haya “un espíritu”* (Bleger, 1963/2007, p.28). Ou seja, o autor critica a reificação, a substantivação, ou seja, a postulação de enteléquias como explicação dos fenômenos.

diferenciam-se entre si não em função do objeto, que é sempre o mesmo, e, sim, em razão de abordá-lo com vistas à busca de diferentes tipos de sentidos. Assim, se a economia pesquisa sentidos econômicos dos atos humanos, a política lida com sentidos políticos e assim por diante. Portanto, qualquer ato humano, como, por exemplo, não aderir à medida de isolamento social, durante uma pandemia, pode ser abordado em busca de seus diferentes sentidos sociais, econômicos, geopolíticos e/ou psicológicos.

É necessário, portanto, definir claramente o que significa estudar sentidos psicológicos das condutas. A resposta é clara: sentidos psicológicos são sentidos afetivo-emocionais, ou seja, o acontecer humano tomado enquanto experiência vivida. Um exemplo pode esclarecer. Pensemos na ocorrência de um fato qualquer, digamos que uma categoria profissional entre em greve. A greve é um ato humano que ocorre em âmbito coletivo. Este ato pode ser estudado em termos de busca de compreensão de seus sentidos econômicos, políticos, institucionais, culturais, históricos – mas também enquanto experiência subjetiva, enquanto experiência vivida por indivíduos e por grupos. Estudar o sentido de uma greve num determinado momento político de um país é uma empreitada que pode produzir certo tipo de conhecimento, mas nada revelará sobre os sentidos afetivo-emocionais que esse fato, enquanto experiência, significará na história, digamos, de uma menina cuja mãe se envolveu tanto com a situação, a ponto de se ter deprimido profundamente em função do não atendimento das reivindicações grevistas. Portanto, a expressão experiência vivida é sinônima de sentido afetivo-emocional e de sentido psicológico¹⁹.

Quando estamos interessados em sentidos psicológicos, tendo em vista produzir conhecimentos que subsidiam práticas clínicas e informam debates no âmbito dos movimentos sociais e da sociedade civil como um todo, lembrando que todas as ciências humanas produzem conhecimentos que se tornam disponíveis para debates, buscamos compreender os sentidos afetivo-emocionais dos atos humanos. Essa é a base

¹⁹ Veremos, mais abaixo, que a expressão experiência vivida pode ser usada em sentido descritivo, para referir narrativas de pessoas sobre sua história de vida. Por outro lado, o termo imaginário, igualmente descritivo, conota como pensamentos/sentimentos são imaginativamente elaborados, mas não devemos esquecer que imaginar é, sempre, viver uma experiência.

epistemológica a partir da qual Bleger (1963/2007) fundamenta a psicologia psicanalítica da conduta, ou seja, dos atos dos seres humanos.

Ora, se nosso objetivo consiste na busca dos sentidos afetivo-emocionais de atos humanos, precisamos usar um método heurísticamente potente que dê conta dessa tarefa, porque conhecer a esfera humana, de acordo com a ontologia dialética (Lukács, 1978/2013), implica a pesquisa de sentidos. Bleger (1963/2007), seguindo as indicações de Politzer (1928/2004), encontra uma solução conveniente no método psicanalítico, depurando-a dos elementos materialistas mecanicistas, a partir do qual é construída a metapsicologia freudiana, para utilizá-lo desde a perspectiva do materialismo dialético, que valoriza o sentido da experiência vivida por indivíduos e coletivos humanos. Assim, ao impressionar-se profundamente com a *Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900/1955), nela percebendo um passo revolucionário no sentido de produzir conhecimento científico sobre a experiência vivida do sonhador, Politzer propõe entusiasticamente a criação da psicologia concreta. Contudo, não deixou de se pronunciar acerca da necessidade de rejeitar e criticar o sétimo capítulo da obra, no qual o psiquismo é concebido como um aparelho extenso, no sentido cartesiano, ou seja, como coisa. A seu ver, tal concepção é inaceitável e totalmente incoerente com a construção de uma ciência do drama pessoal.

Não menos importante, Bleger (1958) veio a encantar-se verdadeiramente com a visão politizeriana da psicologia concreta e abraçou a ideia com grande convicção, usando-a para nortear a criação de um novo profissional no campo da saúde pública argentina, o psicólogo, que se encarregaria de uma importante tarefa, a psiquiatria ou a psicoprofilaxia, que entendia como promoção de condições concretas de vida saudável (Bleger, 1973/1984). Para tanto, dedicou-se a uma depuração do pensamento politizeriano, bem como à definição de alguns conceitos metodológicos, tendo em vista permitir que o método investigativo da psicanálise opere de modo a maximizar seu poder heurístico, na medida em que se desvencilha de amarras teóricas que tornariam a psicologia psicanalítica uma construção sobretudo dogmática. Vai, assim, definir dois conceitos básicos, conduta e campo, sendo que, a bem da clareza, temos denominado esses últimos, em nossos próprios escritos, como campos de sentido afetivo-emocional, já que as outras ciências humanas lidam com outros tipos de sentido. A esses, acrescentamos o conceito descritivo de imaginário coletivo.

Conduta, campo e imaginário coletivo

A proposição do conceito de conduta corresponde a uma necessidade epistemologicamente importante, já que a psicologia é uma ciência que tem sido definida de modo predominantemente abstrato – quando não se transforma numa ciência behaviorista que pode controlar certo tipo de comportamentos, como o do consumidor ou o do interrogado em processos políticos, mas não contribui significativamente para uma compreensão mais aprofundada da vida intersubjetiva. Assim, recusando tanto o controle do comportamento, como a mente, a psique ou o inconsciente, como objeto de estudo, viu-se Bleger (1958/1981, 1963/2007) diante da necessidade de definir o objeto de estudo da psicologia concreta. Politzer (1928/2004) já o convencera acerca da importância de uma teorização que se mantivesse maximamente próxima do acontecer humano e adotara a ideia de drama como objeto da psicologia. Entretanto, tendo desenvolvida uma visão epistemológica segundo a qual todas as ciências partilhariam a conduta, compreendida como atos e produtos derivados de atos de seres humanos concretos, como objeto de estudo, o argentino logo deu-se conta de que necessitava de um conceito que também servisse para economistas, antropólogos, sociólogos, historiadores e outros. Assim, resolveu adotar o conceito de conduta, para designar o objeto comum das disciplinas humanas, reservando o termo drama para referir a perspectiva psicológica, no âmbito da qual a conduta é abordada enquanto experiência vivida.

As condutas, entendidas como todo e qualquer ato humano, expressam-se mentalmente, corporalmente e como atuação no mundo – além de seus produtos, como obras de artes e instituições. Deste modo, podemos entender que a maior parte daquilo com o que entramos em contato, no cotidiano, é constituída por atos humanos, vale dizer: 1- como operações de trabalho, na acepção precisa que o termo assume sob a pena de Lukács (1978/2013), ou seja, como atos de transformação da natureza em objetos que se prestam aos variados usos que correspondem a atendimento de necessidades humanas; e 2- como relações que os seres humanos mantêm entre si, seja entre indivíduos, seja entre coletividades.

Se temos claro que lidamos com atos humanos e produtos de atos humanos, na perspectiva de como se inscrevem na vida de indivíduos e coletivos, e entendemos que os campos de sentido afetivo emocional são os inconscientes intersubjetivos no âmbito do qual a conduta adquire sentido afetivo-emocional, podemos perceber que esta emerge

a partir de campos que se dispõem como substratos subjacentes às manifestações dos seres humanos. Nessa linha de pensamento, podemos definir campos de sentidos afetivo-emocional como a dimensão não consciente dos atos humanos. Esse conceito, que deriva da física (Tiemersma, 1987), veio a ser utilizado na psicanálise, principalmente com vistas a compreender fenômenos transferenciais. Entretanto, enquanto a maioria dos autores permanece utilizando-o para compreender a sessão psicanalítica, autores como Herrmann (1979) e Bleger (1963/2007) entendem que podem ser úteis para explicar toda e qualquer conduta humana, seja qual for a situação em que se dê, já que o encontro psicanalítico é apenas um caso particular de interação humana. A noção de campo de sentido afetivo-emocional favorece a concepção de um inconsciente que não se apresenta como reservatório de energia psíquica nem como continente de pensamentos recalçados, conduzindo-nos à noção de inconscientes intersubjetivos, que se constituem como campos que se constelam ao redor de fantasias coletivamente produzidas.

É necessário frisar que, mesmo que diferentes sob o ponto de vista conceitual, conduta e campo não se diferenciam ontologicamente, uma vez que os próprios campos são produzidos por atos humanos. Deste modo, a psicologia, na qualidade de ciência concreta, busca se dedicar ao estudo dos atos humanos, abordando sua complexidade inerente enquanto dramática do viver, mas não em termos de casualidade infra e/ou supra-humanas, uma vez que reconhece que não pertencem à esfera do ser orgânico, ao mesmo tempo em que não os aborda como derivados de influências sobrenaturais.

Deste modo, quando falamos em sentidos afetivo-emocionais da conduta, estamos considerando atos humanos enquanto experiência vivida, enquanto acontecer intersubjetivo que apresenta ressonâncias intrassubjetivas. Portanto, a expressão experiência vivida, em nosso texto, conota o fato de estarmos nos referindo à conduta desde um recorte psicológico, mas também é usada como termo descritivo para referir histórias de vida narradas em primeira pessoa (Politzer, 1928/2004) ou, como diria Winnicott (1945), desde seu próprio ponto de vista.

Há ainda uma terceira expressão, a de imaginários coletivos, sobre a qual devemos nos deter, ainda que brevemente. Trata-se de um termo que usamos com intuito descritivo, tendo em vista melhor delimitar o fenômeno estudado e facilitar a fluência dos debates. Entendemos que os imaginários coletivos se conformam tanto como condutas quanto como campos, a depender daquilo que se focaliza a cada momento, uma vez que condutas geram campos e campos produzem condutas. Assim, o imaginário coletivo pode ser visto

como uma conduta, quando, por exemplo, estamos diante do desenho de um paciente, ou como campo, quando entendemos que aquele particular desenho expressa alguma preocupação ou angústia característica de uma configuração afetivo-emocional específica, total ou parcialmente não consciente.

Entretanto, o termo “imaginário” tem sido amplamente usado em diferentes áreas das ciências humanas, tais como a sociologia, a antropologia e a psicologia, a partir de diferentes referenciais teóricos, como o fenomenológico, o dialético e o psicanalítico. No nosso caso, valemo-nos do conceito de imaginários coletivos como conduta e campo de sentido afetivo-emocional, de acordo com a psicologia psicanalítica concreta, referencial teórico baseado numa articulação entre a psicanálise e o pensamento dialético (Bleger 1958, 1963/2007; Politzer, 1928/2004), que segue os delineamentos da ontologia do ser social de Lukács (1978/2013).

Desenho metodológico

A realização de pesquisa qualitativa com o método psicanalítico corresponde, como sabemos, a uma das possibilidades pelas quais a psicanálise pode ser articulada com a pesquisa acadêmica empírica. Comumente tal articulação demanda a opção por uma perspectiva teórica psicanalítica, que será usada no momento de definir o projeto, quando escolheremos os principais conceitos com os quais trabalharemos, e no momento da discussão dos resultados interpretativos. A teoria permanecerá suspensa em boa parte do processo investigativo, que será guiado por um uso criterioso do método psicanalítico.

Esta forma de investigação segue, como é de se esperar, os mesmos delineamentos que toda a pesquisa qualitativa, não deixado, por outro lado, de atender à lógica geral que preside toda e qualquer pesquisa científica. Nessa, podemos discernir momentos ou etapas, diferenciadas entre si, durante as quais importantes tarefas são executadas. Contudo, é importante lembrar que, dependendo das perspectivas epistemológicas e metodológicas, em jogo, variarão os modos por meio dos quais o trabalho de campo será efetivamente realizado.

Deveremos sempre cuidar de obter, a partir de ocorrências de que participam/participaram seres humanos, compor um material de pesquisa, registrá-lo de

modo a podermos retomá-lo e apresentá-lo a outros pesquisadores e tratá-lo de forma a evidenciar qualidades e características a partir das quais possam alcançar alguma compreensão ou inteligibilidade sobre os fenômenos. São múltiplas as possibilidades por meio das quais podemos dar conta dessas tarefas, ou seja, operacionalizá-las, e nossas escolhas serão presididas pela observação do método enquanto forma geral de produção de conhecimento.

Descreveremos, a seguir, os procedimentos investigativos por meio dos quais operacionalizamos o método psicanalítico na presente pesquisa: procedimento investigativo de produção, de registro e de interpretação do material de pesquisa.

Procedimentos investigativos de produção do material de pesquisa

Para bem descrevermos esse procedimento na presente pesquisa, temos que considerar os participantes, a entrevista psicológica transicional e o recurso mediador que utilizamos. Cabe esclarecer que a opção metodológica de realizar entrevista psicológica coletiva por meio do uso de recurso mediador visou contemplar duas demandas. A primeira delas consistiu, evidentemente, em obter material de pesquisa passível de ser interpretado à luz da associação livre e da atenção flutuante. A segunda delas diz respeito ao nosso próprio posicionamento ético, uma vez que as pesquisas psicológicas que envolvem participantes devem não apenas evitar não os prejudicar, mas também lhes trazer uma oportunidade de viver uma experiência e refletir sobre ela. No nosso caso, abordamos estudantes de medicina para saber o que imaginam sobre mães²⁰.

Estabelecemos, como objetivo da presente pesquisa, o estudo de imaginários coletivos sobre cuidado infantil e maternidade, propondo uma situação imaginativa em que os filhos necessitam de cuidados ampliados e duradouros em função da apresentação de condições específicas de saúde. A nosso ver, a abordagem da situação de mães, cujos

²⁰ A presente investigação foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (CAAE n.º 67962017.4.0000.5481) sob o parecer n.º 2.930.199

filhos demandam cuidados mais continuados e duradouros, permite chamar a atenção para quando o exercício da maternidade se dá de modo mais exigente do que o habitual.

Pensamos ser interessante definir, como participantes, estudantes de medicina, pois frequentam, em seu cotidiano, ambientes profissionais onde facilmente são encontradas mães que cuidam de filhos que se mantêm dependentes por períodos que podem ultrapassar aquele que se caracteriza como o habitual. Voltamo-nos para esse tipo de universitários, porque representam uma parcela da população com ensino superior atenta ao adoecimento de pessoas, lidando tanto com limites e fragilidades da vida humana, quanto com cuidados e possível alívio de sofrimento.

A partir de acordo firmado com uma docente, que ministra aulas e alunos do quarto ano de medicina, de uma universidade particular do interior paulista, abordamos duas classes, sem agendamento prévio. Deste modo, realizamos uma entrevista psicológica coletiva com cada uma das duas classes em 2017. Assim, convidamos os estudantes presentes a participarem de entrevista psicológica, que se realizou em enquadre coletivo, articulando-se transicionalmente ao redor de um recurso mediador. A totalidade de alunos, das duas classes, aceitou nosso convite, de modo que contamos com um total de 36 participantes, sendo 23 mulheres e 13 homens.

Organizamos a entrevista psicológica coletiva por meio de um uso modificado do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, conhecido como PDE-Tema. Este recurso mediador foi desenvolvido por Aiello-Vaisberg (1999) a partir de trabalhos de Trinca (1972), cuja formas original e derivadas, como o PDE-Tema, vêm mostrando notável potência na pesquisa acadêmica há quase cinco décadas (Tardivo, 2017), tendo em vista a pesquisa de imaginários coletivos sobre diversas temáticas (Aiello-Vaisberg & Ambrosio, 2019). O PDE-Tema, que tem sido pensado à luz da transicionalidade, mostra-se como recurso passível de ser modificado em função de necessidades investigativas, tendo sua fecundidade heurística apontada em estudo de Rosa, Lima, Peres e Santos (2019). Tal recurso mediador pode ser usado em entrevistas individuais e coletivas, permitindo a abordagem de um grande número de participantes, de modo que se conforma como um encontro inter-humano de caráter dialógico ²¹.

²¹ A consideração segundo a qual o material de pesquisa é produzido em encontros inter-humanos encontra forte respaldo em nosso grupo de pesquisa. Podemos citar, como exemplo,

Em sua forma original, o PDE-Tema consiste num pedido, ao participante, de um desenho e de uma história sobre uma temática pré-estabelecida segundo o objetivo da pesquisa. Na presente investigação, usamos uma forma modificada que consiste em complementar esse modelo clássico pelo acréscimo do pedido de uma segunda produção narrativa, na qual as figuras desenhadas devem ser projetadas no futuro, sabendo que a segunda história deve ser imaginada após o transcurso de 20 anos. Tal período justifica-se na medida em que estimula os participantes a se reportarem imaginativamente a um momento no qual os filhos normalmente se teriam tornado autônomos e independentes.

Cabe aqui explicitar a razão da escolha do tema “mãe de uma criança deficiente”. Perguntamo-nos, *a priori*, quais situações demandariam mais atenção e cuidado maternos em termos de intensidade e duração. Dentre tais situação, a literatura aponta a deficiência da criança como uma das condições que prolongaria o tempo de cuidados dispensados por mães (Gabel & Kotel, 2018; Harvey, 2019, Pohl, Crockford, Blakemore, Allison & Baron-Cohen, 2020). É possível dizer, em outros termos, que evocamos uma situação imaginária que amplifica a necessidade diferenciada de cuidados. Ou seja, não propusemos essa instrução para atender a interesse específico por condições de deficiência infantil e sim para evocar uma condição emblemática daquelas em que as necessidades dos filhos estão bastante aumentadas. Seguimos, assim, as indicações metodológicas de Frederico (1979), já utilizadas no campo da pesquisa psicológica por Fabris-Zavaglia (2020).

O material da presente pesquisa foi produzido durante uma entrevista psicológica coletiva, com cada uma das duas classes, organizada ao redor do uso modificado do PDE-Tema. Considerando o objetivo investigativo estabelecido, pedimos aos estudantes que desenhassem “uma mãe que tenha um filho ou filha com deficiência”. A seguir, pedimos

que, desde uma perspectiva teórica fenomenológica, os encontros dialógicos que enfatizam “uma via de mão dupla em que pesquisador e participante trocam ideias e pensamentos, dialogam, conversam. Eles propositalmente não são gravados, pois não estamos ‘colhendo dados’, mas nos imergindo em um relacionamento, com o objetivo de ouvir com atenção, abri- nos para nós mesmos e para o participante, para o momento e para o estarmos juntos. Essa “união” abre portas para significados das experiências vividas pela pessoa que podem ter sido negligenciadas em uma abordagem de entrevista mais unilateral” (Brisola, Cury & Davidson, 2017, p. 469).

que escrevessem uma história sobre o que desenharam. No momento posterior, pedimos outra história relativa ao que teria sucedido 20 anos após a situação retratada na primeira produção.

Procedimento investigativo de registro do material de pesquisa

Como vimos, ao estudar o conceito de conduta, tal como compreendido na psicologia psicanalítica concreta, tal conceito abarca atos humanos, que se expressam na área simbólica, na área do corpo e na atuação no mundo externo, bem como sob forma de produtos remanescentes de atos humanos. Assim, abrir uma porta é uma conduta tanto quanto a própria porta que, vista usualmente como um objeto, resulta de uma série de ações humanas.

Nessa perspectiva, entrevistas psicológicas transicionais, como as duas que realizamos para produzir o material da presente pesquisa, geram desenhos e histórias que registram o encontro que tivemos com os estudantes de medicina, durante os quais solicitamos que imaginassem, para desenhar e inventar histórias, situações em que mães lidavam com filhos que apresentavam algum tipo de deficiência.

Sendo assim, configuramos uma situação que em que o acontecer, sempre evanescente, como a execução de uma composição musical, por si mesmo favorecia a constituição de registros, passíveis de serem compartilhados com pessoas que não estiveram presentes durante o encontro. Como resultado, vimo-nos munidos de um total de 36 desenhos-histórias. Esse conjunto se constitui como registro do material da presente pesquisa.

Abordando coletivamente os desenhos-estórias dos participantes dessa pesquisa, podemos dizer que estamos trabalhando com uma personalidade coletiva, transindividual (Goldman, 1972; Machado & Aiello-Vaisberg, 2003), possibilidade que Bleger (1963/2007) descreve mediante o conceito de âmbitos da conduta, observando que sentidos afetivo-emocionais não vividos apenas individualmente, mas também coletivamente. Pensando com estes autores, podemos considerar que figuras como o corintiano, o eleitor de Trump ou o ativista ambiental são personalidades coletivas tanto quanto individuais.

Realizadas as entrevistas, recolhemos todo o material de pesquisa produzido pelos participantes, conservando-o na íntegra. Não menos importante, escaneamos os desenhos e transcrevemos as histórias, exatamente da forma como foram escritas, inclusive com eventuais erros gramaticais, salvando-os em arquivos eletrônicos para análise. Assim, os registros da presente pesquisa são constituídos por desenhos e histórias elaborados pelos participantes.

Procedimento investigativo de interpretação do material de pesquisa

Interpretamos o material, desenhos e histórias, à luz dos pilares do método psicanalítico, a saber, a associação livre de ideias e a atenção flutuante. Entramos em contato com o material diversas vezes, no âmbito do grupo de pesquisa, discutindo lembranças, sentimentos e associações que viessem à tona. Neste momento, buscamos chegar interpretativamente aos determinantes não conscientes que subjazem às produções, ou seja, aos campos de sentido afetivo-emocional. Ou seja, o trabalho interpretativo conformou-se como uma atividade grupal. Deste modo, a produção interpretativa dos campos ocorre, obrigatoriamente, na transferência estabelecida entre o material produzido pelos participantes e os pesquisadores (Herrmann, 2004). Nesse sentido, guiamo-nos pelas palavras de ordem de Herrmann (1979), que podem ser tomadas como passos constitutivos para a criação da interpretação: “Deixar que surja”, “Tomar em consideração” e “Completar a configuração do sentido emergente”. “Deixar que surja” deve ser entendido como cultivo de uma posição de abertura de modo a poder ser tocado por toda expressão emocional que possa vir à tona nos encontros inter-humanos. “Tomar em consideração” significa como o acolhimento destas associações, vale dizer, trata-se de uma tentativa de manter-se em contato com aquilo que impactou emocionalmente a personalidade do pesquisador-psicanalista ao invés de defender-se. “Completar a configuração de sentido” consiste no esforço de comunicar algo que possibilite a criação um sentido afetivo-emocional plausível em função do material. Assim, “completar a configuração de sentido” consiste em um tipo de operação que não se dá exclusivamente pela via cognitivo-racional, convocando a sensibilidade e o afeto. Na verdade, o ato de completar o sentido se dá pela via da experiência emocional em relação com o outro. Seria a possibilidade de instaurar um encontro, seja com um participante, seja com uma obra cultural, no qual todas emoções e lembranças são acolhidas, que pode favorecer a produção de uma interpretação, vale dizer, a produção de um conhecimento com vistas a compreender os significados de atos humanos. Nesse

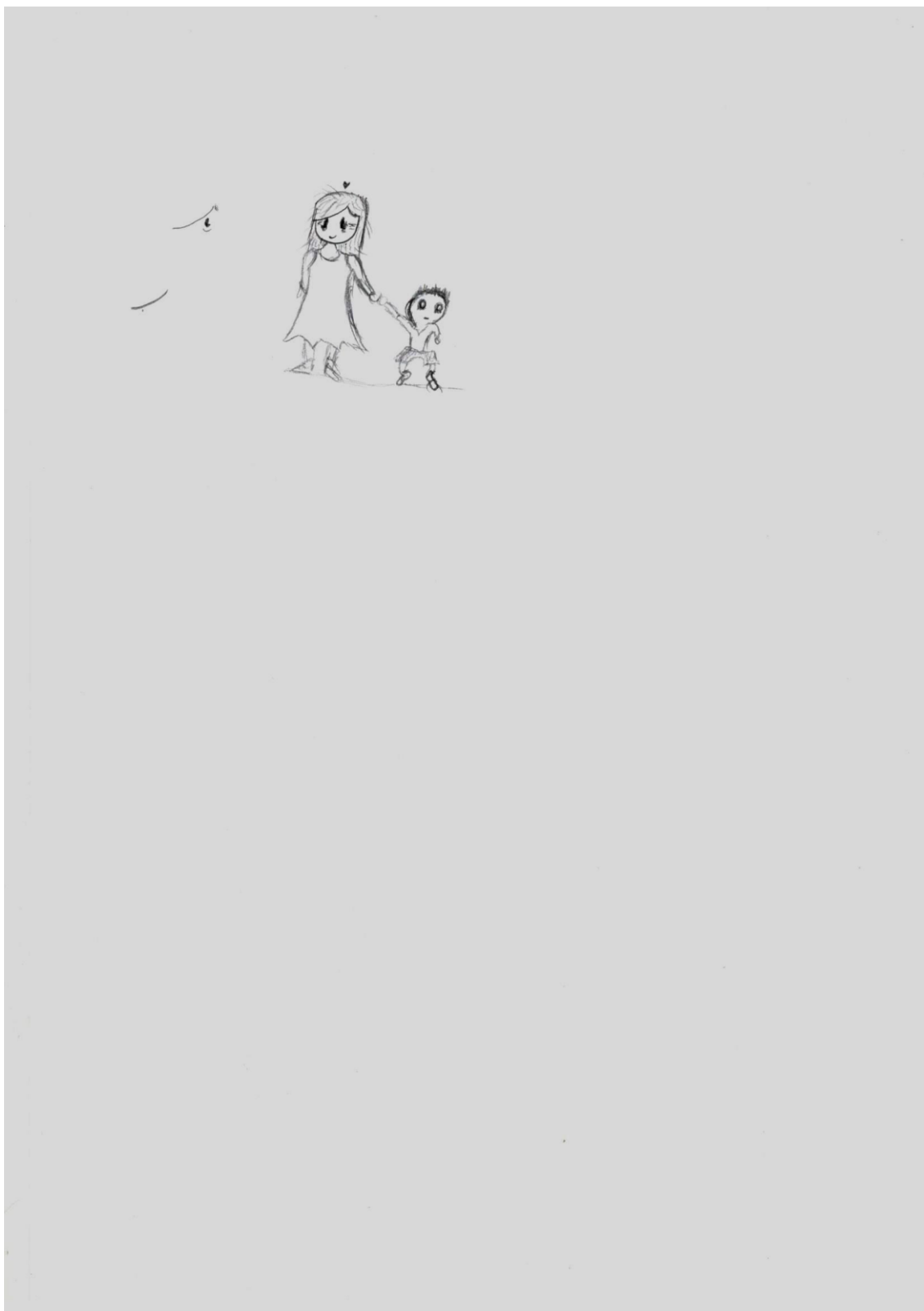
sentido, não podemos nos esquecer de que o próprio Freud abordou temas sociais e culturais usando o método psicanalítico. Torna-se, portanto, evidente que este método se presta a compreender qualquer ato humano, isto é, qualquer conduta.

CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DE PESQUISA

Apresentamos, a seguir, a totalidade dos registros do material produzido pelos participantes em uma entrevista psicológica coletiva com cada uma das duas classes. Cada participante elaborou um desenho e duas histórias, que disponibilizamos a seguir, sendo que todos atenderam à nossa proposta e se dispuseram tanto a realizar a atividade como a deixar suas produções gráfico-verbais conosco.

Lembramos que as produções que vão de P1 a P13 são aqueles dos homens e as de P14 a P36, das mulheres.

DESENHO 1- H



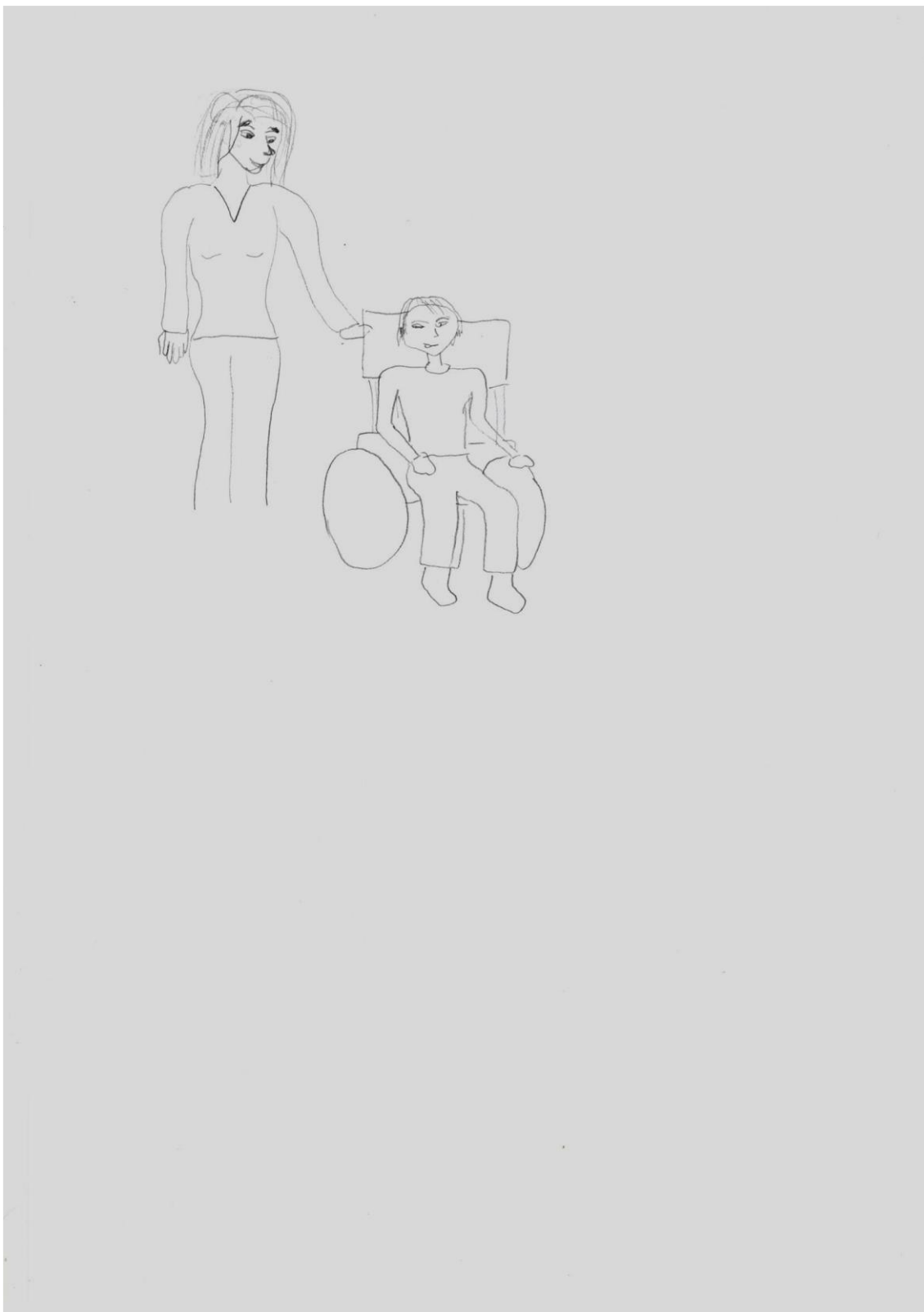
Estória 1.1

Uma mãe exausta, física e emocionalmente, mas que ama muito o filho, portador de uma doença neurodegenerativa. Incurável. Ambos vivem assombrados pelo conhecimento sobre a evolução da doença, e sobre o desfecho final. Dessa forma, a morte torna-se uma presença constante na vida dos dois, tirando-lhes a esperança de um futuro melhor. Só lhes resta o presente.

Estória 1.2

Filho morte. Futuro previsível. Desfecho inevitável. Ferida irônica. A mãe lamenta e agradece o fim do tormento. Conflito. Mais leve porque mais pesado. Mais pesado porque mais leve. Relação mãe-filho. Sempre mais íntima, mais profunda. Não há esperança, nem houve, mas pode haver. Devir. Aceitar. Viver. Não há escolha senão escolher.

DESENHO 2 - H



Estória 2.1

A mãe esperava ansiosa para ter seu primeiro filho. Logo que ele nasceu, foi diagnosticado com uma doença que o impossibilitaria de andar. A notícia deixou a mãe preocupada e triste em um primeiro momento, ao pensar que seu filho poderia sofrer devido à doença. Pensou que talvez ele visse que grande parte das pessoas ao seu redor se divertiam fazendo coisas que ele não conseguiria. E que isso poderia deprimi-lo.

No entanto, ao aceitar o que já era um fato, a mãe abriu os olhos para ver que seu filho pode se adaptar e ter uma vida normal.

Apesar disso, a mãe sabia que seu filho precisava de cuidados especiais. Com isso, ela se prontificou a estar a todo momento ao seu lado.

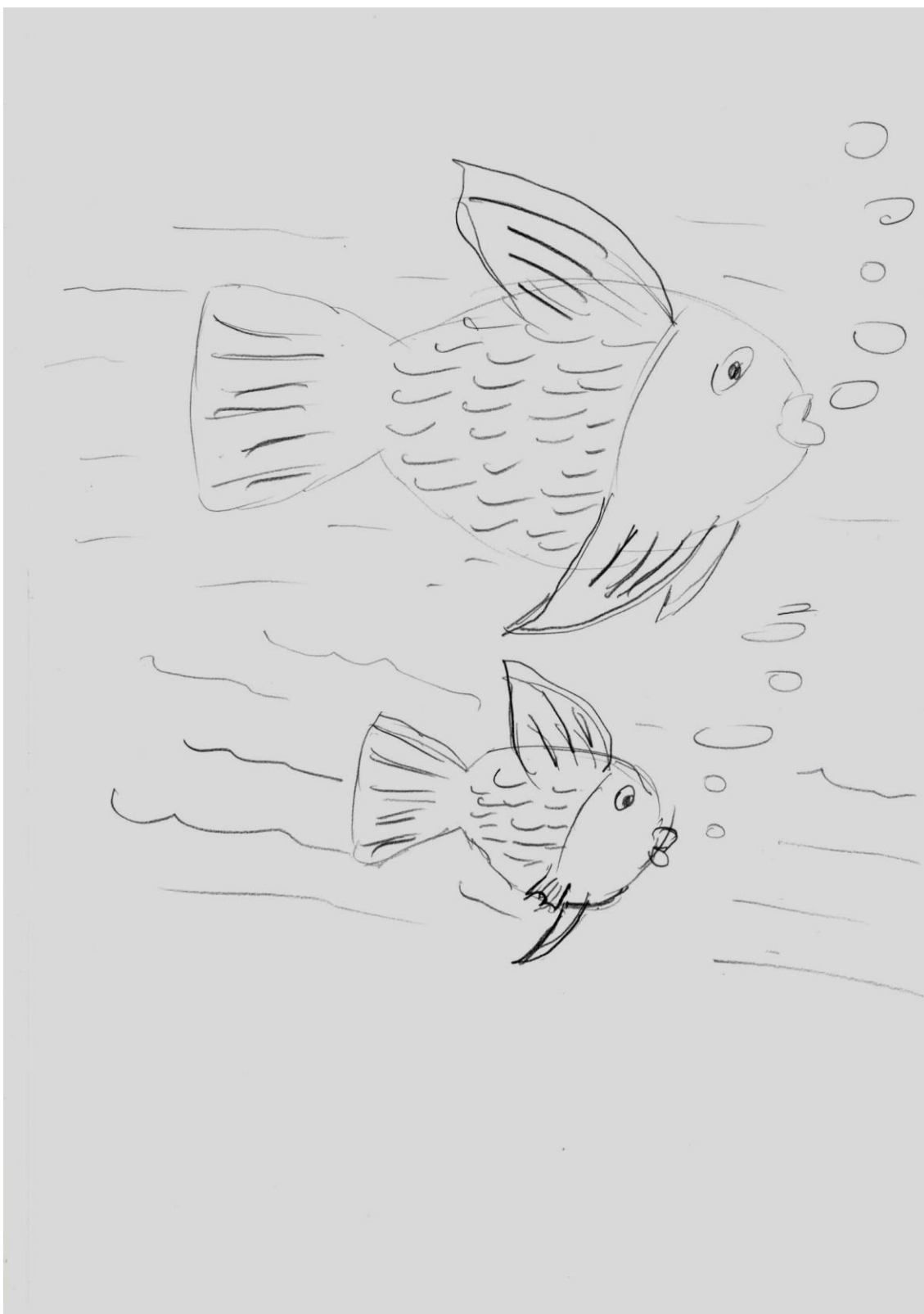
Estória 2.2

Após 20 anos,

a mãe já havia notado que seu filho estava adaptado à sua condição e ao mundo. Toda a atenção, que se misturava com preocupação dada pela mãe, na infância e adolescência do menino já estava superada, então a mãe estava gratificada.

O filho, apesar de fases de não aceitação do seu quadro, tinha posse, agora, de uma vida tranquila e independente. Bem como, a relação mãe e filho era muito fortalecida.

DESENHO 3- H



Estória 3.1 - H

A vida de um peixe nem sempre é fácil. Não bastasse lidar com a destruição sistemática e contínua de seu habitat (petróleo, lixo, esgoto) os poucos que sobraram precisavam lidar com inúmeros predadores. Outros peixes, aves, humanos... são inúmeros os adversários e poucos os recursos de defesa; principalmente quando ainda se é um alevino.

Mamãe e papai peixe arranjaram um local ideal para colocar seus ovos. Alguma vegetação, oculto dos predadores e das correntes mais fortes. Eram 100 ovos, gelatinosos e brilhantes, uma frágil promessa de vida.

Porém, não só peixes adultos são considerados comida. Ovos de peixes são iguarias apreciadas por russos, japoneses e outros povos. E nessa ânsia por iguarias 99 dos filhos foram levados... Apenas 1 foi deixado para trás, esquecido, levemente morrendo contra as pedras. Deste um único ovo felizmente nasceu o alevino. O peixinho filhote era uma dádiva para seus pais. Mas ele era diferente...Uma das nadadeiras ficou gravemente danificada; e os peixes não regeneram barbatanas...

Pai e mãe tornaram-se paranoicos no cuidado com seu único filho. Tentavam protegê-lo de tudo e todos.

Estória 3.2

O peixinho cresceu, cercado de muitos cuidados e mimos. Agora, um jovem adulto, era ingênuo e tinha dificuldades de tomar decisões. Os pais o protegeram do mundo mas esqueceram de ensiná-lo como enfrentar a realidade.

Não obstante, o peixinho tinha certo rancor de seus pais. Ele se sentia sufocado. Não pode crescer como uma criança normal. Na ânsia de protegê-lo, os pais lhe privaram do convívio com outras crianças e situações típicas da infância de um peixe comum.

Os pais temiam que o filho fosse rejeitado por ser “diferente”. A filho nunca pode realmente colocar isso à prova.

Agora, adulto, ele se sentia inseguro e tinha dificuldade de se relacionar com os outros peixes. Todo contato extra-familiar lhe era estranho. Ele nadava diferente dos outros, mas conseguir adaptar um novo estilo.

Sua ausência de nadadeira nunca foi um impedimento

DESENHO 4 - H



Estória 4.1 – H

Xavier era um menino diferente dos demais, suas dificuldades de locomoção tornavam sua rotina diferente das demais e sua dependência de, Sônia, sua mãe, pelo menos na infância era quase que total. Por conta disso, Sônia nunca completou o colegial, não pode ir a faculdade. Viviam uma vida simples, o auxílio do Estado era suficiente apenas para o básico e os tratamentos de Xavier.

Xavier sonha em ser professor. Apesar de suas deficiências seu intelecto é avançado, é um ótimo leitor, a sua única forma de sair da cadeira. Imagina uma escola para crianças como ele, O instituto Xavier para Crianças extraordinárias, onde possam desenvolver suas habilidades e conhecimentos. Sob auxílio dele, Prof. Xavier.

Estória 4.2

Xavier estava na sua sala, lembrando de suas origens humildes. Um chamado corta sua linha de pensamentos.

- Professor....

Xavier se move até a porta, o som de madeira rangendo preenche o ar com o passar de sua cadeira.

Na porta Xavier observa, outro aluno perdido, uma criança como ele.

-Sim. Xavier responde.

Um jovem garoto, de olhos escuros, cambaleia até ele, se guiando pelo tato com passos esgios.

-Ele é Scott. Diz a mãe. Uma jovem senhora de cabelos negros desajustados.

-Ouvimos que o senhor é ótimo com crianças especiais. Completou a mãe.

-Sim, seu filho está seguro agora. Na nossa escola podemos ajudar seu filho a desenvolver suas habilidades. Assegurou Xavier.

DESENHO 5 – H



Estória 5.1 – H

Em um belo dia ensolarado, após tempos de chuva e ventania, mãe e filha aproveitam o bom clima para se divertir e sintetizar vit D muito importante para saúde física e mental dessas grandes mulheres.

Mas ao fundo ainda se recordam em flashes como dos raios do dia de chuva em que fugiram das garras do animal que um dia havia chamado de pai. Esse pai era um cientista inescrupuloso que para construir seu estudo utilizou de sua própria filha em experimentos, que atormentariam até mesmo Dr. Goobles em seus piores pesadelos.

O desejo de vingança ardia em seus corações tão constante em suas vidas que as sequelas as quais não as deixavam esquecer do passado que as assombrava.

Porém esse momento, como uma foto, nada mais importava, por alguns segundos eternizados elas passavam a ser apenas mãe e filha num delicioso momento de lazer.

Estória 5.2

Fim da saga de vingança e tormento, mãe e filha se libertam da maldição que as perseguia e aprisionava.

Após anos de luta por justiça Dr. V. foi preso e condenado a pagar o tratamento de sua filha.

Assim a filha com tratamento pioneiro de células tronco, consegue se recuperar dos maus tratos e inicia uma nova saga.

Passo a passo, dia a dia, vai reaprendendo a caminhar. Sua mãe realizada não esconde mais sua alegria e hoje esta casada com o delegado que as ajudou.

A filha finalmente se levanta da cadeira de rodas e junto com a cadeira abandona seu passado sombrio rumo a uma nova vida.

DESENHO 6 - H



Estória 6.1 – H

Quando mais jovem, Matt sofreu um acidente em uma construção próximo de onde morava, perdendo a visão em seus 2 olhos. Sua mãe procurou todos os tipos de tratamentos possíveis, mas não pode reverter a situação de Matt. Hoje ele enfrenta problemas de peso, pois não consegue praticar muitos exercícios físicos devido à sua condição.

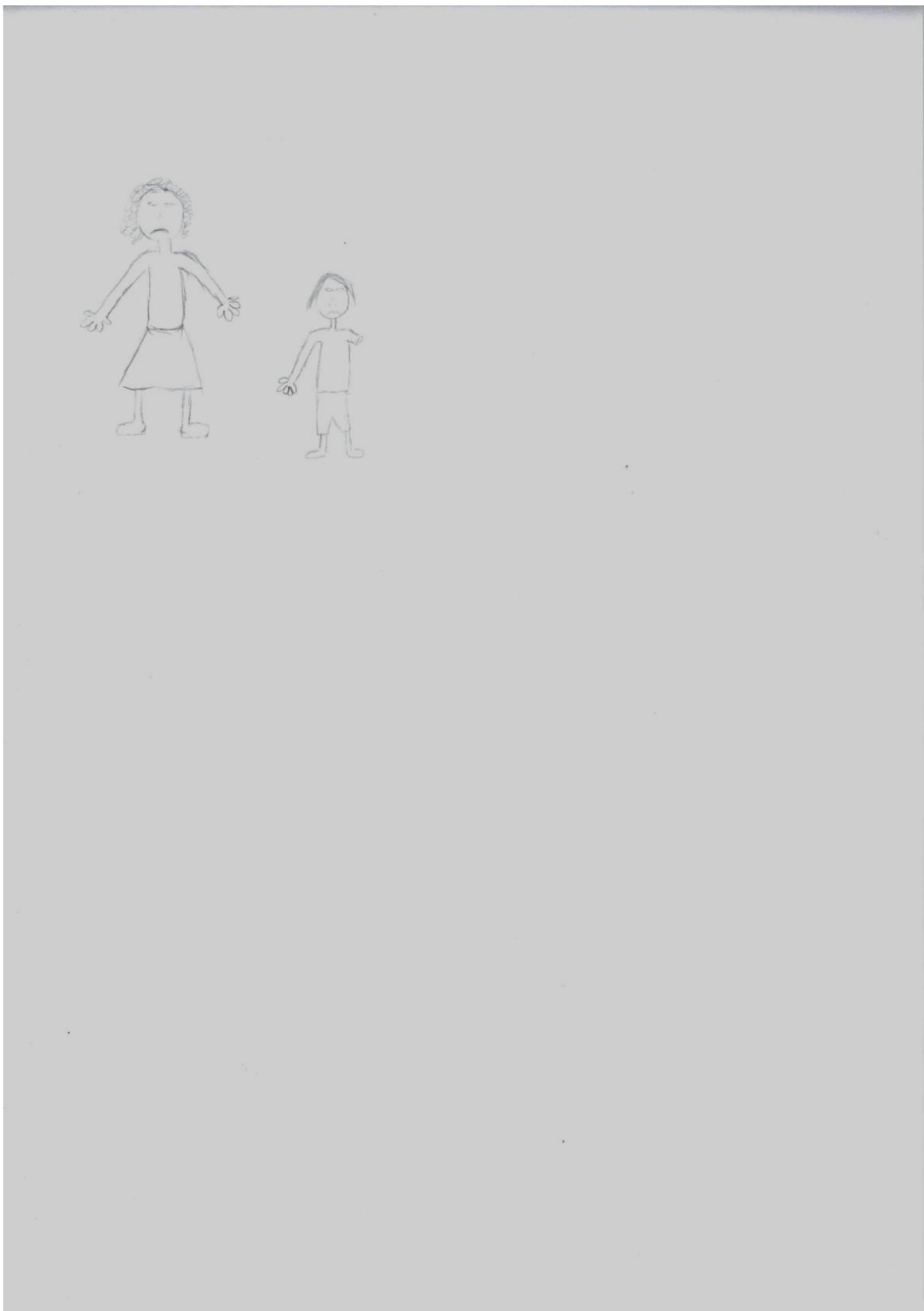
Pensando no problema de Matt, sua mãe acaba de comprar um cão-guia para ele. Melhorando sua saúde física e sua interação com as outras pessoas.

Estória 6.2

Matt celebra seu aniversário de 10 anos de casado com Page, sua esposa com quem tem 2 filhas pequenas de 8 e 6 anos. Apesar dos tratamentos avançados utilizando células-tronco e nanotecnologia para reverter os danos na retina de Matt, ele ainda apresenta alguns problemas visuais, mas segue sua vida sem problemas.

Nos fins de semana, antes de ir para a academia, ele visita sua mãe Clarice. Foi graças a ela que ele passou a se exercitar mais com seu cão-guia e passou a se apaixonar por Fisiculturismo e após diversos campeonatos mundiais em que se consagrou campeão, consegue viver da renda de seus patrocinadores e tem uma vida estável e um casamento feliz

DESENHO 7 – H



Estória 7.1 – H

Roberto, menino de 9 anos sofreu um acidente aos 7 anos, quando foi atropelado por um motorista de 19 anos que estava bêbado. No acidente Roberto sofreu uma grave lesão em seu braço esquerdo que culminou em sua desarticulação.

O motorista, filho de um deputado federal, foi preso e solto no dia seguinte por ser réu primário. Seu julgamento teve influencia de seu pai. Dessa forma foi condenado a restituir a família com cestas básicas por 3 anos e prestar serviço comunitário por 3 meses.

A mãe de Roberto chora todas as noites pois a paixão de seu filho por jogos eletrônicos e computadores foi prejudicada pela perda do membro.

Além disso a mãe teme pela inclusão de seu filho no mercado de trabalho.

Estória 7.2

Roberto, agora com 29 anos sofre grandes dificuldades financeiras pois não consegue emprego. Suas namoradas o abandonaram por seu comportamento depressivo e irritabilidade com a vida o que levou Roberto ao etilismo crônico. Sua mãe veio a óbito em 2029 por doença coronariana o que levou Roberto a morar com tios. Sua instabilidade emocional levou a constante mudanças de casa dos tios e hoje Roberto é morador de Rua, desempregado e alcóolatra.

O filho do deputado que o atropelou atualmente exerce cargo de governador do estado de SP e pleiteia candidatura para deputado federal seguindo os passos do pai.

DESENHO 8 – H



Estória 8.1 – H

Dona Neide e seu filho Guilherme contemplam com satisfação a recém instalada rampa na calçada da rua da escola do Guilherme. O garoto sempre teve dificuldade em se locomover e nunca conseguiu engolir a completa falta de acessibilidade com a qual se deparava ao deixar a sua casa. Após uma semana de discussões sobre deficiências e acessibilidade que haviam ocorrido no posto de saúde local e que se expandiu para o bairro, dona Neide viu a oportunidade de organizar seu vizinhos e colegas para cobrar providências da prefeitura e da escola. Finalmente seu filho poderá se locomover sem depender de outrem, sem se sentir completamente dependente. Seu filho conquistara uma fina parcela de autonomia, um mínimo de cidadania.

Estória 8.2

Dona Neide dá um gole de café e mastiga o bolo de fubá enquanto olha com orgulho para a foto dela com seu filho na frente da rampa que conquistaram a duras penas. Ela lembrava-se dos abaixo-assinados, reuniões e manifestações que ele coordenou e, apesar da dor de cabeça e incerteza que acompanharam sua pelejas reconhece orgulhosa sua conquista. Ela pensa em como seu filho mudou após as reformas realizadas no bairro e na escola. Guilherme passou de um menino quieto e sisudo para uma criança, peralta como os outros. Hoje não consegue ter mais orgulho do profissional e militante que se tornou Guilherme.

DESENHO 9 - H



Estória 9.1 – H

Esta é Amanda e o menino é Pedro. Durante a gestação, Amanda descobriu que seu filho tinha macrocefalia e que não possuía uma perna. A falta de um membro não a incomodou tanto, afinal, ele seria capaz de viver com uma só perna. Todavia, ela ficou muito preocupada com a macrocefalia, afinal, temia que o filho nunca se desenvolvesse sua parte intelectual e de comunicação.

Infelizmente, o pai de Pedro abandonou os dois após o nascimento. Ele disse que estaria por perto, ao lado dela, mas não conseguiu ser humano e pai o suficiente e deixou os dois sozinhos, indo atrás de uma vida menos complicada.

Com a ajuda da mãe, Amanda cuida filho com muito amor. Seria 100% feliz se ele pudesse ser independente um dia, se pudesse estudar, trabalhar, apaixonar-se e casar. Mas quando olha para ele, vê que ele é feliz.

Estória 9.2

O pai de Pedro nunca mais apareceu, e sua avó morreu quando ele tinha 15 anos. Amanda continuou trabalhando fora e Pedro ficava sob os cuidados de uma babá. Quando ele atingiu 20 anos, teve uma pneumonia e faleceu. Amanda ficou desolada, sentindo-se sozinha.

Aos poucos, ela foi se adaptando à nova vida, mas nunca mais se relacionou com um homem. Tinha medo de ser abandonada novamente e não queria correr o risco de engravidar novamente. Ela também orava todos os dias para não ser abusada na rua, afinal, nem o direito ao aborto ela teria devido a recentes leis aprovadas em seu país.

DESENHO 10 - H



Estória 10.1 – H

Cansada, exausta. Mas estranhamente feliz.

Para cada momento difícil, uma vitória.

As vezes se sente sozinha, sobrecarregada.

Em outros momentos percebe que ganhou um companheiro para toda a vida. E a solidão se abate.

Problemas que não esperava surgir, que outras mães talvez não tenham. Mas a alegria e esperança para o futuro são as mesmas, talvez até mais exacerbadas.

Estória 10.2

Cansada, exausta. Mas estranhamento feliz.

Para cada momento difícil, uma vitória.

Já se sentiu sozinha, sobrecarregada e até abandonada

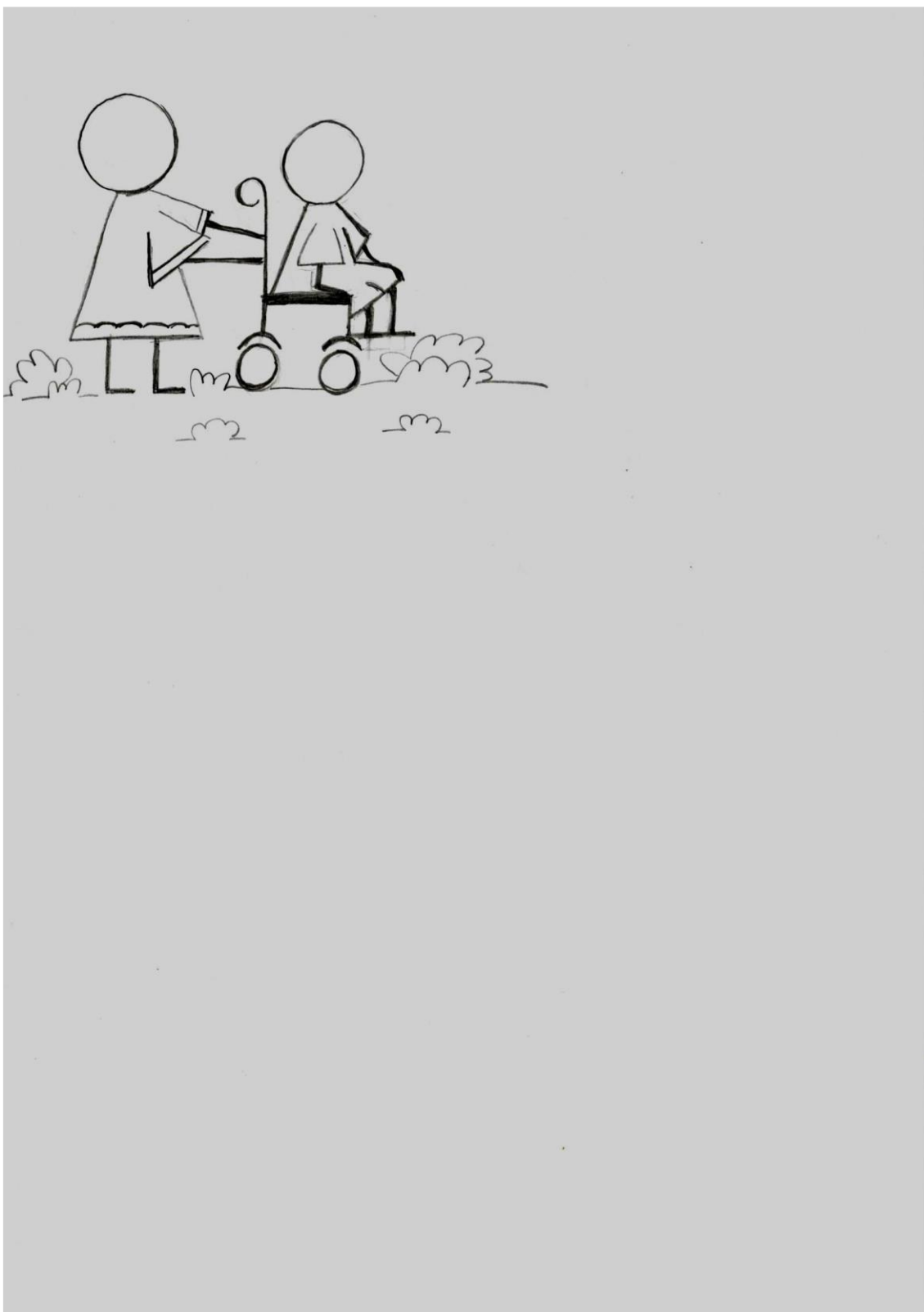
Já se sentiu forte, quase superhumana, resolveu problemas que nunca imaginou encontrar soluções.

Do companheiro adquirido, mas amor impossível imaginar.

Cada ganho na independência daquele serzinho, um momento de alegria e esperança imensurável.

Depois de tantos anos, muitos arrependimentos. Mas nunca de ter aceitado essa jornada.

DESENHO 11 – H



Estória 11.1 – H

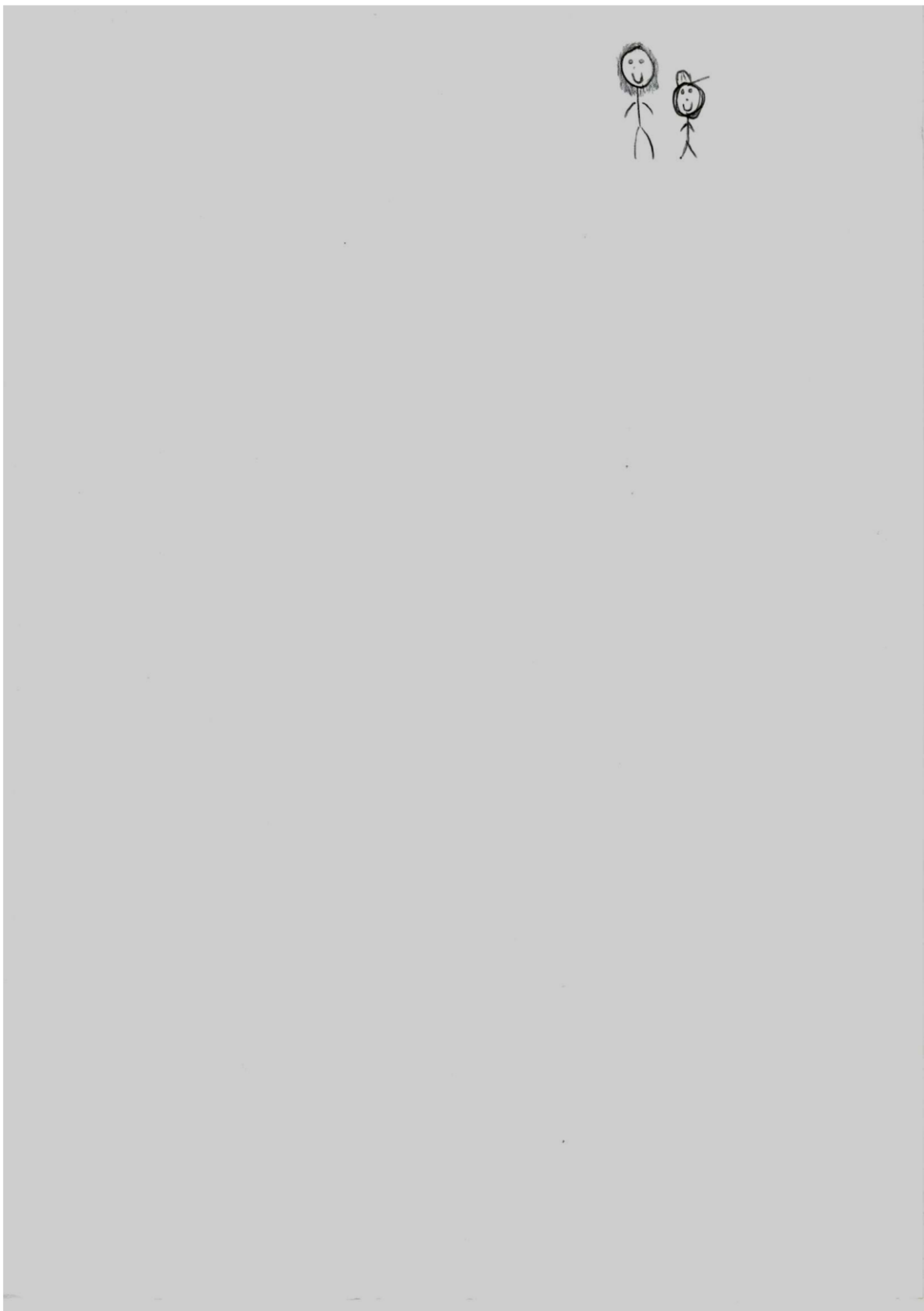
Dona Maria, 55 anos, mãe solteira, doméstica, há 6 meses mudou sua rotina por conta de um acidente com seu filho de 16 anos, acidente este que o deixou paraplégico.

Além das dificuldades enfrentadas diariamente, atualmente enfrenta mais uma batalha que é auxiliar a inclusão de seu filho nessa sua nova realidade.

Estória 11.2

Dona Maria já falecida há 1 ano, deixou como legado p/ seu filho a ideia de superação e companheirismo. Após o acidente e ao longo dos anos, ensinou seu filho como ser autônomo e este, hoje, tem família, 1 filho, estabilidade financeira e gratidão por sua mãe.

DESENHO 12 – H



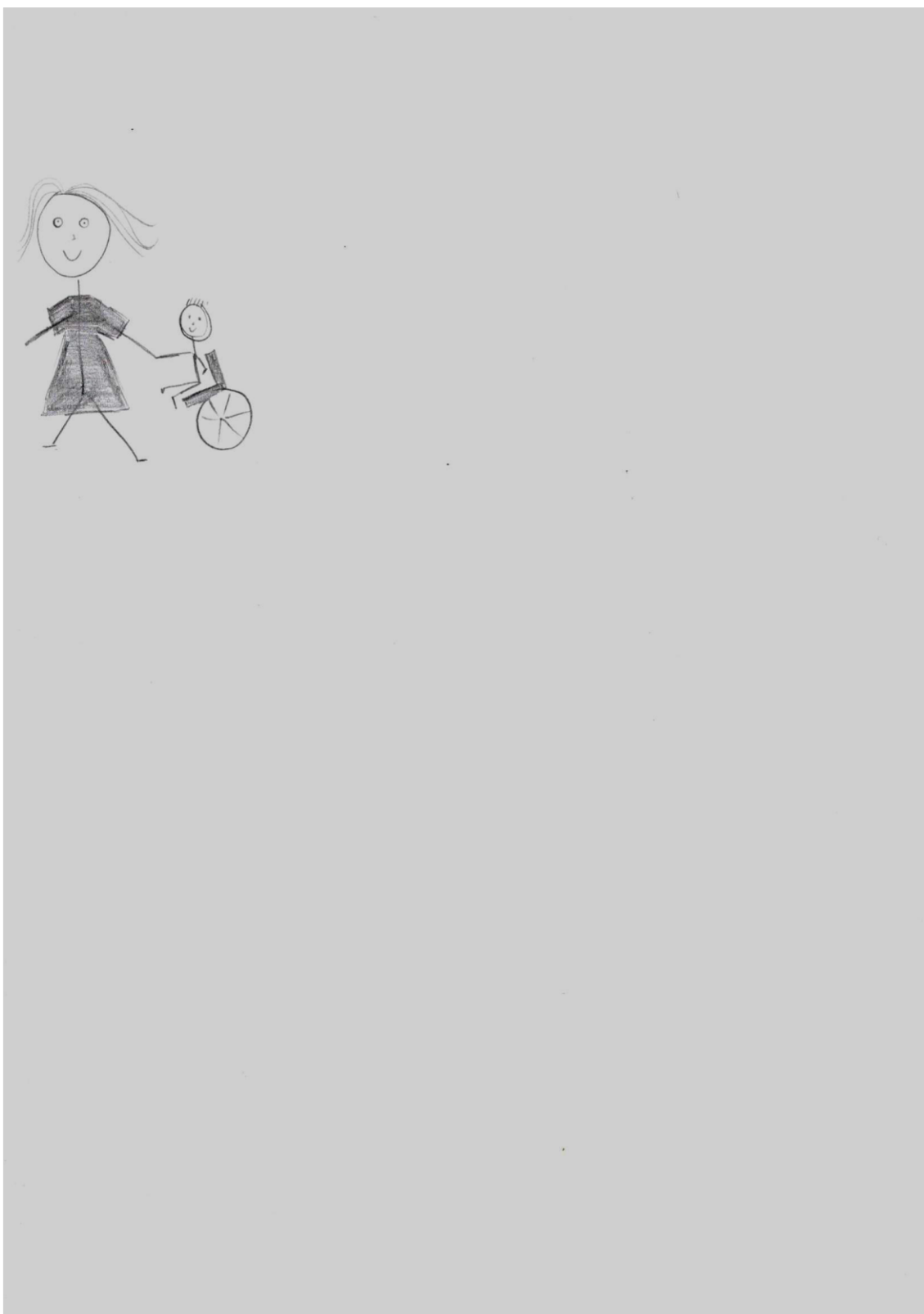
Estória 12.1 – H

Adelaide está levando seu filho, João, para a escola a pé. João gosta muito da escola em que estuda e de andar na rua acompanhado da mãe. É uma manhã ensolarada de sexta-feira e está calor. Quando voltar da escola, João irá à piscina do seu condomínio com seu outro irmão, Rafael.

Estória 12.2

Em 2037, João está casado e planejando adotar um filho com sua esposa. João está visitando sua mãe, que mora próximo da sua casa, e planejando os preparativos para a ceia de natal que ocorrerá na semana seguinte. Está se sentindo feliz pois irá rever seus familiares em breve e poderá contar a sua intenção de adotar um filho junto de sua esposa.

DESENHO 13 – H



Estória 13.1 - H

História

Em um sábado pela manhã, uma mãe e seu filho vão à padaria para tomar café da manhã. Sua criança sofre de paralisia cerebral e tem extrema dificuldade em se locomover.

Felizmente, essa família adquiriu uma cadeira de rodas recentemente e graças à isso, está podendo realizar atividades que não eram plausíveis antigamente (como sair para tomar café).

Com essa possibilidade, o tratamento da criança pode ser melhor executado, bem como a oportunidade de se frequentar a escola.

Estória 13.2

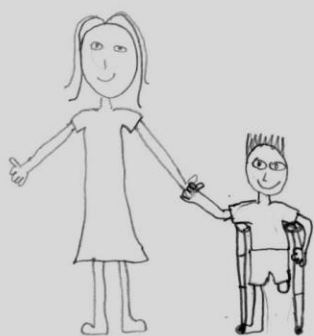
História

Em 2037, essa mãe ainda mantém contato com seu filho. Graças à fisioterapia e todos os cuidados tomados, ele pode realizar atividades e inclusive morar sozinho. Hoje trabalha como caixa de supermercado, e, apesar de ter dificuldades motoras, consegue realizar bem os serviços.

Como seu comprometimento não é cognitivo, estuda p/ tentar melhorar seu conhecimento e quem sabe um dia crescer na rede, se tornando gerente ou assumindo outro emprego.

Sua mãe faz visitas todos os dias, principalmente para levá-lo ao emprego e auxiliá-lo nas tarefas domésticas de maiores dificuldades.

DESENHO 14 – M



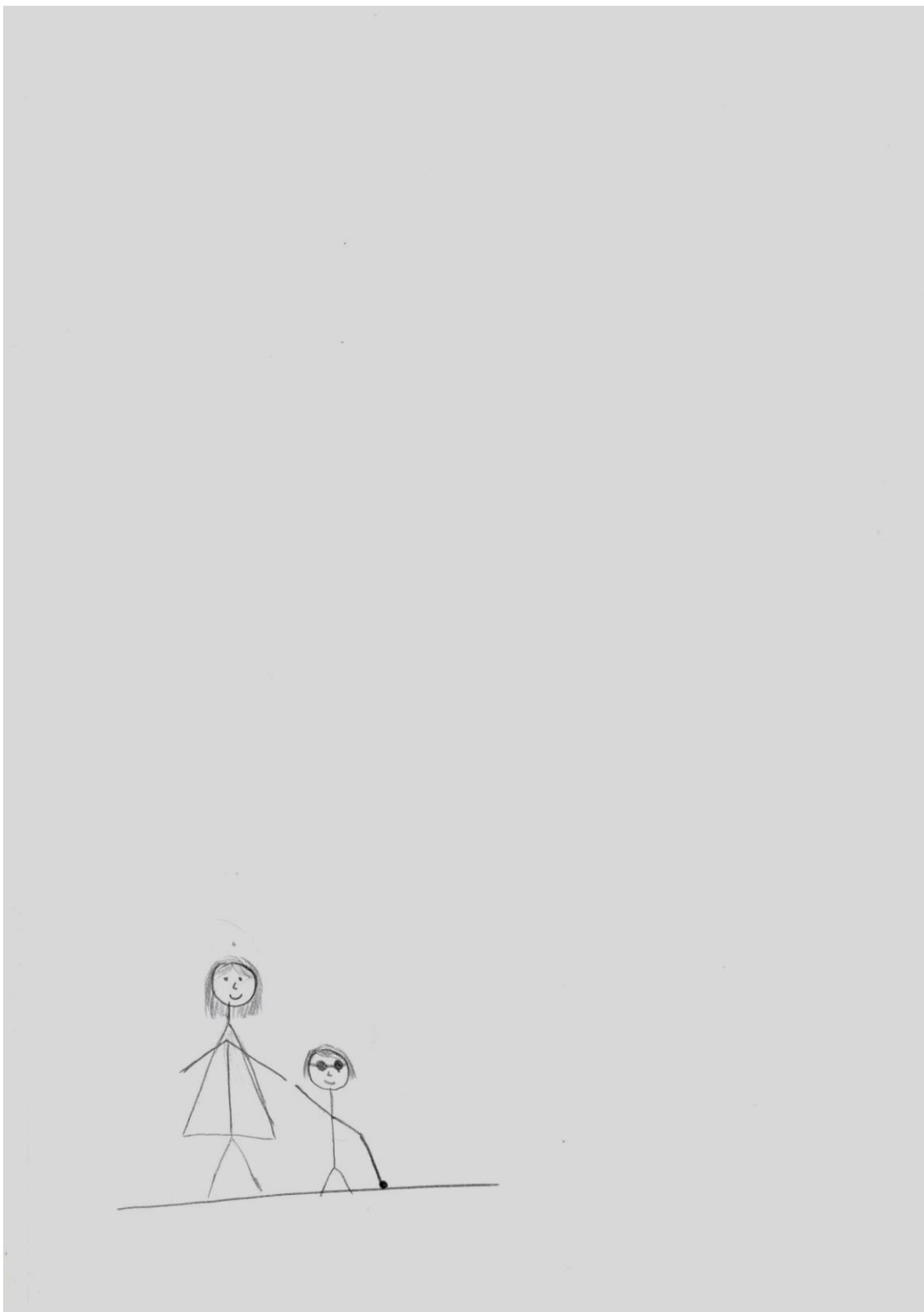
Estória 14.1 - M

Ana tinha 20 anos quando engravidou de seu 1º filho, João. Foi uma gravidez não planejada e Ana não teve apoio do parceiro e nem da própria família. Em um dos ultrassons descobriu que João nasceria com uma deficiência física: faltaria a perna esquerda. Diante de todas as dificuldades, Ana se viu desamparada nesse momento tão difícil. Com apoio de alguns poucos amigos, Ana conseguiu prosseguir com sua vida e sua gravidez. Graças a obstetra e pediatra que ficaram encarregadas do seu caso, também conseguiu o melhor atendimento para seu bebê. Com a ótima rede de saúde em seu município, João pode levar uma vida normal, apesar de ainda sofrer com falta de acessibilidade. E Ana, mesmo sozinha e trabalhando bastante, consegue até hoje oferecer uma boa vida ao seu filho e acredita que foi a melhor coisa que lhe aconteceu na vida.

Estória 14.2

Hoje com 26 anos, João está cursando doutorado em robótica na Alemanha, mas pretende voltar para casa em breve. Ana, casada, trabalha como professora e reserva seu fim de semana para os outros 2 filhos, Maria e Victor, que estão no ensino fundamental. João se sente realizado com a sua vida e não deixa que sua deficiência o afete, ainda praticando esportes e sendo um grande atleta.

DESENHO 15 - M



Estória 15.1 - M

Luiza, 32 anos, está levando seu filho Daniel, de 6 anos para a escola de manhã. Ela acordou cedo, preparou leite e pão para família e agora caminha com Daniel em direção a escola. Enquanto Daniel fica na escola, ela trabalha como manicure e seu marido, pai do Daniel, trabalha como professor de educação física. No final da tarde todos se encontram em casa e brincam com Daniel e com o cachorro da família, Paçoca.

Estória 15.2

Luiza, 52 anos, comanda seu próprio salão de beleza. Ainda atende como manicure. Durante os últimos 20 anos fez curso de gestão de negócios e também de depilação. Usa uma casa no centro que recebeu de herança dos seus pais como seu salão. Vive bem com seu marido e atualmente está pensando em como comemorar seu aniversário de 25 anos de casamento. Ela está aguardando o final de semana para encontrar seu filho Daniel e perguntar a opinião dele. Daniel tem 26 anos, terminou o curso de direito e se mudou para São Paulo para fazer pós graduação e trabalha em um escritório. Ele gosta do que faz e já recebeu algumas ofertas de trabalho.

DESENHO 16 - M



Estória 16.1 - M

Após um longo dia de trabalho, exausta e cansada da cobrança do dia-a-dia, mãe chega em casa e pega seu filho que estava em casa descansando após um longo período na escola, e vai passear com ele no parque, junto com seu cão, para assim aproveitarem o dia juntos. Sendo esse o melhor momento do dia para ambos.

Paz, tranquilidade, apenas os dois curtindo o momento.

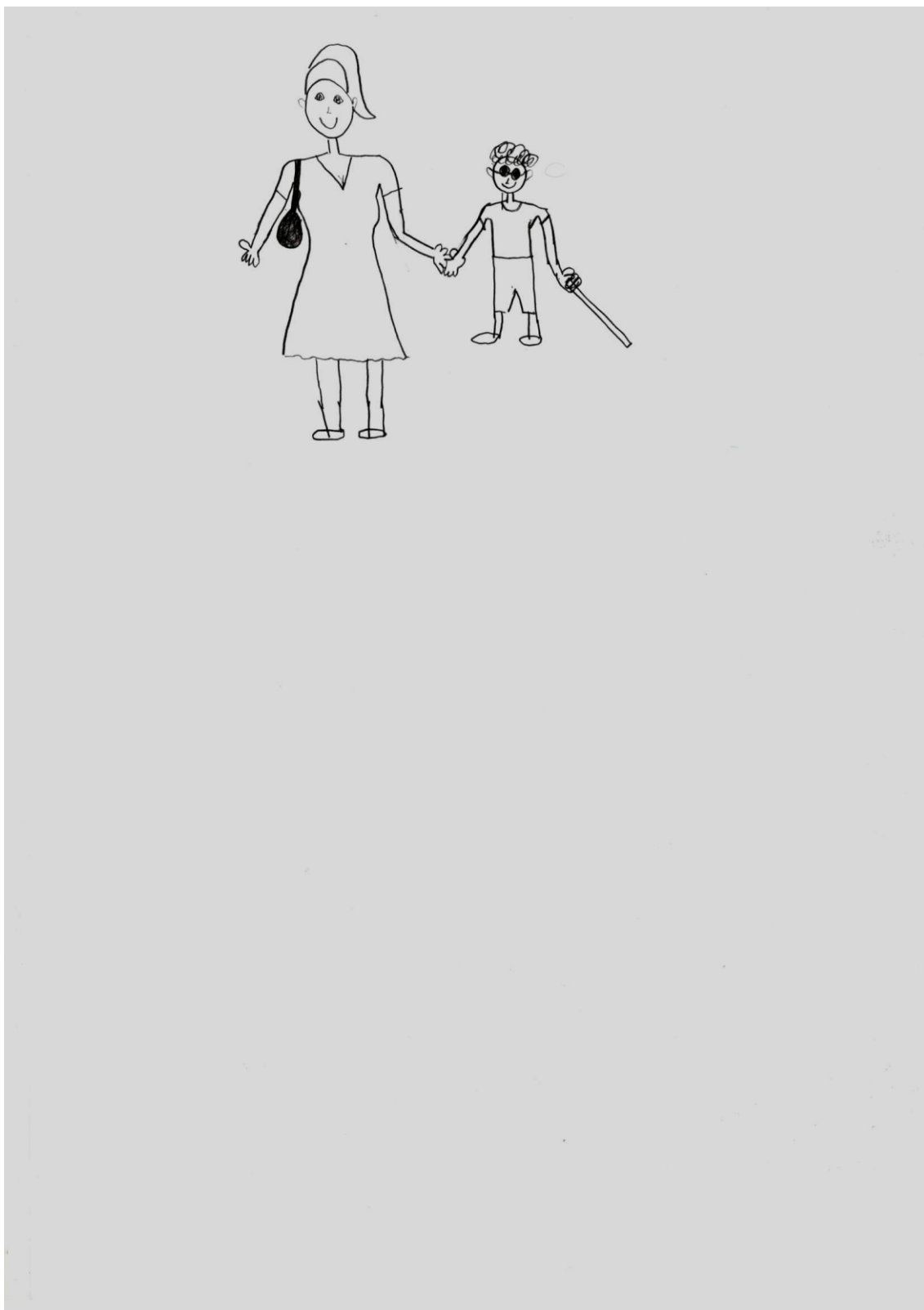
Estória 16.2

Após 20 anos...

O que era uma criança virou um adulto, Homem, bem sucedido, advogado, independente, morando sozinho e que todos os finais de semana ia à casa de seus pais, passar um tempo com eles e ver como eles estavam. Com namorada e planos de um futuro juntos, porém aguardando o momento certo.

Aquela mãe jovem, cheia de preocupações e disposta a tudo para garantir um futuro ao seu filho, continua sendo essa guerreira, mas com a segurança de que seu menino não necessita mais de suas unhas e garras, que ele criou asas para seu rumo tomar.

DESENHO 17 – M



Estória 17.1 - M

Lúcia é uma mulher de 36 anos que aos 26 anos deu à luz a seu primeiro filho, Pedro. Já nos primeiros dias de vida recebeu a notícia que seu filho nasceu com retinoblastoma (uma neoplasia) nos dois olhos. Foi feita uma cirurgia e tratamento que levaram a cura do câncer, mas seu filho se tornou cego.

Lucia e Paulo (seu marido e pai da criança) sempre buscaram se informar sobre os direitos dos deficientes visuais e adaptaram a vida familiar para que Pedro pudesse ter condições de ter uma boa vida, brincar, estudar e ensinam tudo a Pedro para que possa ter o máximo de autonomia.

Pedro é uma criança de 10 anos feliz que adora correr, ouvir música e já lê em braile. Sabe que tem uma deficiência física em relação às outras crianças, sente-se um pouco angustiado em alguns momentos por sentir-se deslocado em alguns assuntos, mas isso não o atrapalha muito.

Estória 17.2

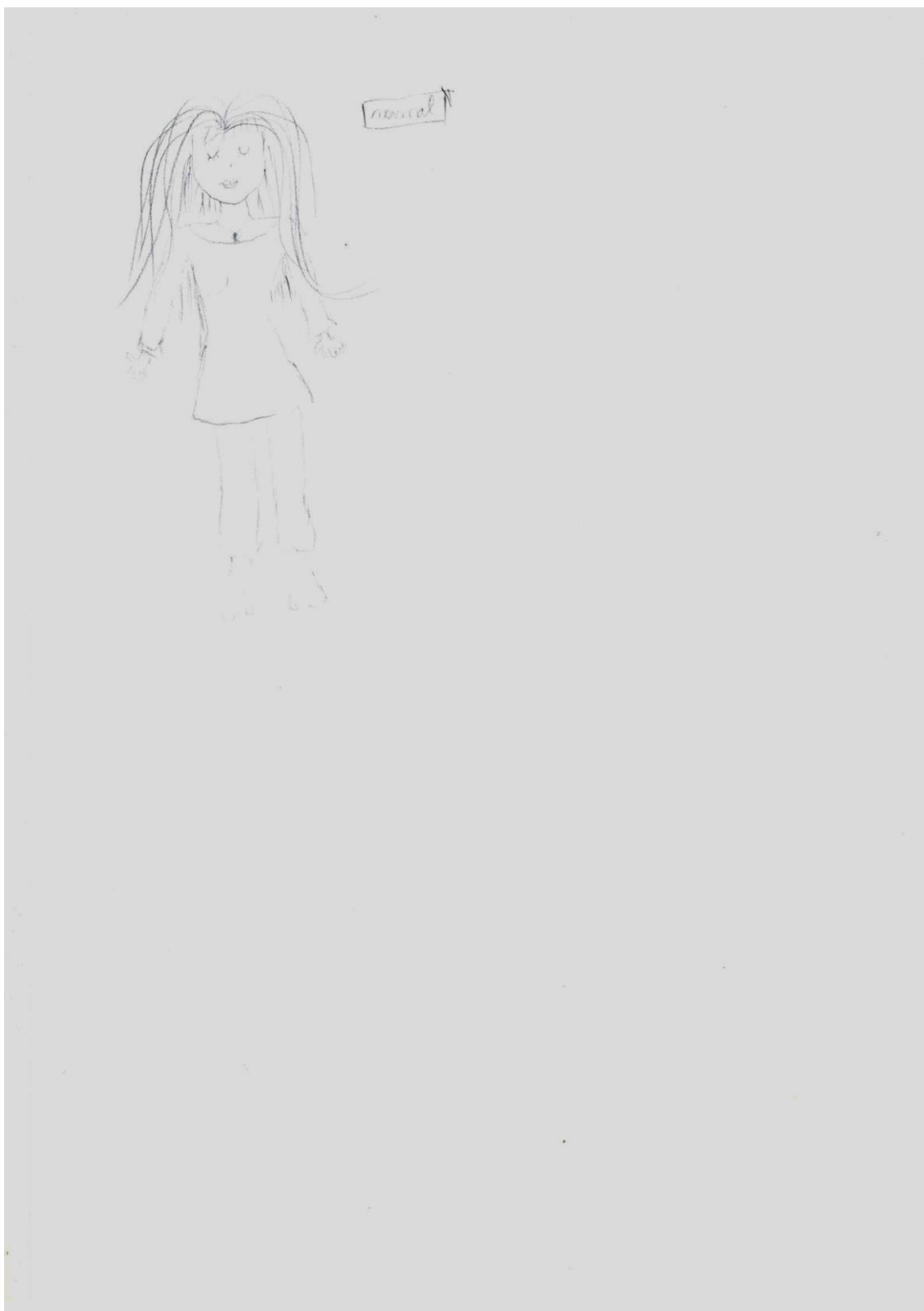
Pedro nasceu com retinoblastoma nos dois olhos. Foi feita uma cirurgia para remoção do câncer em sua primeira semana de vida, que levou a cura da doença, mas a partir de então ele tornou-se cego.

Seus pais sempre buscam as melhores opções de tratamento e ensino, porém como a família tem recursos limitados, nem sempre Pedro consegue usufruir das melhores oportunidades para cegos.

Teve dificuldades para encontrar uma escola pública com boa acessibilidade e oportunidades para cegos. Mesmo entre as escolas particulares, muitas não estariam preparadas para receber alunos cegos e oferecer oportunidades semelhantes aos alunos sem deficiência visual.

Pedro lê em braile, brinca com outras crianças e é feliz, mas seus pais se preocupam com seu futuro profissional, pois o mercado de trabalho cada vez está mais restrito a pessoas sem deficiências.

DESENHO 18 – M



Estória 18.1 - M

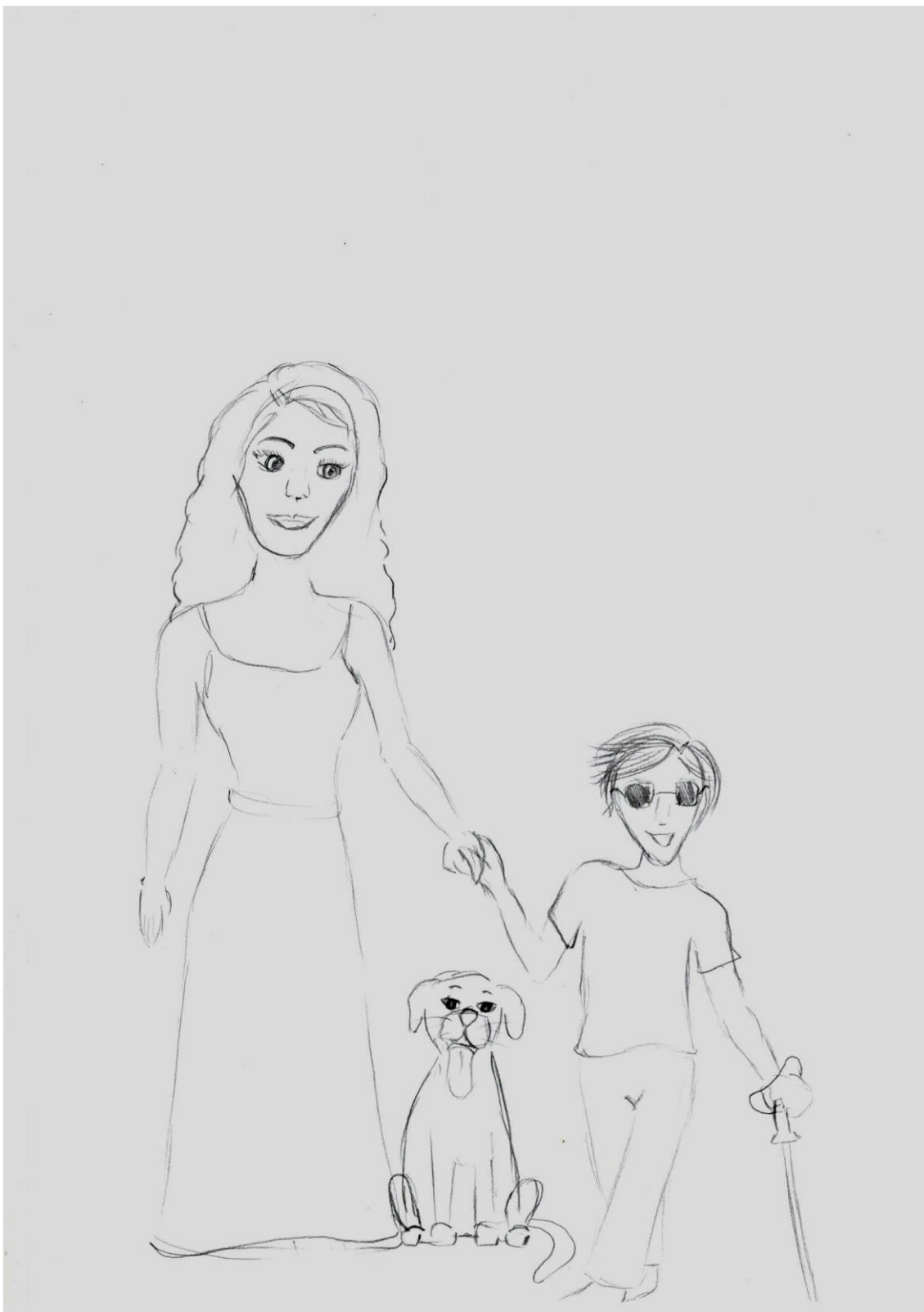
Mãe é mãe. Cada uma a sua maneira, mas sem a diferença no fato de que são mães. A mãe de uma criança/adulto com deficiência talvez tenha um zelo maior com o filho (ou não), mas ela não tem diferença das outras mães. Por essa razão desenhei uma pessoa normal. Eu como médica (futura) não posso fazer distinção entre as pessoas. Acredito que possa haver um apego maior, um carinho maior, uma demonstração de “coruja” maior, mas como eu a vejo é como vejo as outras. São todas mães! Isto torna o meu tratamento homogêneo. As pessoas precisam ser tratadas com respeito pelo fato de serem pessoas e não por outros motivos. Isso independe de etnia, sexo e religião, deficiência. Ninguém deve ser diminuído e nem exaltado, nem mesmo uma mãe com filho deficiente. Ela mesmo se encarrega apenas como mãe e é assim que eu também a verei.

Estória 18.2

2037: Em 20 anos muita coisa pode mudar, mas algumas coisas permanecem. O amor de mãe, independente de como ela demonstra sempre estará lá. Em 20 anos a mãe pode ter faliado, o filho também, ou ambos estarem bem, ou não.

O fato é que as memórias, no caso de falecimento, sempre permanecerão. a figura da mãe ainda estará presente, fisicamente ou não. E a figura do filho também. Esta mulher foi mãe e isto não pode ser alterado. Continuarei a vendo como mãe. Talvez mais feliz, talvez mais triste. Pode ser que aumente a minha compaixão, mas ainda a verei como ela é, como mãe e pessoa ao mesmo tempo, sem exaltação, sem diminuição.

DESENHO 19 – M



Estória 19.1 – M

Ele acordou na manhã daquele dia sabendo que seria um dia especial. E tinha razão. Para seu aniversário, sua mãe encomendara o presente que ia além de sua imaginação: Bob, o cão guia e seu mais novo companheiro de caminhadas, brincadeiras, lições, amizades, primeiros encontros, primeiro beijo, formatura da escola, entrada na faculdade, superação de obstáculos, estágios, namoros, empregos, casamento, enfim...companheiro da vida.

Estória 19.2

Ele queria passar por aquilo de novo? Todo treinamento p/ adaptação de um cão guia ao seu dono. Seria Bob substituível? 20 anos depois, ele se deparava com apenas lembranças de sua vida ao lado de seu maior parceiro e cão guia, Bob, e uma questão: qual o significado de sua vida sem seu feliz amigo? Comovido com suas memórias, se deixou inundar pela nostalgia da presença de Bob, pela confiança que sentia para com seu parceiro quando passavam por lugares desconhecidos, pela maciez de seu pelo, pelo toque molhado e repleto de entusiasmo e carinho de suas lambidas, pelo cheiro doce de quando ele tinha sido banhado. Com o coração e olhos transbordando pensou: sim, vivi ao lado dele. E essas emoções e sinesias são prova disso. Uma vida sem isso, não vale a pena.

DESENHO 20 – M



Estória 20.1 - M

Uma mãe, que acaba de descobrir que o filho possui alguma deficiência, começa a se questionar sobre as dificuldades que o filho e a família inteira poderão vir a passar.

A existência da deficiência não altera o seu amor pelo filho, mas a deixa preocupada sobre como a sociedade encara esse tipo de situação e como a família terá que ser forte para batalhar por melhores oportunidades e condições de vida para ele.

Estória 20.2

Infelizmente, muitas das dificuldades que preocupavam a mãe realmente aconteceram, mas tudo isso fez com que a família toda permanecesse unida e se apoiassem. Foram lutas difíceis, mas hoje eles sabem que fizeram de tudo para proporcionar o melhor para o filho.

DESENHO 21 – M



Estória 21.1 - M

2014/2017

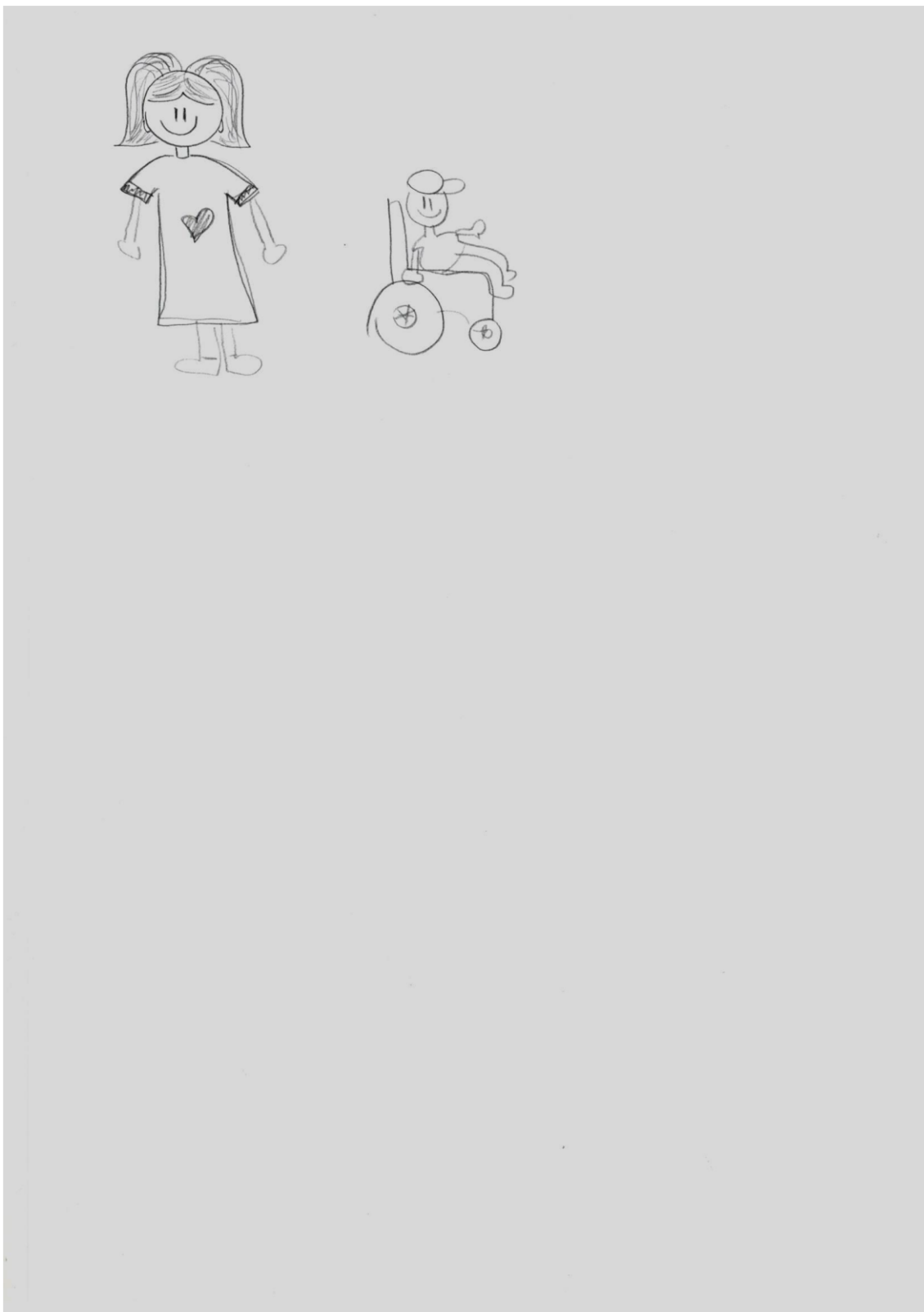
O nome dela é Maria. Maria é mãe. Maria é mãe de uma criança com deficiência, porém é mãe como todas as outras. Não tem super poderes nem características diferentes. Maria sempre sonhou em ser mãe e isso sempre foi uma certeza em sua vida. Engravidou aos 23 anos, fez todo o pré-natal, teve uma gestação sem intercorrências e em 23/08 teve Miguel, que veio para tornar a sua vida mais completa. Se tornou mãe, como tantas outras que conhecia. Como sua mãe e como sua avó. Em 23/08 três anos depois, durante a comemoração de seu aniversário, Miguel foi atravessar a rua para encontrar um amigo e foi atingido por um carro. Desde aquele dia não pode mais se mover. Maria desde então sabe que terá que cuidar dele para o resto da sua vida e que seu filho será sempre dependente dela. Maria vive 24/7 por seu filho. Abriu mão de toda sua vida particular, íntima e de sonhos além do que tinha de ser mãe. No meio de outras mulheres e outras mães, Maria é mãe. Ninguém sabe sua história. Fisicamente, caricaturamente, Maria não se diferencia de outras mães. Porém, dentro dela vive uma mulher única e, como tal, a única que sabe a irreverência de quem é. Maria é mãe de uma criança com deficiência. Maria é mãe.

Estória 21.2

2037

Miguel tem 20 anos. Ainda é totalmente dependente de Maria. Maria ainda vive para cuidar de seu filho porém hoje aprendeu administrar sua vida para permitir-se outros prazeres. Miguel tem sua mãe como a maior fortaleza de sua vida. Miguel a vê como uma super heroína. Como uma rainha. A mulher maravilha com uma coroa de ouro e diamantes. Mas Maria é uma mulher como todas outras. Apesar do tempo cronológico pouco mudou desde 2017. Miguel é dependente de Maria. Maria é mãe de Miguel. Maria é mãe de um jovem adulto adolescente. Maria é mãe.

DESENHO 22 – M



Estória 22.1 - M

Maria, 35 anos, branca, casada, mãe do Joaquim.

Maria trabalha fora e cuida de seu filho Joaquim nas horas de folga. Ela ama levá-lo ao parque, assim como qualquer outra mãe.

Maria sente-se muito feliz por ser mãe, apesar de todo cansaço que essa função lhe causa. É preocupação com a escola, com a alimentação e com a educação do filho. Além do cansaço físico que seu trabalho lhe causa, ser emergencista é muito exaustivo.

Aos finais de semana Maria ama ir ao salão de beleza cuidar de seus cabelos e fazer as unhas. Enquanto ela vai ao salão João, seu marido, cuida de Joaquim.

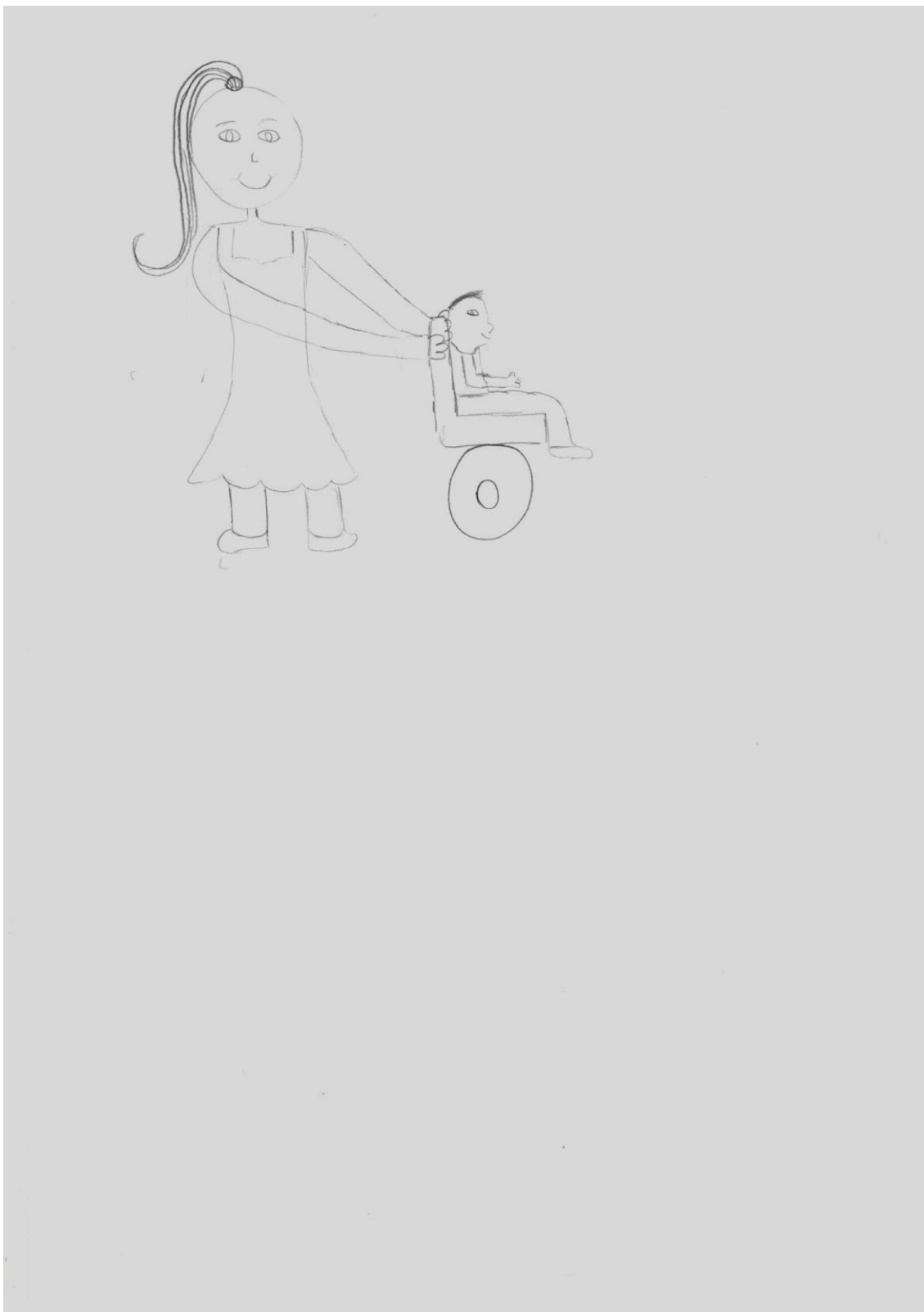
Estória 22.2

Hoje, 2037, Maria já está mais velha e muito feliz com o ingresso de Joaquim na universidade. Ele quis seguir o caminho do pai e será Arquiteto.

Maria tem muito orgulho do homem no qual Joaquim se tornou. Na escolinha ele sofreu preconceito de alguns pais de seus coleguinhas; Alguns pais não admitiam que seus filhos brincasse com Joaquim porque ele é paralítico. Mas apesar dos pesares, Joaquim é um homem de princípios e que não se deixou abalar por certas dificuldades.

Hoje, Maria, João e Joaquim vão ao restaurante, juntamente com alguns amigos, comemorar a aprovação.

DESENHO 23 – M



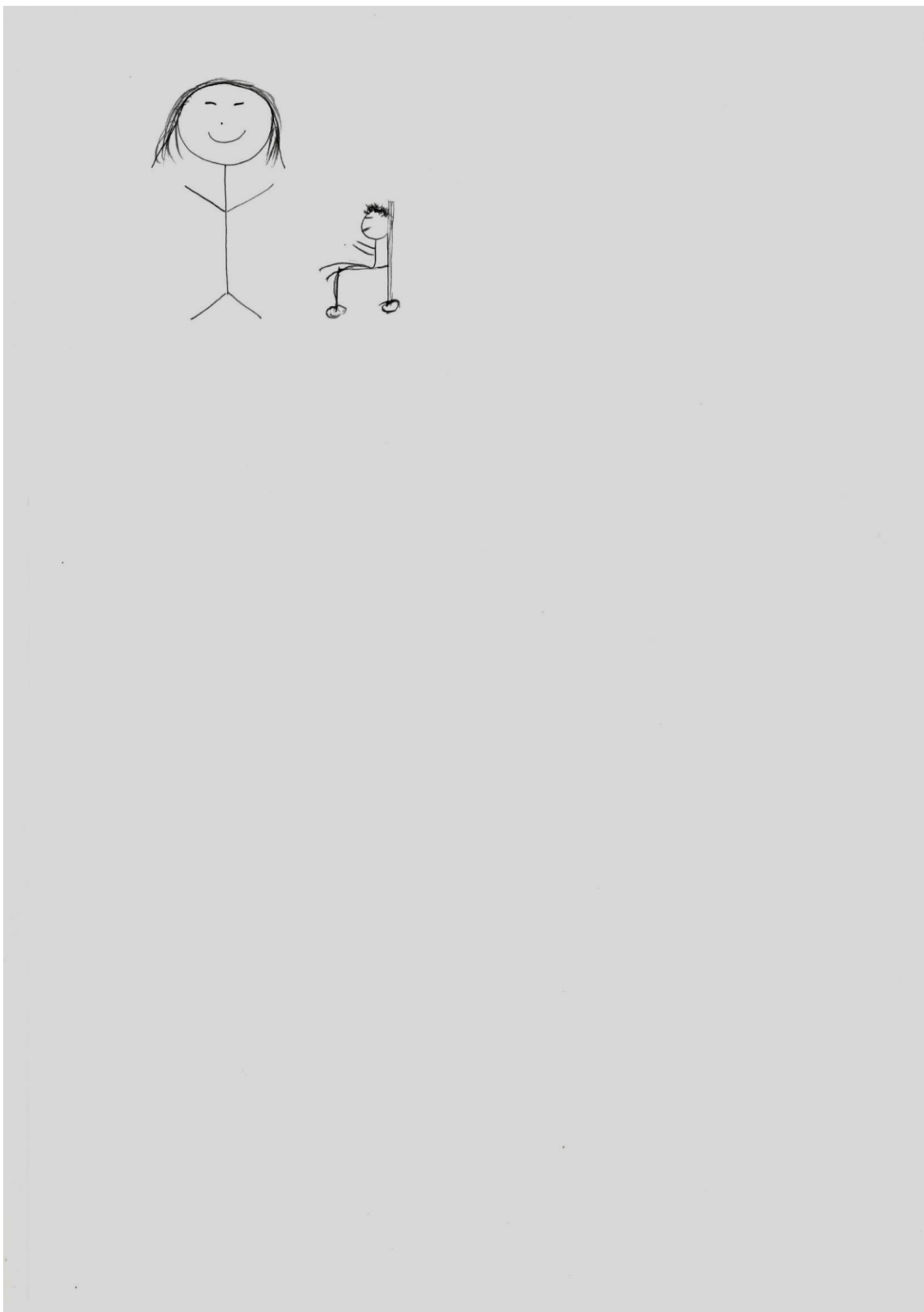
Estória 23.1 – M

Joana, mãe de Raul, é uma advogada de 32 anos sempre sonhou em se formar, conquistar sua independência financeira e construir uma família. Na faculdade, conheceu Renato, tornaram-se amigos inseparáveis e no terceiro ano da graduação comesaram a namorar, um ano após o início do relacionamento foram surpreendidos por uma gravidez não planejada. Renato culpou Joana pelo ocorrido e se afastou. Joana, em um estado emocional crítico, chegou a pensar em realizar um abortamento, mas devido ao amparo de seus pais, abandonou a ideia e decidiu levar a gestação adiante. Eis que ao nascimento uma nova surpresa lhe ocorreu: seu filho era portador de deficiência. O sonho de Joana de ser primeiramente independente financeiramente, depois construir uma família nos moldes que sempre planejou, foram por água abaixo Joana vive para seu filho, mas não consegue ser feliz.

Estória 23.2

Joana, mãe de Raul, é uma advogada de 32 anos, sempre sonhou em ser uma mulher bem sucedida independente, se dedicar à carreira e visitar o mundo. Na faculdade, conheceu Renato, tornaram-se grandes amigos, mantinham relações sexuais casuais, mas não queriam nada sério. Foram surpreendidos, no 4º ano da graduação, por uma gravidez não planejada, Renato apoiou Joana, disse que ficaria ao seu lado e que se ela lhe garantisse que o filho era dele, ele assumiria. Joana disse que tinha se envolvido com outras pessoas e que após o nascimento faria o exame de DNA para confirmar a paternidade. 9 meses depois chegou Raul, portador de deficiência, fizeram exame de DNA e o resultado foi que ele era filho de Renato. Apesar de nenhum dos pais terem um dia desejado ter filho, ambos assumiram o filho e dividiram responsabilidades. Joana e Renato conviveram muito tempo como grandes amigos, até que quando o filho estava com 10 anos, notaram que o sentimento entre eles havia mudado e comesaram a namorar, 3 anos depois se casaram, formaram uma família e foram felizes, de um modo diferente do que haviam planejado.

DESENHO 24 – M



Estória 24.1 – M

Maria José é uma mulher de 33 anos que tem um filho com distrofia muscular de Duchene. Quando Enzo tinha 2 anos, Maria percebeu que seu filho era diferente de seus priminhos, ele andava de uma forma diferente e caía muito mais que as outras crianças, parecia que ele não tinha força nas pernas. Essa peculiaridade nunca foi sinônimo de inferioridade para Maria, ela sempre batalhou para que Enzo se sentisse como as outras crianças e o ensinava que ser diferente não o tornava menor ou indigno de amor e carinho. Na adolescência, Enzo teve que usar cadeira de rodas e foi um processo difícil toda sua trajetória porque diferente das outras crianças, Enzo foi ficando cada vez mais dependente da mãe, até que aos 17 anos veio a falecer.

Estória 24.2

Maria José é uma mulher de 33 anos que tem um filho com distrofia muscular de Duchene. Aos 2 anos de idade de Enzo, percebeu que seu filho era diferente das outras crianças, e por indicação do pediatra foi encaminhada para um centro de cuidado multidisciplinar para crianças e adolescentes com essa doença. O projeto lhe forneceu informação sobre a distrofia de Duchene e orientação sobre como conduzir sua vida a partir dali, sempre fornecendo todo apoio. Com a colaboração dos profissionais do centro, Maria conseguiu continuar seu trabalho como secretária de um consultório odontológico e oferecer todo cuidado ao seu filho, até sua morte.

DESENHO 25 - M



Estória 25.1 – M

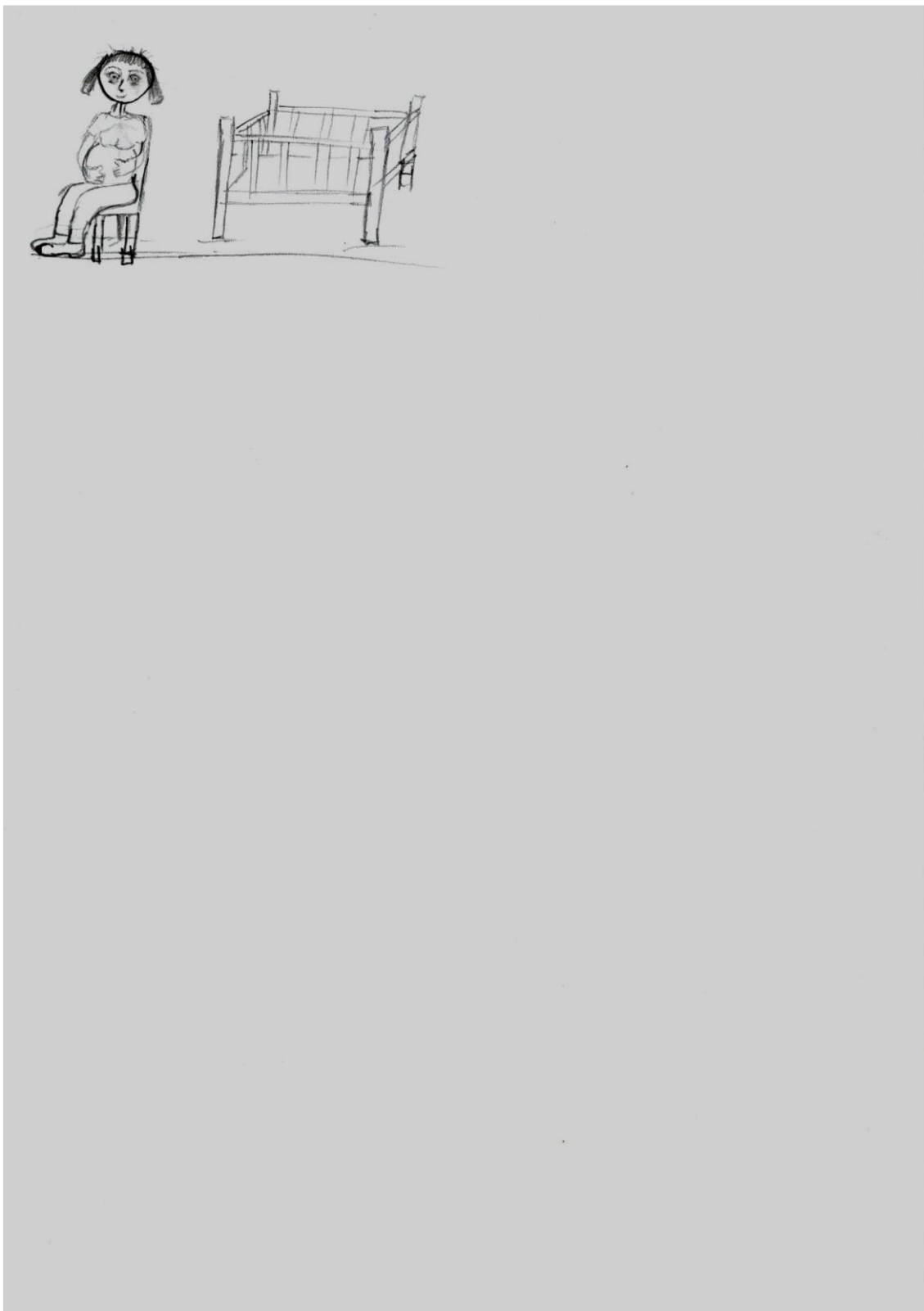
Gestante que descobre filho com deficiência tem uma avalanche de preocupações, desde financeiras e assistenciais, até sobre a relação interpessoal entre essa criança dentro do ambiente familiar. Busca por orientações de como prosseguir e seu entendimento caminha de acordo com o auxílio prestado à ela, nas mais diversas esferas de assistência.

Estória 25.2

2037

Gestante realiza teste genético e sabe precocemente da deficiência de seu filho. Diante de inúmeras preocupações, pondera sobre a possibilidade de interrupção da gravidez, comumente realizada nesses casos de antecipação gênica de doenças. No entanto, a assistência à criança e adulto deficiente evoluiu no âmbito medicamentoso e social. E após orientação humanizada das entidades assistenciais e de elucidação familiar, a mãe aceita o filho e o desafio que a acompanha.

DESENHO 26 - M



Estória 26.1 – M

Imaginei uma mãe que já tivesse passado pelo impacto inicial da notícia de ter um filho deficiente e ela estivesse no momento de se preparar para receber o bebê. Escolhendo o habitual, então, decorando o quarto da criança, escolhendo roupas, comprando fraldas, mas ao mesmo tempo fazendo as adaptações necessárias para a patologia da criança. Ela estaria criando um ambiente acolhedor para ela. Eu imagino ela cansada e preocupada pelos desafios que virão, principalmente, pela falta de experiência com a situação futura. Mas apesar disso ela está disposta a amar e cuidar da criança.

Estória 26.2

A mãe criou a criança sem a ajuda do pai, pois ele abandonou a família após alguns anos do nascimento da criança e começou uma nova família com outra mulher.

A criança, então, foi criada pela mãe e pela avó materna com muita dificuldade mas recebeu toda a assistência que precisava (médicos, fonoaudiologia, fisioterapia, dentista e até fez ecoterapia). Elas sempre estimulavam a criança a ser independente na medida do possível, pois elas sempre tinham medo do dia em que falecessem e a criança ficasse sem cuidadores. Por isso, a criança foi a escola, ajudava nas tarefas de casa e agora elas o estão estimulando a entrar na faculdade.

DESENHO 27 - M



Estória 27.1 – M

É um sábado ensolarado de Novembro, quando Rita decide programar um passeio ao parque. Prepara um cesta com frutas e lanches para que ela e seu filho, Pedro, possam aproveitar a manhã, brincando e se divertindo.

Desde o final da gestação, após o nascimento de seu primeiro filho, Rita tornou-se solteira. Uma intercorrência durante o parto fez com que seu filho tivesse um grau de deficiência física.

Apesar de ter sido abandonada por seu marido, ela nunca desistiu de seu filho. O amor por ele sempre permaneceu o mesmo, assim como sua dedicação como mãe. Ela tem conhecimento sobre a importância do estímulo a essas crianças, as quais, mais do que qualquer outra, necessitam de apoio, amor e compreensão.

Estória 27.2

Passados 20 anos, Rita e Pedro mantêm sua cumplicidade. Pedro agora torna-se o protagonista da história. Ele, sabendo que sua mãe fica triste por estar muito sozinha em casa, a convida para um passeio ao parque, toma um picolé e podem conversar.

Rita dedicou toda sua vida ao desenvolvimento do filho, não teve grande sucesso profissional, mas conseguiu sua aposentadoria. Apesar disso, sua maior vitória é poder ver que Pedro, assim como qualquer outra pessoa, hoje empregado e está constituindo família, tudo aquilo que Rita desejou para ele, apesar de nunca ter recebido apoio daqueles que não acreditaram no potencial que seu filho poderia ter.

DESENHO 28 - M



Estória 28.1 – M

Dona Maria Flor, levando seu filho Jorge, de 5 anos para visita semanal ao fisioterapeuta. É seu único filho, que teve gestação sem intercorrências mas desenvolveu paralisia cerebral devido a complicações do trabalho de parto, tendo agora dificuldades para deambular sozinho e incoordenação de movimentos dos membros. A mãe leva criança para rotina no acompanhamento multiprofissional, mas várias vezes Jorge já foi internado por complicações de seu quadro.

Dona Maria Flor deixou de trabalhar para poder passar mais tempo com seu filho, passando a depender financeiramente do marido.

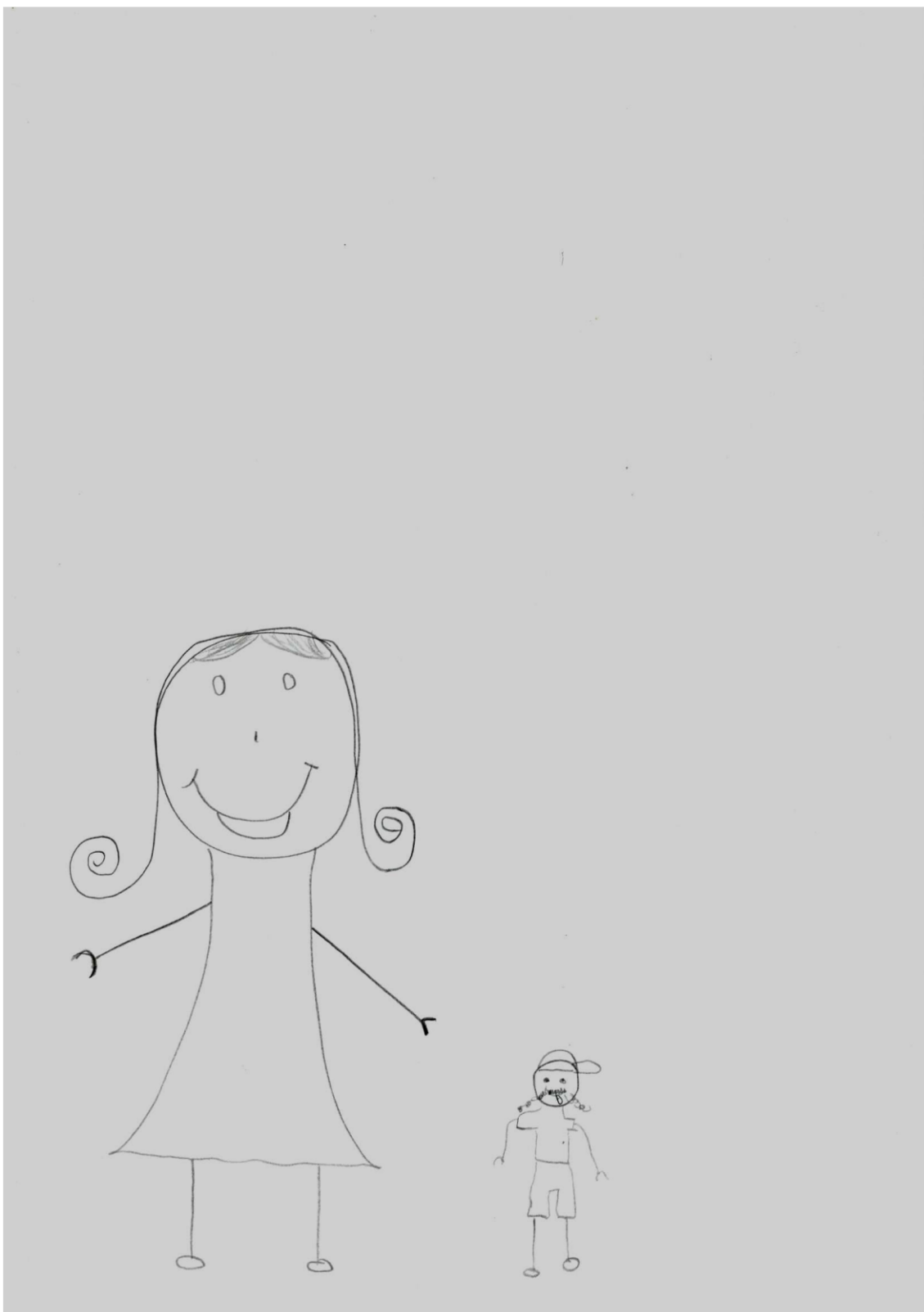
Estória 28.2

Dona Maria Flor, agora com 45 anos, casou-se novamente e teve um segundo filho, Carlos, que tem 9 anos. Seu primeiro marido pediu o divórcio quando Jorge tinha 10 anos. ela foi forçada a voltar ao trabalho e deixar Jorge com os avós.

Jorge manteve o acompanhamento multidisciplinar com vários profissionais. Contudo, há 10 anos foi internado devido à uma pneumonia e acabou não resistindo.

Carlos irmão de Jorge e uma criança saudável sem nenhuma deficiência.

DESENHO 29 - M



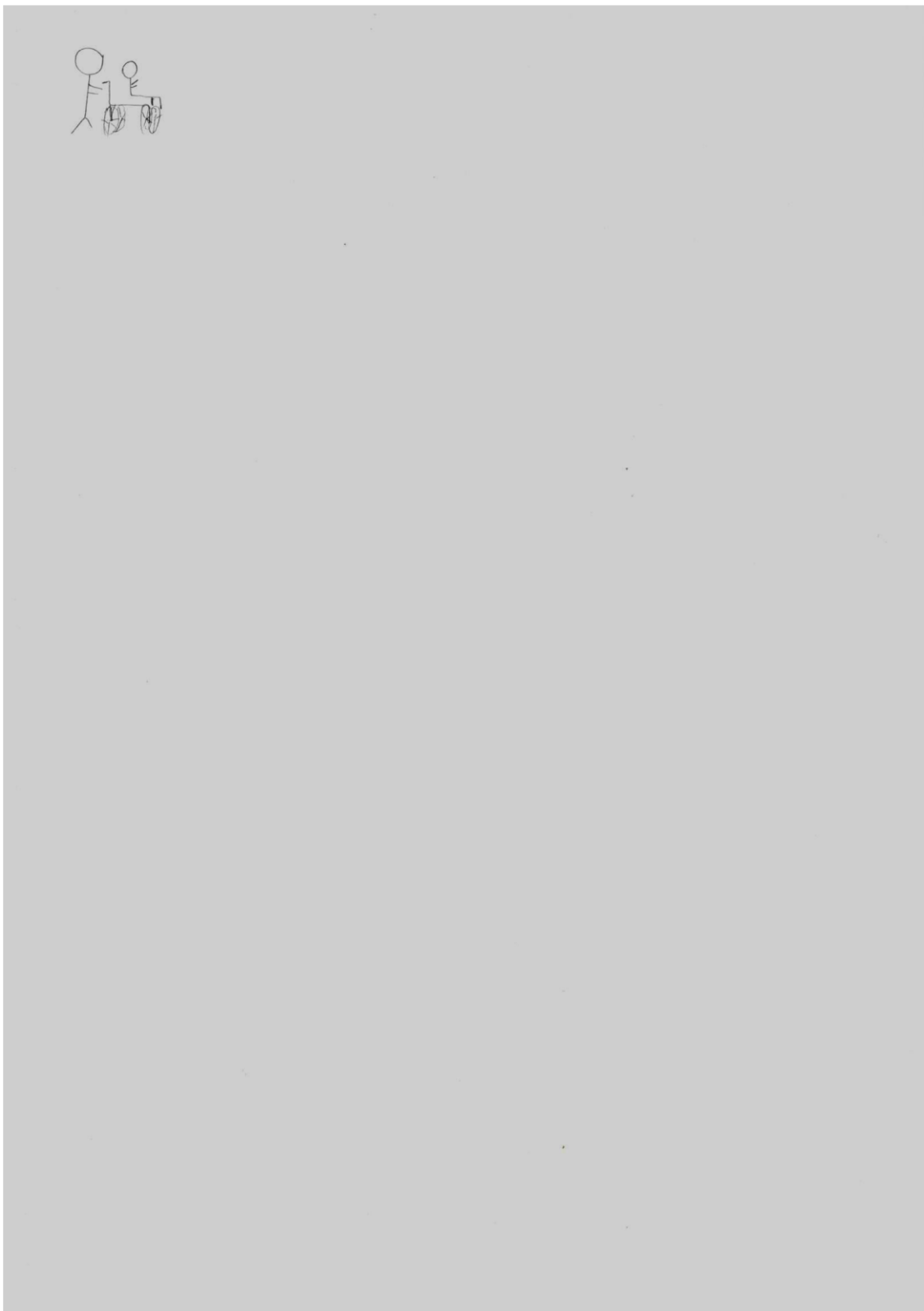
Estória 29.1 – M

Maria é uma mulher de 36 anos que sempre teve o sonho de ser mãe. Seu marido, José, também tinha esse desejo. Após 10 anos de tentativa, várias dificuldades e vários tratamentos, Maria finalmente conseguiu engravidar. Não foi uma gestação fácil, tiveram várias intercorrências, que se complicaram ainda mais pela falta de recursos na unidade básica de saúde e pela falta de condição do casal realizar acompanhamento particular. No parto, não foi diferente, complicações levaram à anoxia, nascendo Pedro com deficiência mental. Apesar de ser uma criança especial, a mãe é extremamente feliz de ter realizado seu sonho e ama muito seu filho.

Estória 29.2

Passados 20 anos, a relação entre Maria e Pedro permanece a mesma, eles se amam muito, Maria é extremamente feliz e orgulhosa de seu filho. Ela buscou todos os recursos disponíveis e seu filho é totalmente incluído socialmente.

DESENHO 30 - M



Estória 30.1 – M

Erminda era uma senhora de 30 anos quando sofreu um acidente automobilístico com seu filho de 9 anos. Tal acidente resultou na deficiência de seu filho.

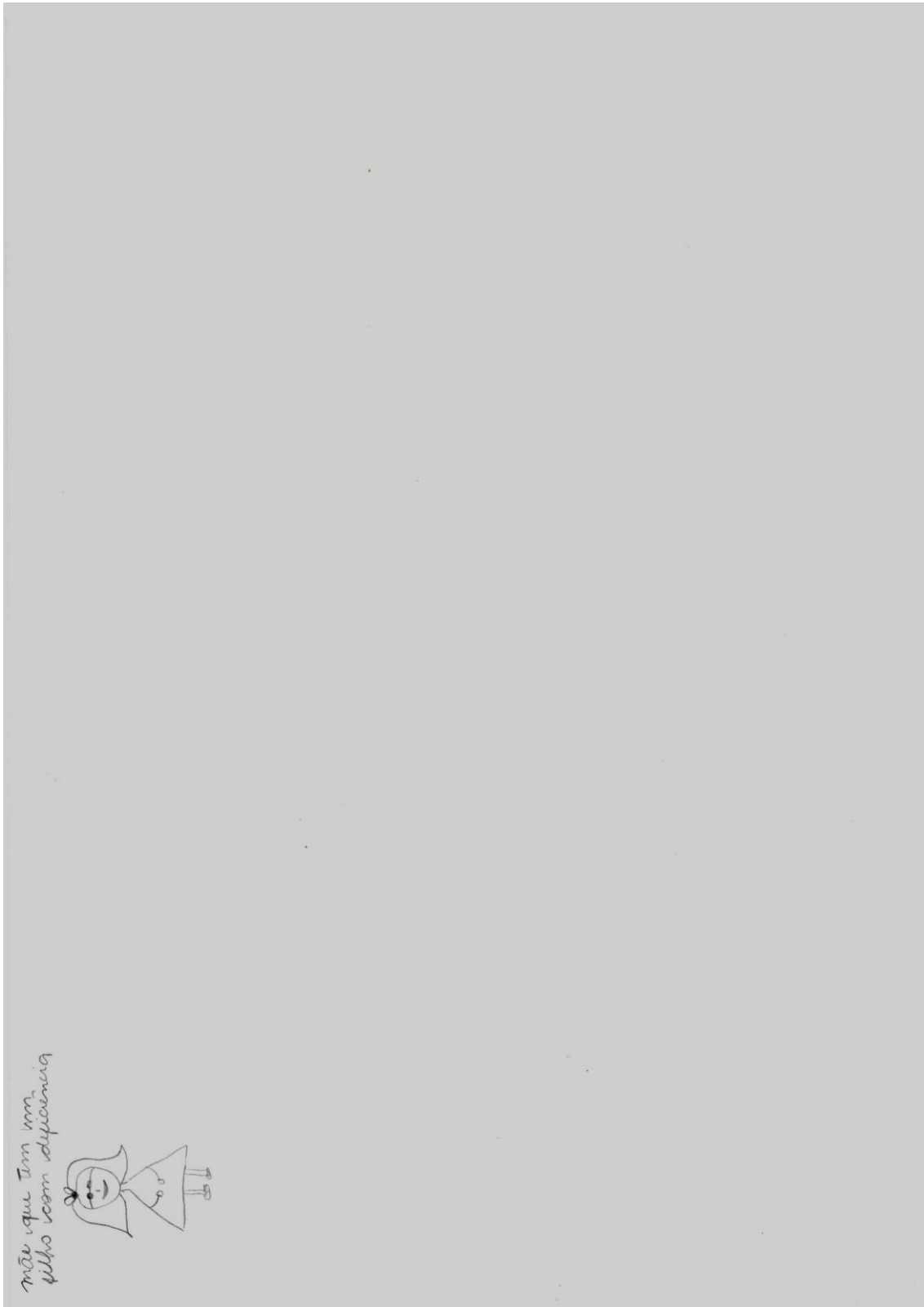
A aceitação foi muito complicada logo no início, porém pode proporcionar a ambos uma visão diferente da realidade dos jovens acidentados e as opções que eles têm.

Estória 30.2

Hoje, 20 anos após o acidente, a família pode ter uma melhor perspectiva sobre a forma de vida frente às dificuldades e melhorias que ocorreram.

Muitas coisas mudaram, os tratamentos avançaram e o garoto, que, antes tinha um futuro de privações mesmo dentro das adequações, pode, hoje, ter maior liberdade de escolha e maior gama de opções de mudar o ocorrido.

DESENHO 31 - M



Estória 31.1 – M

Maria Julia, 37 anos, casada, natural e procedente de campinas, negra, do lar.
Queixa: desilusão há 1ano

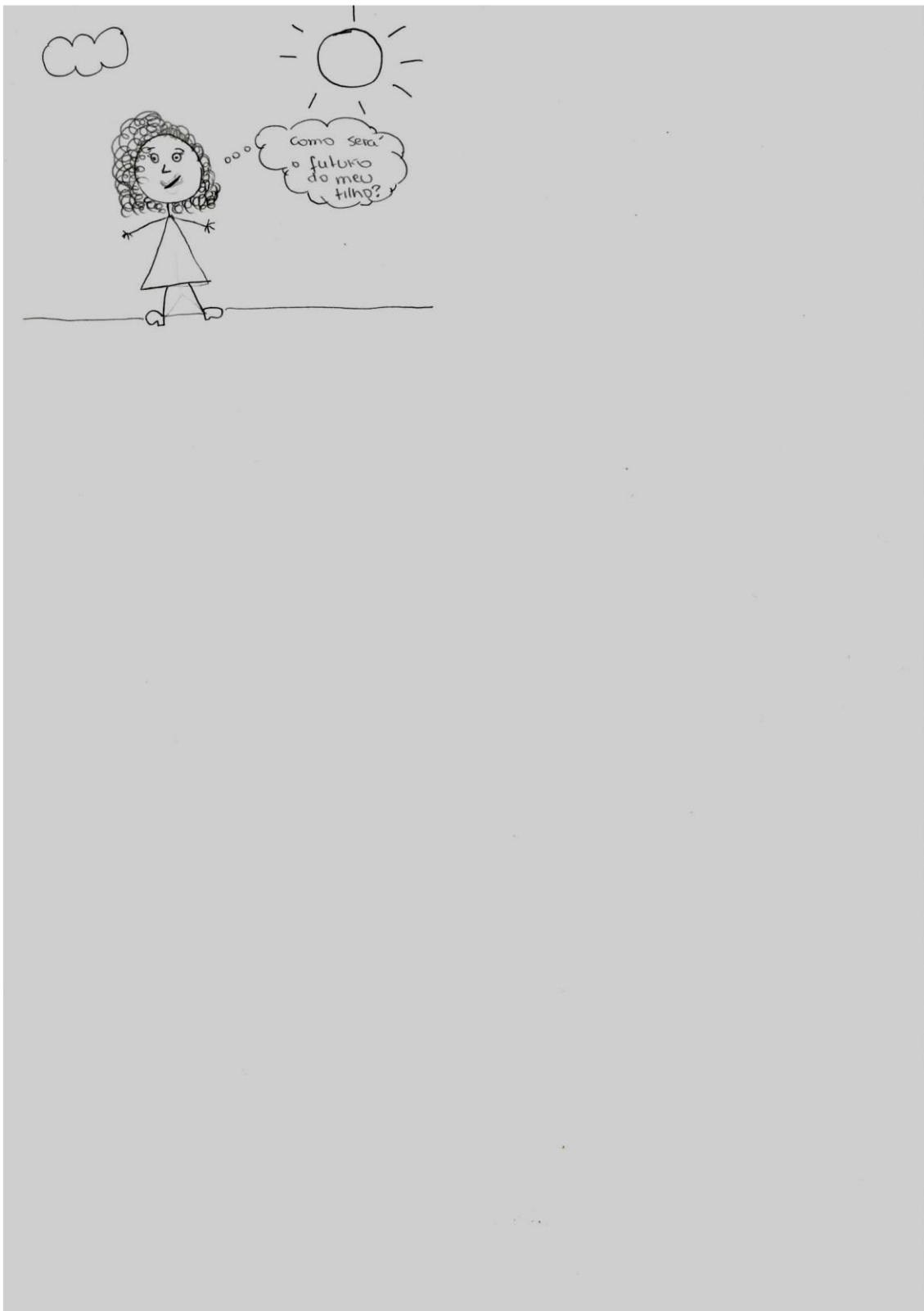
Paciente relata que sua história começou a 37 anos, quando foi abandonada em um cesto na porta de um orfanato. Teve uma vida difícil desde então e que piorou quando, aos seus 18 anos, teve que sair sozinha no mundo para trabalhar e se sustentar. Trabalhou como doméstica, vendedora e cozinheira. Ele viveu uma vida simples, mas razoável. Com 30 anos encontrou seu marido João Arthur, com quem teve um filho, Tiago, deficiente mental. Largou tudo para ficar em casa e dar toda atenção ao menino. Chego ao ponto de saúde sorrindo, mas estranhamente queixa de desilusão, insatisfeita com a vida que nunca foi para si. No meio da consulta chora. diz que seu sonho era ver seu filho feliz e desenvolvido, mas que isso tenha custado sua sanidade e sobriedade

Estória 31.2

Maria Julia - 1980-2018

“Aqui jaz uma excelente mãe”, dizia sua lápide. Maria Julia se mataria no ano seguinte. todos os anos seu filho leva flores ao seu túmulo, mesmo agora, com 27 anos, pois sua mãe deu tudo de si e mais um pouco para lhe proporcionar o melhor

DESENHO 32 - M



Estória 32.1 – M

Certo dia uma mãe que tem um bebê com deficiência física, ao sair para ir ao supermercado, começa a observar o mundo ao seu redor e pensar como será a vida de seu filho.

Será que ele enfrentará preconceito? Será que ele irá para a escola? Será que um dia terá um emprego? Será que um dia irá encontrar uma pessoa disposta a enfrentar com ele as dificuldades a quem tem deficiência e mesmo assim construir uma família?

Ao pensar que isto ela se sente confusa e triste por tudo o que ainda enfrentará, porém também se sente feliz por ter descoberto um amor pelo filho, tão verdadeiro, que será capaz de superar tudo.

A mãe continua seu caminho ciente de que não será fácil, porém com a certeza de que conseguirá vencer essa batalha.

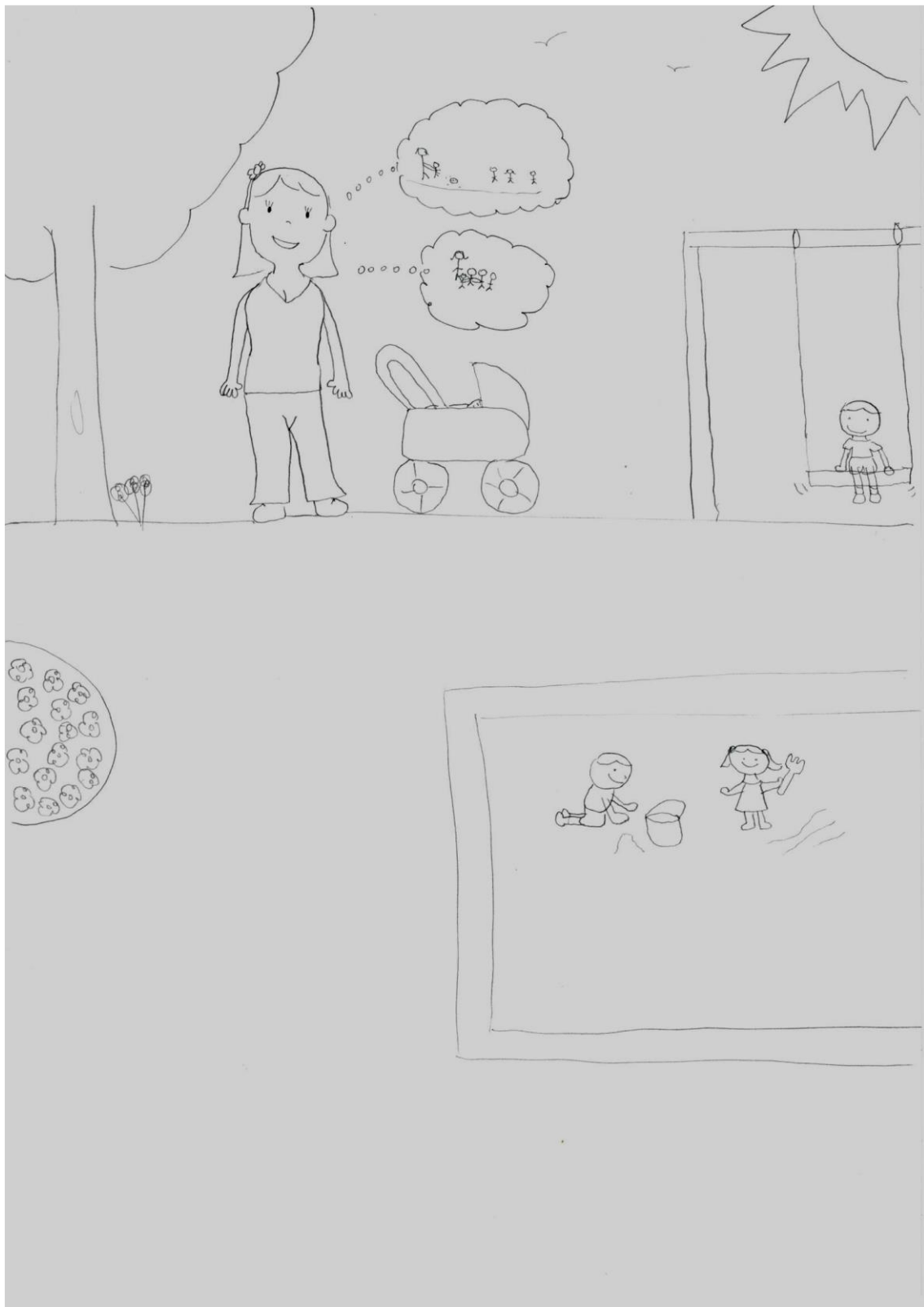
Estória 32.2

Após 20 anos daquele pensamento, a mãe para e faça uma reflexão. Agora ela está muito cansada por tanto cuidado e luta diária. Muitas dificuldades e preconceitos foram encontrados. Seu filho foi para a escola, brincou com as outras crianças (dentro de seus limites), passou por muitas cirurgias e internações, cresceu e agora é um moço muito bonito e inteligente. Atualmente cursa faculdade de direito, pois acredita ter que lutar por maior acessibilidade e direitos para os deficientes. ainda não namora, mas já teve suas paqueras. tem poucos amigos verdadeiros, pois a maioria das pessoas só se aproximam dele por pena e ele não gosta disso.

Ela acredita ter feito um bom trabalho amo muito seu filho e até hoje e pega em momentos superprotetores em relação a ele, porém afirma veementemente que faria tudo de novo caso fosse preciso e se ela pudesse escolher ela teria o filho com a mesma deficiência, pois ambos aprenderam juntos a lutar e conquistar seus ideais.

Ela acredita ter uma vida boa e gosta de saber que o futuro tende a ser promissor para o seu filho, isso a deixa muito feliz.

DESENHO 33 - M



Estória 33.1 – M

Essa é uma mãe que tem um filho com deficiência. no início do diagnóstico ela sofreu muito. Passou por vários períodos de negação e tristeza, até depressão. Hoje ela aceita e ama seu bebê e sua maior esperança é que ele possa crescer feliz, apesar de tudo, e ser aceito pelas outras crianças, amado, possa brincar com elas.

Ela vai ao parque toda semana para ver as outras crianças brincando e sonhar com o futuro que quer para o seu filho. ela sabe que vai passar por dificuldades a cada dia, mas ela vive o hoje e o hoje efeito de sonho e esperança. Ela vai fazer tudo por ele. Uma mãe sempre faz.

Estória 33.2

2037

A mãe de João está sentada na praça de novo. aqueles canteiros cheios de flores já não estão mais tão bonitos, mas aquela linda Mangueira, uma árvore gigante, continuar lá brilhando com força.

O barulho das crianças não mudou. Porém, ela percebe e reflete em como os brinquedos da praça mudaram. Ao longo dos anos colocaram tanta tecnologia! Ela não gosta muito. Preferia o barulho da balanço e ver os castelinhos de areia. Hoje, embora o balanço e o tanque de areia ainda estejam lá, bem baqueados pela falta de manutenção contínua e o desprezo das crianças desse tempo, ela lembra com alegria dos momentos que teve com seu filho lá.

Alguns tristes... nem sempre as crianças queriam brincar com João. Ela nunca pode deixá-lo sozinho passear na praça de frente de casa, nem na adolescência. Mas como ele adora esse lugar, ela nunca deixou de trazê-lo. O tanque de areia era teu preferido e ainda é. Algumas pessoas olham brincando lá, com seus 20 anos com uma certa reprovação ou tiram suas crianças de perto. Mas alguns sorriem, e, principalmente o seu amado João sorri para ela. Isso é tudo que importa... “Deve estar chegando o ônibus da APAE”, ela pensa... e chegou o mesmo. Enxuga suas lágrimas nostálgicas e o abraça ternamente.

- “Mãe, ainda dá tempo de brincar um pouco?”

- “Dá sim, meu filho. sempre é tempo de brincar...”

DESENHO 34 - M



Estória 34.1 – M

Carol e Fernando se conheceram há 10 anos, enquanto ela ainda estava na faculdade de medicina. Ele já era formado, engenheiro trabalhava em uma grande multinacional na parte de operações logísticas.

Carol sempre sonhou em ser mãe, no entanto, foi uma surpresa quando descobriu estar grávida no meio de sua residência médica. A gravidez não era planejada, a vida do casal estava bastante turbulenta, ela morava em uma cidade e ele em outra mesmo estando casados.

O pré-natal foi realizado corretamente, não houve intercorrências na gestação e Carol como uma boa mãe seguiu todas as orientações do médico. Ocorreram algumas complicações no parto, Thiago, o bebê do casal nasceu mas devido a anóxia apresenta algumas sequelas neurológicas.

Tal fato foi um choque para família e a aceitação inicial do corrido foi bastante difícil, justamente pela fase da vida do casal mas o desejo do casal de formar uma família ajudou muito e agora, 6 anos após o ocorrido a família em harmonia pensa em aumentar. Thiago recebe todos os cuidados necessários, faz acompanhamento com equipe multidisciplinar.

Estória 34.2

2037

Carol e Fernando tiveram mais dois filhos ambos sem deficiência. O nascimento das crianças foi uma alegria para família e contribuiu enormemente para o desenvolvimento de Tiago.

Thiago e Júlia (sua irmã) trabalham no negócio da família, uma padaria que Fernando comprou após largar o emprego na multinacional. Carol atende consultório em uma clínica da cidade, ela intensificou seus estudos em neuropediatria após o nascimento do filho apesar de ainda atender como Clínica nos postos de saúde da pequena cidade em que vivem no interior do Paraná. Marcelo, o terceiro filho do casal está se preparando para o vestibular, ele vai prestar medicina.

DESENHO 35 - M



Estória 35.1 – M

Joãosinho havia passado um dia difícil na escola, com apenas 6 anos já estava revoltado com sua vidinha e não queria mais voltar à escola. Pelo menos foi o que disse a sua mãe naquele dia.

Ao perguntar o que havia acontecido, ele respondeu para a mãe que seu coleguinha tinha pego seu óculos escuro e não queria devolver. Joãozinho gostava muito do óculos, pois na sua cabeça, ao usá-lo estava na moda.

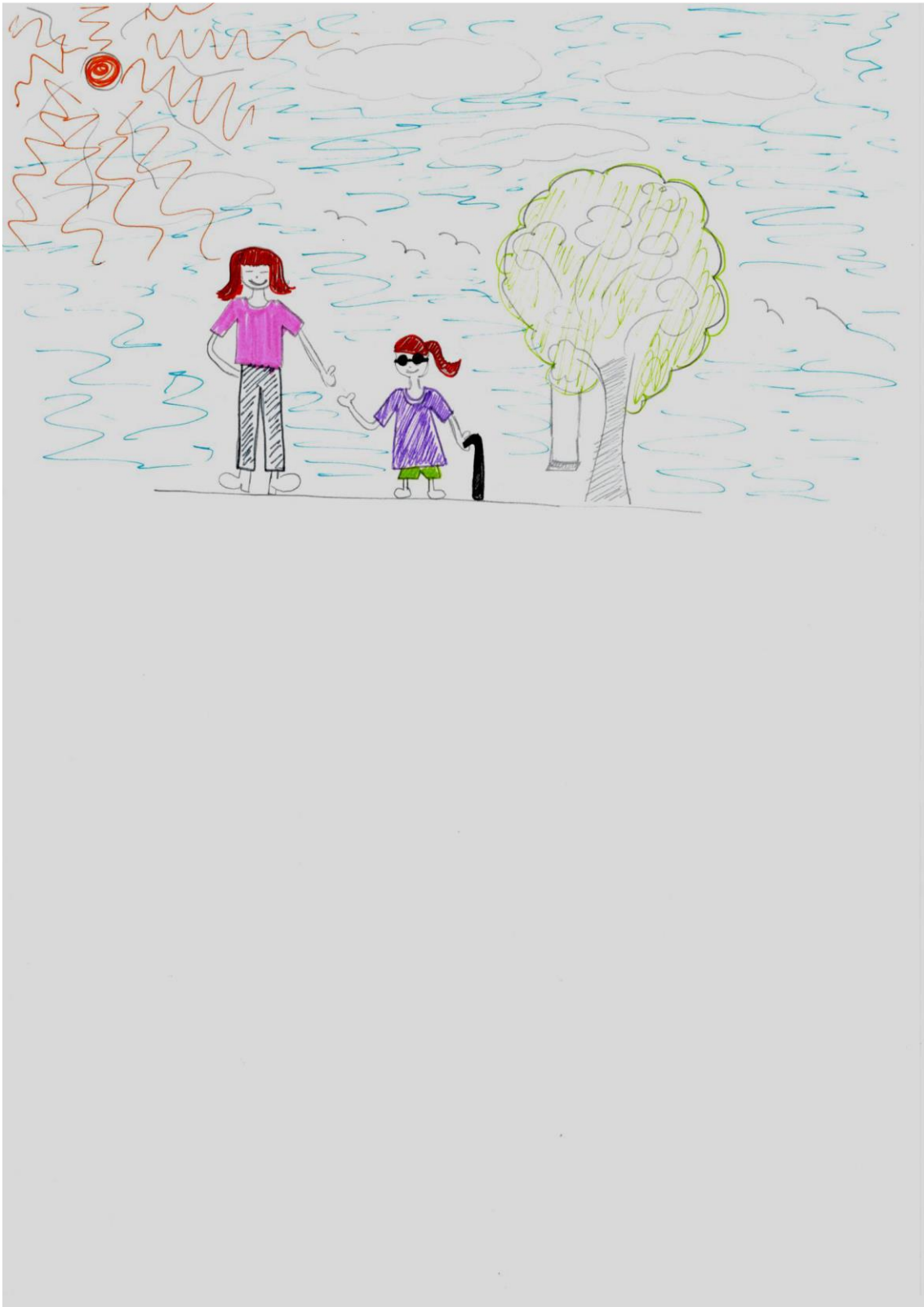
A sua mãe foi perguntar porque o coleguinha tinha feito aquilo e um, ele respondeu: “Quando o Joãozinho fala sobre as coisas que ele ‘vê’ é tudo tão bonito, queria ver o mundo com os olhos dele”.

Estória 35.2

20 anos depois, João e seu colega, que passou a ser seu melhor amigo, começaram a trabalhar juntos como professores em uma escola. Os dois queriam compartilhar com seus alunos o jeito que eles enxergavam o mundo, cada um do sua maneira. Eles aprenderam com os anos a beleza que havia nos olhos de cada um.

A mãe de João sempre o incentivou a compartilhar o seu mundo e suas dificuldades e por isso ele se tornou professor de Braille na rede pública.

DESENHO 36 - M



Estória 36.1 – M

Maria Rita, 13 anos, adorava horário de verão, adorava tbm quando sua mãe voltava mais cedo do trabalho e elas saiam para andar na praça perto de casa. Sua mãe sempre a levava para ouvir o barulho dos animais, sentir o cheiro do mato e brincar no balanço. Ela não tinha quase nada de visão, mas imaginava que se visse cores, elas teriam a leveza o barulho dos pássaros, a intensidade e calor da luz do sol, o frio na barriga do balançar, o aroma da grama molhada e todo o carinho da sua mãe. Ela entendia que ver é só mais um dos sentidos da vida.

Estória 36.2

Quem diria que depois de tantos anos ela voltaria ao mesmo parque que antes era de sua rotina e sentiria tantas coisas. Maria Rita, agora com 33 anos, era professora de música, almoçava as quartas e aos domingos com sua mãe, tinha pouco tempo para sí e para parques. A vida era diferente, o horário de verão só significava que teria que acordar ainda mais cedo no dia seguinte. O barulho dos pássaros pareciam ter sido substituídos por insetos e a grama pinicava. Ela precisava ir na lavanderia, fazer aeróbica, pagava contas, se casar, ter filho, trabalhar... Parecia até que a visão havia desaparecido ha pouco tempo, que antes as coisas estavam muito mais nítidas.

Entretanto, ainda, algum sentido ainda deve ter na vida. lembrou da mão macia e quente da sua mãe ainda me trazia paz e sentido para história.

CAPÍTULO 5 - INTERPRETAÇÕES E INTERLOCUÇÕES

O presente capítulo está reservado ao que é habitualmente designado como apresentação e discussão dos resultados de pesquisa. Desse modo, está composto por duas seções. A primeira delas, intitulada “Interpretações como resultados”, expõe os campos de sentido afetivo-emocional, produzidos interpretativamente a partir da consideração psicanalítica dos 36 desenhos-estórias elaborados pelos participantes. A segunda delas, intitulada “Interlocuções reflexivas como discussão” corresponde a um trabalho reflexivo em próximo diálogo com autores que se dedicaram ao estudo de questões humanas para as quais apontam os campos de sentido afetivo-emocional. Desse modo, essa segunda seção atende ao que os delineamentos habitualmente utilizados na pesquisa qualitativa com método psicanalítico que se realiza a partir da perspectiva da psicologia psicanalítica concreta.

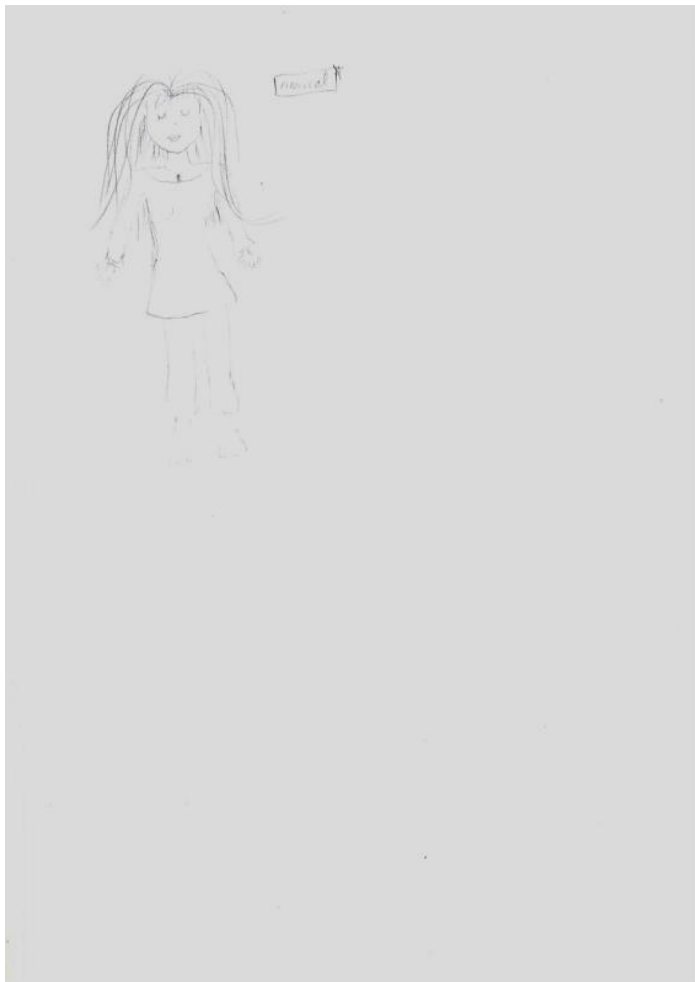
Interpretações como resultados

Os resultados de investigação empírica, no caso, os campos de sentido afetivo-emocional, enunciados como interpretações, definem-se de modo minimalista a fim de precisar a fantasia nuclear ao redor da qual se organizam. Se, por um lado, a consideração do material permitiria a produção de outros campos, ou seja, mais de um resultado interpretativo, o que é perfeitamente plausível em pesquisas qualitativas, por outro, certos campos merecem ser focalizados em função das reflexões que suscitam e do que podem proporcionar em termos de avanço do conhecimento. Assim, levando em conta os procedimentos investigativos de interpretação do material de pesquisa, tal como descritos nessa tese, no terceiro capítulo, bem como o objetivo de investigar imaginários coletivos sobre o cuidado infantil e a maternidade, tal como atualmente equacionado no debate contemporâneo sobre a condição feminina na atualidade, chegamos à produção interpretativa de cinco campos de sentido afetivo-emocional: “Sublime amor”, “*Mater dolorosa*”, “Dedicação exclusiva”, “Conciliando atividades” e “Nem fada, nem bruxa”. Apresentamos, a seguir, uma pequena tabela com os nomes dos campos e suas respectivas fantasias, as quais serão retomadas ao longo deste capítulo.

Tabela 1. Campos de sentido afetivo-emocional e sua respectiva fantasia,

Campo de sentido afetivo-emocional	Fantasia
Sublime amor	Fantasia de que o amor materno salvaria os filhos de todos e quaisquer problemas
<i>Mater dolorosa</i>	Fantasia de que o sofrimento do filho teria efeito devastador sobre a mãe
Dedicação exclusiva	Fantasia de que a mãe deveria dedicar-se integralmente aos filhos
Conciliando atividades	Fantasia de que a mãe deveria cuidar das crianças sem abrir mão da vida profissional
Nem fada, nem bruxa	Fantasia de que a mãe apresenta qualidades e defeitos como qualquer pessoa e não precisa apresentar características diferenciadas ou especiais

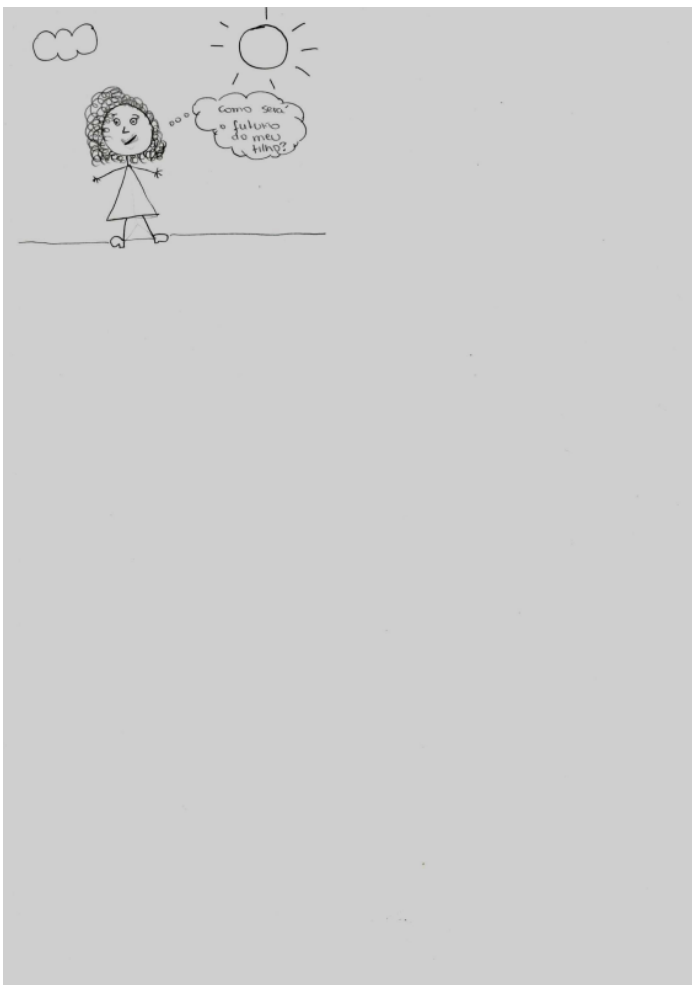
O campo “Sublime amor” organiza-se ao redor da fantasia de que o amor materno salvaria os filhos de todos e quaisquer problemas. Apresentamos, a seguir, trechos do material que podem ser entendidos como emergentes deste campo.



Mãe é mãe. Cada uma a sua maneira, mas sem a diferença no fato de que são mães.

São todas mães! (P18 – história do presente)

Em 20 anos muita coisa pode mudar, mas algumas coisas permanecem. O amor de mãe, independente de como ela demonstra sempre estará lá. (P18 – história do futuro)



Ela se sente confusa e triste por tudo o que ainda enfrentará, porém também se sente feliz por ter descoberto um amor pelo filho, tão verdadeiro, que será capaz de superar tudo.” Na história que se passa no futuro, o estudante imagina: “Ela acredita ter feito um bom trabalho ama muito seu filho e até hoje e pega em momentos superprotetores em relação a ele, porém afirma veementemente que faria tudo de novo caso fosse preciso (P32 – história do presente).

Ela acredita ter feito um bom trabalho ama muito seu filho e até hoje e pega em momentos superprotetores em relação a ele, porém afirma veementemente que faria tudo de novo caso fosse preciso. Ela acredita ter uma vida boa e gosta de saber que o futuro tende a ser promissor para o seu filho, isso a deixa muito feliz (P32 – história do futuro).

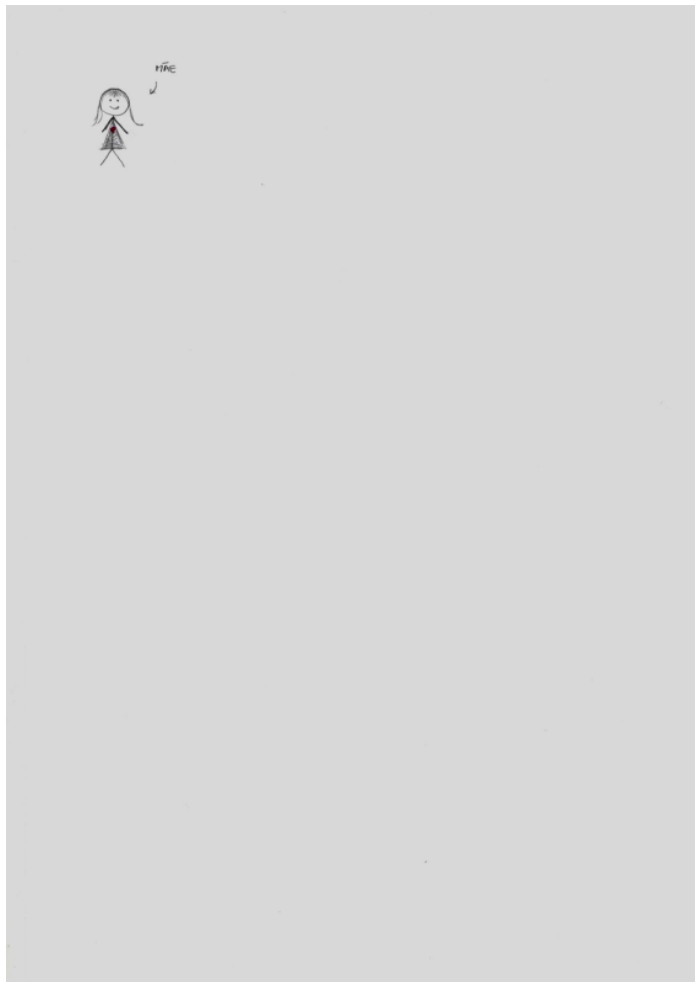
O campo “*Mater dolorosa*” organiza-se ao redor da fantasia de que o sofrimento do filho tem efeito devastador sobre a mãe. Seguem trechos emergentes deste campo.



Uma mãe exausta, física e emocionalmente, mas que ama muito o filho, portador de uma doença neurodegenerativa. Incurável. Ambos vivem assombrados pelo conhecimento sobre a evolução da doença, e sobre o desfecho final. Dessa forma, a morte torna-se uma presença constante na vida dos dois, tirando-lhes a esperança de um futuro melhor. Só lhes resta o presente. (P1 – história do presente).

Filho morto. Futuro previsível. Desfecho inevitável. Ferida irônica. A mãe lamenta e agradece o fim do tormento. Conflito. Mais leve porque mais pesado. Mais pesado porque mais leve. Relação mãe-filho. Sempre mais íntima, mais profunda. Não há esperança, nem houve, mas pode haver. Devir. Aceitar. Viver. Não há escolha senão escolher. (P1 – história do futuro).

O campo “Dedicação exclusiva” se organiza ao redor da fantasia de que a mãe deveria dedicar-se completamente aos filhos. Seguem trechos do material que podem ser entendidos como emergentes deste campo.



Miguel foi atravessar a rua para encontrar um amigo e foi atingido por um carro. Desde aquele dia não pode mais se mover. Maria desde então sabe que terá que cuidar dele para o resto da sua vida e que seu filho será sempre dependente dela. Maria vive 24/7 por seu filho. Abriu mão de toda sua vida particular, íntima e de sonhos (P21 – história do presente).

Miguel tem 20 anos. Ainda é totalmente dependente de Maria. Maria ainda vive para cuidar de seu filho. Apesar do tempo cronológico pouco mudou desde 2017. Miguel é dependente de Maria. Maria é mãe de Miguel. Maria é mãe (P21 – história do futuro).

O campo “Conciliando atividades” organiza-se ao redor da fantasia segundo a qual a mãe deveria cuidar das crianças sem abrir mão da vida profissional. A seguir, apresentamos materiais emergentes deste campo.



Cansada, exausta. Mas estranhamento feliz. Para cada momento difícil, uma vitória. Já se sentiu sozinha, sobrecarregada e até abandonada.” (P22 – história do presente).

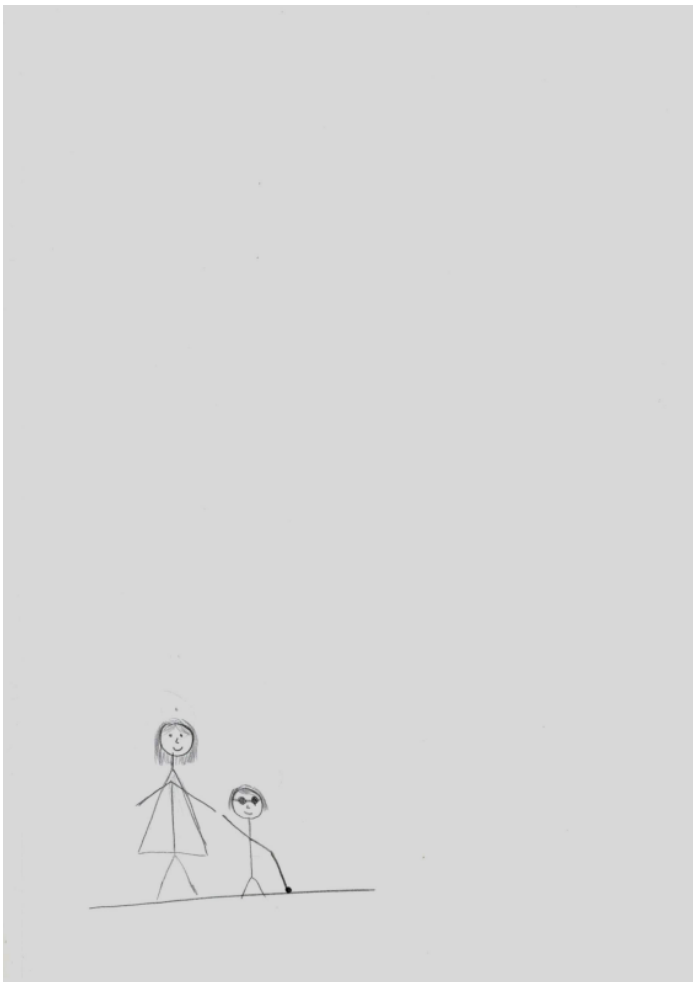
As vezes se sente sozinha, sobrecarregada. Em outros momentos percebe que ganhou um companheiro para toda a vida. E a solidão se abate. Problemas que não esperava surgir, que outras mães talvez não tenham. Mas a alegria e esperança para o futuro são as mesmas, talvez até mais exacerbadas.” (P22 – história do futuro)



Após um longo dia de trabalho, exausta e cansada da cobrança do dia-a-dia, mãe chega em casa e pega seu filho que estava em casa descansando após um longo período na escola, e vai passear com ele no parque (P16 – história do presente).

Aquela mãe jovem, cheia de preocupações e disposta a tudo para garantir um futuro ao seu filho, continua sendo essa guerreira, mas com a segurança de que seu menino não necessita mais de suas unhas e garras (P16 – história do futuro).

O campo “Nem fada, nem bruxa” organiza-se ao redor da fantasia de que a mãe é uma pessoa com qualidades e defeitos como qualquer pessoa e não precisa apresentar características diferenciadas ou especiais. Seguem trechos emergentes deste campo.



Luiza, 32 anos, está levando seu filho Daniel, de 6 anos para a escola de manhã. Ela acordou cedo, preparou leite e pão para família e agora caminha com Daniel em direção a escola. Enquanto Daniel fica na escola, ela trabalha como manicure e seu marido, pai do Daniel, trabalha como professor de educação física. No final da tarde todos se encontram em casa e brincam com Daniel e com o cachorro da família, Paçoca (P15 – história do presente).

Luiza, 52 anos, comanda seu próprio salão de beleza. Ainda atende como manicure. Durante os últimos 20 anos fez curso de gestão de negócios e também de depilação. Usa uma casa no centro que recebeu de herança dos seus pais como seu salão. Vive bem com seu marido e atualmente está pensando em como comemorar seu aniversário de 25 anos de casamento. Ela está aguardando o final de semana para encontrar seu filho Daniel e perguntar a opinião dele. (P15 – história do futuro).

Refletindo conjuntamente sobre os quatro primeiros campos, vale dizer, “Sublime amor”, “*Mater dolorosa*”, “Dedicação exclusiva”, “Conciliando atividades”, ponderamos que poderiam se combinar sob forma de uma configuração imaginativa mais abrangente, que decidimos designar como supracampo. Por esta via, propomos que tais campos podem ser agrupados sob o supracampo “Mãe maravilha”, dado que convergem no sentido de conceber a mãe biológica como a melhor cuidadora da criança, mesmo quando eventualmente sua vida se organiza em termos de dupla jornada. Essa mãe é imaginada como intensamente amorosa e dedicada, além de ser profundamente sensível ao sofrimento do próprio filho.

Por outro lado, percebemos que o último campo, “Nem fada, nem bruxa”, pode ser considerado como o contraponto da “Mãe-maravilha” e, desse modo, coincidir com um segundo supracampo que se harmoniza bem com a denominação “Mulher comum”. Obviamente, a definição da “Mulher comum” é a mesma do campo “Nem fada, nem bruxa”, correspondendo à fantasia de que a mãe apresenta qualidades e defeitos como qualquer pessoa.

Dessa forma, entendemos ser importante fixar a atenção em definição dos dois supracampos aqui criados/encontrados:

Tabela 2. Supracampos de sentido afetivo-emocional e sua respectiva fantasia,

Supracampo de sentido afetivo-emocional	Fantasia
Mãe maravilha	Fantasia de que o amor materno é determinado pela própria natureza feminina
Mulher comum	Fantasia de que a mãe apresenta qualidades e defeitos como qualquer pessoa e não precisa apresentar características diferenciadas ou especiais

A comparação inicial entre os dois supracampos, “Mãe maravilha” e “Mulher comum”, indica, a nosso ver, que o cuidado infantil é considerado imaginativamente, por nossos participantes, como atribuição materna inerente à condição feminina, de modo que, em nenhuma produção constante do nosso material de pesquisa, o cuidado infantil da criança desenhada figurou como encargo de outra pessoa, diferente da mãe biológica. Assim, uma grande maioria dos estudantes entrevistados, tanto homens como mulheres, encontra-se sintonizada com a fantasia de uma “Mãe- maravilha”.

Em contraste, constatamos que a mãe surge como um ser humano comum, dotado características que não lhe conferem particular notoriedade, apenas em 4 dos 36 desenhos-estórias, valendo ressaltar que correspondem ao que imaginam 4 participantes mulheres. Ou seja, percebemos que a totalidade dos alunos e a maioria das alunas habita, vivencialmente, o supracampo “Mãe maravilha”.

Apresentamos, a seguir, nas Tabelas 3 e 4, respectivamente, o número de produções de cada campo, as produções que emergem de cada campo separadas por gênero. Identificamos todas as produções pela letra P, seguida de um numeral. As produções dos homens correspondem à sequência que vai de P1 a P13, enquanto as das mulheres coincidem com aquelas que vão de P14 a P36. Lembramos que cada produção é composta por um desenho e por duas histórias, uma relativa ao momento retratado no desenho e a outra imaginariamente situada no futuro.

Tabela 3. Número de produções que emergem de cada campo.

Campo	N	Homem	Mulher
Sublime amor	14	6	8
<i>Mater dolorosa</i>	7	3	4
Dedicação exclusiva	10	3	7
Conciliando atividades	7	3	4
Nem fada, nem bruxa	4	0	4

Tabela 4. Produções que emergem de cada campo separadas por gênero.

Campo	Produções – Homens	Produções – Mulheres
Sublime amor	P5, P6, P7, P8, P9, P10	P16, P18, P19, P20, P21, P27, P29, P32
<i>Mater dolorosa</i>	P1, P12, P13	P17, P25, P30, P33
Dedicação exclusiva	P2, P3, P4	P16, P21, P23, P27, P28, P31, P33
Conciliando atividades	P9, P10, P11	P14, P22, P24, P26
Nem fada, nem bruxa	-	P15, P34, P35, P36

Uma tendência geral deve ser assinalada, dizendo respeito ao fato de não termos verificado diferenças entre o desenho-estória do presente e a história do futuro de cada participante no que diz respeito aos campos de sentido afetivo-emocional subjacentes. Assim, as produções de cada indivíduo se revelaram internamente homogêneas, emergindo a partir dos mesmos campos, na medida em que a sugestão da passagem de 20 anos não mudou os determinantes afetivo-emocionais subjacentes às produções. Em outros termos, a passagem do tempo, suficiente para que a criança com alguma deficiência fosse imaginada como adulta ou ao menos como adolescente, foi atendida e incluída em termos manifestos, mas não foi assimilada em termos afetivo-emocionais não conscientes, o que indica, possivelmente, que a deficiência é sentida como um impedimento da assunção de uma condição plenamente adulta.

Por outro lado, tampouco podemos afirmar que ocorrem diferenças relevantes entre homens e mulheres no que tange a concepções imaginativas sobre a mãe. No que diz respeito aos campos “Sublime amor”, “*Mater dolorosa*”, “Dedicação Exclusiva” e “Conciliando atividades”, bem como ao supracampo “Mãe maravilha”, não percebemos diferenças entre participantes de sexo feminino e participantes de sexo masculino. A nosso ver, uma apreciação qualitativa das tabelas 3 e 4 apenas autoriza o assinalamento de uma pequena diferença no que diz respeito ao campo “Nem bruxa nem fada” que,

conforme a observamos, preenche sozinho o supracampo “Mulher comum”, uma vez que apenas quatro moças, entre os 36 participantes, elaboraram desenhos-estórias que podem ser considerados como emergentes a partir desse substrato afetivo-emocional. Tal achado aponta para o fato de que o grupo estudado, como um todo, tende a subscrever uma concepção imaginativa que atribui capacidades distintas às mães, conforme os delineamentos definidores do campo de sentido afetivo-emocional “Mãe maravilha”. Ou seja, temos elementos para apontar para tendências gerais, mas não para afirmar diferenças significativas nos imaginários de rapazes e moças que compõem o grupo de estudantes que entrevistamos.

Interlocuções reflexivas como discussão

Se retomarmos o exame da Tabela 3, notaremos, sem dificuldade, que a grande maioria dos participantes elaborou desenhos-estórias que pertencem ao supracampo “Mãe-maravilha”, uma vez que apenas quatro mulheres, no total dos 36 participantes, produziram material no âmbito do qual as mães são vistas como seres comuns, não dotados de características que as tornariam especificamente dotadas para a prática do cuidado infantil, ou seja, elaboraram suas produções a partir do supracampo “Mulher comum”. Podemos, portanto, afirmar que nosso material expressa uma visão imaginativa idealizada acerca da mãe, que seria a melhor cuidadora da criança, mesmo em regime de dupla jornada, uma vez que a ideia de dedicação exclusiva à maternidade aparece em apenas um terço do total das produções.

Assim, parece-nos importante considerar o que significa essa concentração de produções emergentes a partir do supracampo “Mãe-maravilha”. Trata-se de uma figura idealizada, dotada de atributos diferenciados no sentido de estar diferencialmente preparada para o exercício do cuidado contínuo, de que uma criança com problemas necessitaria. Ora, se essa configuração significa considerar a mulher como um ser especial, podemos, por outro lado, perceber que as mães reais e concretas sempre ficarão aquém daquilo que deveriam ser capazes de realizar sem dificuldade alguma.

De acordo com Bleger (1963/2007), o enaltecimento e a idealização de pessoas indicam que nos encontramos, provavelmente, diante de uma personalidade que se encontra em conflito de caráter dialéctico. Para esse autor, dialéctico significa uma

tentativa, realizada pela personalidade, individual ou coletiva, de diminuir angústias fomentadas pela ambivalência, sobre a qual nos deteremos de modo mais atento, quando nos debruçarmos sobre o segundo supracampo. Ou seja, pela divalência, a personalidade opera uma separação, cujo caráter é esquizoide, sobre o outro²², vivenciando-o como “ser infinitamente bom” e como “ser infinitamente mau”.

Com tal consideração em mente, parece-nos que, neste supracampo, a mãe seria imaginativamente concebida pela personalidade coletiva estudante de medicina, como sempre presente, disponível e absolutamente devotada ao seu filho. Figuraria, portanto, como um ser infinitamente bom, comparável a uma fada, a um anjo ou mesmo a uma super-heroína dotada de incríveis capacidades de proporcionar o bem e combater o mal.

A fantasia de que haveria uma “Mãe maravilha”, de modo que seu amor faria que todas as dificuldades fossem superadas, apresenta vários desdobramentos. Podemos pensar que tal idealização, que se dá como resultado da divalência, pode estar a serviço da manutenção de opressões contra a mulher. É com tal consideração em mente que lembramos que idealizações geram sofrimentos importantes, na medida em que representam padrões de conduta e qualidades inatingíveis pelas pessoas comuns. Claro que não subestimamos a possibilidade de que o poder atribuído à mãe esteja associado ao grau de fragilidade e desamparo que as pessoas podem vivenciar de modo radical em muitas situações difíceis, sendo bastante conhecida a hipótese psicanalítica de que os seres humanos buscam em Deus uma figura parental benignas, semelhante aos poderosos e protetores pais da infância (Freud, 1927/1955).

Entretanto, o que aqui mais nos interessa é apontar para um fenômeno, que não estava totalmente claro em nosso trabalho anterior (Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017), de que pessoas podem se sentir humilhados e culpados quando Ihe são socialmente

²² Na tradição da escola britânica das relações objetais (Hinshelwood, 1989), que Bleger (1963/2007) toma como teorização dramática e não pulsional, prevalece o costume de designar o outro com a palavra objeto. Trata-se de um termo remanescente da teoria freudiana das pulsões, que a psicologia psicanalítica concreta critica e rejeita pelo seu caráter abstrato e coisificante. Autores como Winnicott (1960/2018) mesclam, em seus textos, termos tais como objeto total ou pessoa total e objetos parciais. De nossa parte, considerando as lutas em defesa de inclusão e humanização radical da vida vincular e social, julgamos importante não referir a seres humanos, reais ou imaginários, com o termo objeto. Desde modo, usaremos as seguintes expressões: “ser total”, para designar o que se produz na ambivalência e “ser infinitamente bom” ou “ser infinitamente mau”, para referir o que ocorre na divalência.

propostos padrões de conduta inalcançáveis. Acreditamos que é difícil, para a mulher-mãe, perceber que não é inferior, e, sim, que a demanda de um altíssimo padrão de conduta é uma forma sofisticada de humilhação. A nosso ver, provavelmente apenas quando as pessoas humilhadas se unem em coletivos, ao invés de permanecerem isoladas, torna-se possível escapar desse tipo de armadilha.

Na nossa compreensão, a idealização da figura materna serve, portanto, à humilhação, por meio da qual operam formas sutis mas potentes de despersonalização/desumanização (Aiello-Vaisberg, 2017). De fato, os ataques às mães não se dariam por meio de agressão direta, como no sexismo ou no racismo, mas, ao contrário, pela via da oferta de algo inefável que, supostamente, completaria a vida da mulher. Ou seja, podemos compreender que as mães acabam sofrendo muito quando imaginam que deveriam se sentir e se comportar naturalmente como “seios inesgotáveis” ou quando outras pessoas, que já não são bebês²³, fantasiam-nas de tal modo. Ora, um ser infinitamente bom simplesmente não é humano, de modo que nos parece plausível a suposição de que quando se habita este supracampo não se assume facilmente posturas de acolhimento da personalidade e da humanidade da mãe. Nesse sentido, podemos nos deter, de modo mais detalhado, num breve exame de cada um dos campos que compõem este supracampo.

O campo “Sublime amor” veicula a fantasia de uma mãe idealizada que, conforme indica o material, explicita que toda mãe real fica abaixo do que lhe é exigido. Este campo nos leva a considerar que não estamos diante de uma fantasia de que a mãe poderia ser suficientemente boa, mas que deveria ser absoluta e perfeitamente boa. Ou seja, tal campo revela-se como impeditivo de realização das potencialidades das mães, no sentido de que dificultaria não somente o reconhecimento de que nenhuma mãe precisa, deve ou consegue ser boa o tempo todo, mas também a possibilidade de desenvolver criativamente seu próprio modo de ser mãe, na medida que lhe impõe padrões irrealistas de conduta. A

²³ Evidentemente, pode-se compreender que o bebê, que nasce em estado de dependência radical, possa fantasiar, nos primórdios de sua atividade imaginativa, a existência de algo ou alguém que poderia ser descrito como um ser superpoderoso e salvador. Também se pode compreender que pessoas em situações de perigo severo fantasiem seres dotados de características benfazejas extraordinárias. Mas podemos esperar que o amadurecimento emocional de personalidades individuais e coletivas possa modificar tais expectativas num sentido que incentive mais respeito e solidariedade entre as pessoas.

fantasia de que o amor materno seria capaz de superar todas as dificuldades, independentemente das condições de vida da mãe, parece estar em consonância com resultados de outros trabalhos, como, por exemplo, os de Aching e Granato (2016, 2018), Marchesi (2018), Odenweller et al. (2020) e Shloim et al. (2015).

Poderíamos entender que o campo “Sublime amor” favoreceria posicionamentos de acordo com os quais possíveis infortúnios e sofrimentos, que venham a recair sobre a criança, seriam vistos como sendo de responsabilidade materna, de modo a ignorar outras pessoas e instituições, que também poderiam assumir o cuidado infantil, como, por exemplo, o pai, a família extensa, a escola, a comunidade e o Estado, por meio da correta execução de políticas públicas de efetiva proteção da infância. Tal campo aponta, de modo profundamente equivocado, que nem a mãe nem a criança viveriam no mundo das relações humanas, mas estariam isoladas, como que dentro de uma bolha, onde só os atos maternos surtiriam efeitos. Poderíamos considerar que, no campo “Sublime amor”, a participação ativa e constante da mãe, no cuidado das novas gerações, seria vista como se a sua simples presença, e não toda a atividade que compõe o cuidado e o trabalho reprodutivo, por si só assegurasse o bem-estar da criança. Cabe aqui lembrar a famosa frase de Winnicott (1960/1965) segundo a qual o bebê não existe. Chegamos, aqui, a poder, a partir não apenas dos desenvolvimentos da psicologia psicanalítica concreta blegeriana e da psicanálise winnicottiana, mas também da história, da sociologia, da antropologia e de estudos feministas em geral, a fazer uma afirmação análoga: “Nem o bebê, nem a mãe existem, a não ser como seres humanos que participam de redes vinculares, inseridas em contextos sociais”.

Por sua vez, o campo “*Mater dolorosa*” se organiza ao redor de uma fantasia de que a mãe não conseguiria prosseguir com sua vida em função do sofrimento dos filhos. O sofrimento seria tão intenso que a mãe viveria um tipo de paralisia existencial, como se a sua vida perdesse sentido. Podemos compreender o campo “*Mater dolorosa*” em função do campo “Sublime amor”, na medida em que é possível considerá-lo como um dos resultados da idealização do amor materno. Ou seja, se o amor da mãe for realmente sublime, a perda do filho amado, ao qual este amor está ligado, seria vivenciada como um desespero infundável. Em outros termos, trata-se de uma fantasia segundo a qual a mãe deixaria de viver sem o filho, como se não tivesse vida própria. Do ponto de vista imaginativo, percebe-se um apagamento da existência da mãe enquanto pessoa. Tal

relação parece ter sido observada por Tachibana (2011) que, investigando o imaginário coletivo de enfermeiras obstétricas sobre a gestação interrompida, percebeu que as profissionais diferenciavam, num primeiro momento, dois tipos de mães: aquelas que teriam sofrido aborto espontâneo, que seriam dignas de compaixão, e aquelas que o teriam provocado, merecendo, por este motivo, profunda reprovação. Deste modo, ao sofrer óbito fetal, mãe vivenciaria um vazio eterno, impossível de ser superado. Tal consideração parece convergir com outros trabalhos sobre a experiência de mães que perderam seus filhos. Por exemplo, Freitas e Michel (2014), em estudo fenomenológico sobre o luto materno, perceberam que, do ponto de vista da experiência das mães que participaram do estudo, a perda de um filho era vivenciada como algo a nunca ser superado. Também em estudo fenomenológico, Campos et al. (2020) buscaram compreender a relação de mães enlutadas, por perderem seus filhos, com a alimentação, tendo como um dos resultados principais aquilo que chama de confronto com a “cadeira vazia”, ou seja, o espaço que o filho ocupava à mesa durante as refeições, além de sentimentos de tristeza, ansiedade e saudades diante da culinária que se relacionava com o filho perdido. Pensando nestes trabalhos, em função deste campo, podemos considerar que a mãe que perde seu filho é imaginada como alguém que lidará com um vazio eterno e infinito. Porém, podemos ponderar que, caso esta mãe não sinta esta dor, deixaria de ser, do ponto de vista imaginativo, uma “*mater dolorosa*”, ou seja, não seria uma mãe amorosa, mas, sim, desnaturada.

Podemos considerar que a idealização do amor materno revela-se paradoxal. Por um lado, pavimentada, do ponto de vista imaginativo, o caminho da realização pessoal da mulher (Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017; Schulte, Gallo-Belluzzo & Aiello-Vaisberg, 2019; Zanello, 2020). Por outro, é simultaneamente, como todo paradoxo, oferecida às mães como um problema, uma vez que as posiciona como responsáveis pela saúde e pela doença dos filhos, por sua felicidade e pelo seu infortúnio, pelo seu presente e pelo seu futuro. Ao entender que a mãe estaria imaginativamente mais preparada para cuidar e amar os filhos por conta de sua natureza, podemos compreender que o campo “*Mater dolorosa*” representa um dos resultados enlouquecedores da idealização. A maternidade corresponde, aqui, a um tipo de realização pessoal que ocorre por meio de uma grande pressão psicológica – pois a vida da mulher não teria sentido se ela não tivesse filhos. Ou seja, este campo nos leva a considerar que as mulheres sofrem um tipo de ameaça, no

sentido de que se arrependeram intensamente se não tiverem filhos, ao mesmo tempo que as condena ao risco terrível de, tornando-se mãe, vir a perder um filho.

O terceiro campo do supracampo “Mãe maravilha” é aquele denominado “Dedicação exclusiva”, que denuncia uma maternidade que, dada a divisão sexual do trabalho (Kergoat, 2009), vem sendo imaginada e praticada de modo solitário mesmo no âmbito da família nuclear (Lee, Vasileiou & Barnett, 2019; Luoma, Korhonen, Salmelin & Tamminen, 2015; Schulte, Gallo-Belluzzo & Aiello-Vaisberg, 2019; Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017). Este é um detalhe muito importante: concebe-se, na sociedade em que vivemos, que a mãe, isolada em seu domicílio, seja capaz de sozinha atender a todas as necessidades do filho. A não ser em situações extremas, como a de adoecimento pessoal de alta gravidade, as mães deveriam, do ponto de vista da fantasia, ser capazes de exercer a maternagem sem ajuda significativa de outras pessoas.

Sabendo que, em outras culturas, membros da família extensa e outros agentes, como, por exemplo, trabalhadores da saúde pública, estarão mais engajados no cuidado não somente das novas gerações, mas também da própria mãe, como ensinam os estudos de Gottlieb e DeLoache, (2016) e Rogoff (2003), podemos enxergar claramente que a solidão, na qual a mãe é deixada com o bebê, não é imaginada, na nossa sociedade, como um problema. Em outros termos, se a genetriz está dotada das capacidades necessárias ao cuidado, deriva, daí, a suposição de que não precisa de ajuda alguma para cumprir sua função. Caberia notar, portanto, que, nessa configuração imaginativa, o cuidado não está sendo concebido como trabalho e, sim, como função fisiologicamente determinada (Federici, 2020).

Lembramos que Badinter (2012) discutiu que a dedicação materna total e exclusiva, fantasia persistente até hoje, como aponta o campo deste imaginário, estaria historicamente vinculada a tentativas de melhorar a taxa de sobrevivência das crianças. Contudo, essa questão veio a se ampliar porque passou a incluir, além do aleitamento exclusivo feito pela mãe, com propósitos de asseverar a saúde fisiológica dos bebês, cuidados com a saúde psicológica da criança bem como do futuro adulto que se tornará. Nesse quadro, foram favorecidas de concepções que enfatizaram a atribuição do trabalho produtivo ao homem e a responsabilização da mulher pelas atividades reprodutivas (Federici, 2020).

Ao refletirmos sobre o campo “Conciliado atividades”, que também compõe o supracampo “Mãe maravilha”, lembramos que, após modificações socioeconômicas, a entrada da mulher no mercado de trabalho parece irreversível, o que gera, na nossa sociedade, o fenômeno da dupla jornada. Deste modo, trabalhar profissionalmente fora do âmbito doméstico não favoreceu a desoneração das mulheres em relação aos cuidados infantis. De acordo com Bueskens (2018), a dupla jornada gerou importantes efeitos sobre a subjetividade feminina, promovendo uma situação que pode ser pensada como a de um self dividido ou duplicado, na medida em que a mulher casada que também trabalha profissionalmente precisa frequentar dois mundos bastante diferentes entre si. No mundo privado, vale dizer, na esfera doméstica, a mulher se dedica ao cuidado dos filhos e da família, como um todo, desenvolvendo aspectos de *self* dedicado ao outro, generoso e maternal, encarnando a posição de figura tutelar e protetora do núcleo familiar. No mundo público do trabalho, a mulher precisa viver segundo as normas que regem mercado, buscando um contínuo autoaperfeiçoamento, numa linha mais autocentrada individualizada e atenta com sua carreira e seu autodesenvolvimento.

Essa visão da subjetividade da mulher que vive a sobrecarga da dupla jornada, assumindo trabalho produtivo e trabalho reprodutivo, tem recebido respaldo significativo da literatura científica. Podemos lembrar, à guisa de exemplos, de dois estudos. Chesley e Flood (2017) examinaram disponibilidade de tempo, ganhos e gênero em função do trabalho doméstico e profissional de mães e pais, ou seja, o trabalho reprodutivo e produtivo. Como resultado, os autores afirmam que mães usam mais tempo para cuidar das novas gerações do que os pais. Muylaert, Delfini e Reis (2015), por outro lado, ao examinarem prontuários de Centro de Atenção Psicossocial - Infantil, perceberam que a mãe ainda trabalha como principal cuidadora de crianças e adolescentes usuárias do serviço de saúde mental da rede pública, mesmo em casos em que também é a única responsável pela renda familiar.

Sendo incluídos no supracampo “Mãe maravilha” os quatro campos, “Sublime amor”, “*Mater dolorosa*”, “Dedicação exclusiva” e “Conciliando atividades”, favorecem a instalação de um certo tipo de círculo vicioso. No momento em que a mãe realiza inúmeras tarefas, muitas pessoas se veem desobrigadas ou impedidas de cuidar das crianças. Deixando de haver outras pessoas disponíveis, para cuidar das novas gerações, os encargos recaem novamente sobre as mães. Deste modo, seguem tolhidos ou pelo

menos bastante intimidados o surgimento e desenvolvimento de novas práticas de cuidado infantil.

Coincidindo com um dos campos criados/encontrados, aquele nomeado como “Nem fada, nem bruxa”, o segundo supracampo, o “Mulher comum” ou seja, aquele que se organiza ao redor da fantasia segundo a qual a mãe é uma pessoa com qualidades e defeitos como qualquer pessoa, é criado/encontrado a partir de desenhos-estórias produzidos apenas quatro participantes de sexo feminino. Compartilhando, logicamente, a mesma definição – uma vez que esse supracampo é um conjunto composto por um único elemento, indicam que o cuidado infantil não demanda virtudes excepcionais, mas deve ser desempenhado por uma mulher. Desse modo, apontam para a crença de que a biologia interfere na qualidade do desempenho da pessoa cuidadora. Claro fica, portanto, que se supõe uma continuidade entre a fase pré-natal que, vamos lembrar, não é realmente necessária, já que a gestação requer um organismo feminino, enquanto a criança pode sobreviver e se desenvolver saudavelmente sob a atenção de outros cuidadores, mesmo quando a mãe morre no parto.

Gottlieb (2015), em sua proposta por uma antropologia de bebês, argumenta, a partir de sua descrição dos cuidados providos por adultos, quando um novo membro, o bebê, chega ao coletivo. Ao reconhecerem a dependência do recém-nascido, outras pessoas, e não somente a mãe biológica, encarregam-se da nova pessoa. O estudo da antropóloga favorece a consideração, a partir de bases empíricas, segundo a qual existem muitas maneiras de lidar com as necessidades de bebês e de crianças de tal forma que o cuidado infantil não se torne tarefa exclusiva da mãe biológica. Na nossa compreensão, estudo apresenta, claramente, que a maternidade, enquanto criação cultural que acopla a mulher ao cuidado infantil, a partir de argumentos que defendem uma suposta natureza feminina mais inclinada para tais cuidados, seria, na verdade, somente uma das inúmeras possibilidades, que surgem a partir da criatividade humana, de lidar com o bebê. O fato dessa ser uma das práticas exitosas não significa, portanto, que deva ser mantida de modo absolutamente inalterado. Concluimos, de nossa parte, que temos evidências antropológicas e históricas suficientes para fundamentar a consideração de que o nascimento inaugura, como evento biológico, a possibilidade de que a dependência objetiva do bebê humano seja manejada de diferentes modos por pessoas que não a genetriz. Assim, podemos afirmar, de modo confiante, que a fantasia da mãe como a

melhor cuidadora, como se fosse um “ser infinitamente bom”, consiste, precisamente, numa produção cultural, vale dizer, constitui-se como evento ontologicamente sócio-humano (Lukács, 1978/2013). Ou seja, permite que reiteremos nossa afirmação anterior segundo a qual a maternidade não corresponde a uma exigência da natureza (Visintin, 2016).

Contudo, é importante ressaltar que o campo “Nem fada nem bruxa” e o supracampo “Mulher comum” não chegam a contemplar práticas tais como a parentalidade comunitária ou o cuidado infantil proporcionado por um casal homoafetivo masculino, já que coloca, como requisito, que a genetriz seja substituída por outra mulher²⁴. Sendo assim, corresponde, de um lado, a uma possibilidade de abrir espaço para novas concepções que podem derrubar a hegemonia do supracampo “Mãe maravilha”, mas subscreve ainda a noção de cuidado infantil como dom feminino.

Deste modo, parece-nos plausível a suposição de que o trânsito de indivíduos e coletivos deste modo, podemos afirmar que a transição desde “Mãe maravilha” até “Mulher comum” representa um passo altamente relevante no sentido de poder facilitar o acolhimento da personalidade das mães em seu existir humano. Isso ocorre na medida em que são dispensadas de se conformarem como “seres infinitamente bons”, o que representa um avanço significativo em termos do amadurecimento das personalidades coletivas que subscrevem esse supracampo. Por outro lado, precisamos lembrar que, se nos mantivermos, como sociedade, solidamente ancorados na fantasia de que a maternidade só pode ser exercida por mulheres, mesmo admitindo que a genetriz possa ser substituída por alguém que não gestou a criança, ainda estaremos excluindo, por exemplo, os homens da possibilidade de exercer cuidados diretos junto a crianças e bebês.

Os resultados interpretativos da presente investigação indicam claramente que futuras pesquisas sobre imaginários acerca do cuidado infantil e da maternidade são necessárias para que seja possível avaliar até que ponto o quadro aqui encontrado se

²⁴ Importante lembrar que a existência de um imaginário que coloca o cuidado da genetriz como o único garantidamente eficaz não significa que as personalidades coletivas que o produzem e mantêm não saibam que isso não ocorre em certo número de casos. Por outro lado, significa, sim, que as crianças não cuidados por suas mães biológicas carregarão, pela vida afora, marcas do sofrimento de um prejuízo insuperável ao longo da própria vida.

encontra espalhado na sociedade brasileira, já que pensamos não ser possível vinculá-lo características peculiares da personalidade coletiva estudante de medicina. Por outro lado, é importante lembrar, com Bleger (1963/2007) e Lukács (1978/2013), que, uma vez que a realidade humana é humanamente produzida, ou seja, partir das esferas inorgânica e orgânica do ser, isto é, que a ontologia do ser sócio-humano se apoia no ser inorgânico e no ser orgânico, mas os supera por meio da criação do novo, é possível nutrir expectativas esperançosas com relação à participação ampliada de pessoas nas tarefas do cuidado direto da criança. Nesta linha, faz sentido imaginar – e a imaginação é fundamental na constituição do mundo humano - que o abandono do supracampo “Mãe maravilha”, enfraquecendo as fantasias da super-heroína, bem como seu avesso, de monstro desnaturado, em favor do fortalecimento da “Mulher comum”, poderia encaminhar transformações rumo à “Pessoa comum”, campo que se organizaria ao redor da fantasia de que a pessoa cuidadora seria o adulto comum que, tendo contado e seguindo contando com ambientes suficientemente bons, pudesse realizar seu potencial ético (Plastino, 2012). Entendemos, que essa é a meta daqueles que subscrevem um humanismo radical, valorizando o respeito fundamental à humanidade básica e inerente das personalidades individuais, das personalidades coletivas e da humanidade como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de arremate, passaremos, a seguir, às considerações finais, optando por focalizar aquele que nos parece ser o mais importante achado de nossa pesquisa, ou seja, o fato da personalidade coletiva, constituída pelo conjunto transindividual composto pelos 36 participantes, convergir fortemente no sentido da constelação do supracampo de sentido afetivo-emocional “Mãe maravilha” enquanto, complementarmente apenas quatro alunas elaboraram desenhos-estórias nos quais a mãe é concebida como uma “Mulher comum”.

Conforme já apontamos, a “Mãe maravilha” corresponde a uma concepção idealizada, à luz da qual todas as mulheres que cuidam de seus filhos, com maior ou menor facilidade, estarão sempre, do ponto de vista imaginativo, inferiorizadas, devedoras, o que se torna fonte de sofrimento socialmente determinado. Contudo, munidos de um olhar conformado segundo o método psicanalítico, sabemos que algo verdadeiramente mais complicado se oculta para além do incômodo persistente de nunca poder ser bem avaliada, por si mesma ou pelo outro. De fato, o avesso de toda figura idealização é o seu exato oposto. Assim como o palhaço tem como avesso o tristonho, o anjo está colado ao demônio e a fada à bruxa. A nosso ver, a avesso da superpoderosa Mãe-maravilha será um monstro, percepção que coincide com achados de Tachibana (2011), quando estudou o imaginário de enfermeiras sobre mulheres que sofreram óbito fetal.

Sendo assim, decidimos nos deter sobre a figura de uma mãe monstruosa e desnaturada, que se insinua por trás da idealização materna. Para isso, faremos uma breve digressão sobre a duplicidade super-heroína/monstro, necessária para marcar o encerramento do presente trabalho e, ao mesmo tempo, apontar rumos a serem perseguidos em pesquisas futuras.

Quando se trabalha com a psicanálise, parte-se, de saída, da consideração segundo a qual não existem limites para a compreensibilidade da conduta humana (Aiello-Vaisberg, 1999). Assim, condutas aparentemente absurdas, estranhas, cruéis, violentas ou mesmo monstruosas, que a psiquiatria clássica considerou sempre como impossíveis de ser compreendidas, são vistas, à luz da concepção de inconsciente, como expressão da

experiência vivida pela pessoa, vale dizer, como drama, na acepção politzeriana do termo²⁵.

Sendo assim, podemos afirmar que a psicopatologia psicanalítica implode a psiquiatria clássica, que estava organizada sobre o chamado “índice de não compreensão do observador” (Bercherie, 1980), na medida em que declara que todas as condutas estão sempre carregadas de sentidos afetivo-emocionais. Interessa, portanto, ressaltar que, ao estabelecer uma distinção entre sintomas compreensíveis e sintomas explicáveis, Jaspers (1913/1987) forneceu, inadvertidamente, uma base para exclusão dos psicóticos do acontecer humano. Quando somos vistos como pessoas que fazem parte da humanidade todas as nossas condutas se ligam diretamente à experiência vivida – motivo pelo qual podem ser compreendidas. Quando recebemos o diagnóstico de psicóticos, somos expulsos do mundo humano e passamos a ser vistos como determinados apenas pela biologia. Assim é que, levando a diferenciação jasperiana à risca, Schneider (1951) afirma o seguinte, diante do paciente delirante: “É possível conceber que ‘a alma’ se possa transformar por si mesma de um modo tão grotesco sem que isso seja causado por uma enfermidade do corpo?” (Schneider, 1951, p. 23).

A psicanálise admite que o ser humano possa atuar segundo modos que podem ser descritos como grotescos, cruéis, absurdos e até mesmo monstruosos, mas entende que não existem monstros – no sentido de que o ser humano pode, a partir de sua história e experiência vivida, bem como dos campos vinculares e contextos macrossociais, comportar-se tanto de modo sublime e generoso, como de forma violenta e destrutiva, sem que isso signifique sua transformação em monstro (Aiello-Vaisberg, 2005). Fazer do autor do ato monstruoso um monstro corresponde a um equívoco grave que não contribui, antes o contrário, com a solução de problemas nem com o aprimoramento do ser humano, em seus dois polos constitutivos enquanto indivíduo e enquanto humanidade (Lukács, 1978/2013).

²⁵ Portando inevitavelmente sentido humano, todo ato é visto, como constata Politzer (1928/2004) ao estudar a Interpretação dos Sonhos (Freud, 1900/1955), que a base sobre a qual se assenta o pensamento freudiano consiste na radical assunção de que mesmo aquilo que, à primeira vista, mostra-se como absurdo carrega sentido que, não obstante, pode estar momentaneamente inacessível, porque se encontra fora do campo da consciência.

Mas o que quer dizer, exatamente a palavra monstro? Se formos aos dicionários encontraremos, por exemplo, definições como a de Michaelis (2020, spe):

- 1- Ser fantástico, sobrenatural, geralmente grande e ameaçador, que pertence à mitologia ou ao imaginário das histórias e lendas infantil.
- 2- Terat. Feto, pessoa ou animal de conformação disforme e anormal, total ou parcialmente; aberração, anomalia, monstruosidade.
- 3- Pessoa extremamente cruel, diabólica, desumana.
- 4- Qualquer objeto, animal etc. muito grande, fora do comum.
- 5- Qualquer ser ou coisa contrário às leis da natureza; monstruosidade.
- 6- Coisa muito feia, horrorosa.

Como se vê, os significados da palavra são diversos, mas próximos, destacando-se a ideia de ser que escaparia às determinações naturais por dois tipos diferentes de motivos: seja por apresentar caráter fantástico e sobrenatural, seja por se tratar de humano ou animal de aparência estranha, inesperada e repulsiva. Interessados, como estamos, no avesso da Mãe-maravilha, numa perspectiva para a qual a distinção real ou imaginário não se coloca de modo produtivo²⁶, seguiremos atentando para os monstros do segundo tipo.

Concebidos de acordo com a segunda acepção, vale dizer, como animal ou ser humano desfigurado, os monstros são definidos por Aristóteles (2020), em livro dedicado à reprodução sexuada, como indivíduos cuja conformação anatômica não se constitui segundo o esperado para sua espécie. Esse estudo do Estagirita pode ser considerado como um marco na constituição de uma disciplina científica, voltada ao estudo de anomalias genéticas e/ou embrionárias, conhecida como teratologia, vocábulo que

²⁶ Lembramos que não concebemos o imaginário como falso e sim como dimensão criadora da realidade sócio-humana (Castoriadis, 1975; Lukács, 1978/2013).

significa, precisamente, estudo de monstros²⁷. A respeito desse ramo do conhecimento biológico, afirmou Hegenberg (1998):

Fridrich Menkel, em Berlim (por volta de 1820), estudava pessoas com sérias deformidades (“monstros”) para concluir que não eram, como se pensava, “criaturas diabólicas”, mas seres com anomalias no desenvolvimento embrionário. Nasce, desse modo, a Teratologia (‘teras’, do grego, associa-se ao nosso vocábulo ‘monstro’) (Hegenberg, 1998, p.26)

Se a palavra teratologia pode ser vista, atualmente, como bastante infeliz, não há dúvidas de que corresponde a uma disciplina importante do campo das ciências biológicas. Afinal, lida com fenômenos problemáticos que podem ocorrer tanto entre animais como entre humanos. No campo propriamente zoológico, este tipo de problema é pesquisado porque provoca repercussões econômicas relevantes, principalmente quando afeta a pecuária bovina, importante setor de negócios em nosso país²⁸. A teratologia humana, por seu turno, constitui-se não só como problema biológico, que suscita preocupações sobretudo preventivas, mas também como grave sofrimento emocional, já que está vinculada a uma esfera existencialmente muito importante para a mulher. Além disso, gera, evidentemente, desdobramentos legais, relativos à possibilidade de realização de abortamento, prática criminalizada em muitos países,

²⁷ Atualmente, alguns pesquisadores tentam abandonar o uso desse termo, justamente por conter referência aos monstros. Assim é que, por exemplo, a Society of Teratology, sediada na Virgínia, houve por bem passar a identificar-se como Society for Birth Defects Research and Prevention. Por outro lado, isso não impede que o termo teratologia figure como títulos de alguns periódicos científicos, dado seu uso consagrado nas ciências biológicas.

²⁸ É interessante notar que a expressão “monstro fetal” ainda se encontra em uso nessa área de conhecimento, como se pode constatar por meio de levantamento em bases científicas (Silva Filho et al 2015).

mesmo quando o feto é clinicamente reconhecido como inviável (Casas & Vivaldi, 2017).²⁹

Entretanto, o sentido da monstrosidade parece ter deslizado, com o tempo, no desde o registro da aparência para o da conduta. Desse modo, uma aparência preservada poderia esconder um caráter monstruoso, cruel e, inclusive repugnante. Trata-se, evidentemente, de assunto extremamente vasto, que não cabe explorar no momento, a não ser para lembrar que, de acordo com achados bastante convincentes da escola britânica das relações objetais, o maior temor das mulheres grávidas consiste em estar gerando uma criança “que não seja perfeita”, porque deformidades fetais seriam vivenciadas como revelação da maldade interna (Langer, 1983), vale dizer, de que a mãe seria, ela própria, um ser internamente monstruoso.

Entretanto, reza a psicologia psicanalítica concreta que, ao articular psicanálise e dialética materialista, inscreve-se como paradigma epistemológico crítico, conforme definição de Guba e Lincoln (1994), que é importante manter clareza sobre a inexistência de monstros enquanto seres absolutamente maus. Este é um ponto delicado e tenso, porque, se podemos pensar em monstros num registro brincante, não podemos correr o risco de incentivar a ocorrência de linchamentos, como bem lembra Winnicott (1987), de modo que, quem comete ato monstruoso, deve ser julgado como ser humano. Assim, a personalidade, individual ou coletiva, que produz fantasias sobre “seres infinitamente maus”, mesmo que transitoriamente, estará, ainda que momentânea ou setorialmente, organizando sua experiência em termos paranoides.

Portanto, ao constatar uma convergência dos entrevistados num sentido que desnuda um imaginário que idealiza a maternidade, vista sempre como a melhor forma de cuidado dos filhos, no qual se exaltariam as mais elevadas virtudes da natureza feminina, esteja ou não a mulher em regime de dupla jornada, o que nossa pesquisa descortina é algo que, a nosso ver, não pode ser atribuído a características particulares do grupo estudado, mas a uma tendência que se encontra profundamente enraizada, ao que

²⁹ Não estamos, evidentemente, acreditando que o aborto do feto humano inviável se constitua como uma solução capaz de resolver todos os delicados problemas que se desdobram ao redor desse tipo de ocorrência. O estudo de Cia (2014) esclarece de modo bastante feliz a condição emocional de mulheres que enfrentaram a revelação de gestação de feto inviável.

tudo indica, nos mais diversos setores da sociedade brasileira, que incluem as próprias mulheres (Ferreira-Teixeira, Visintin & Aiello-Vaisberg, 2020; Granato & Aiello-Vaisberg, 2013; Granato, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2011)

Disso resulta que, quando não correspondem à figura da “Mãe maravilha”, as mulheres tendem a ter sua experiência marcada pela suspeita que suscitam, em si mesmas e nos demais, sobre sua “desnatureza” monstruosa. Reside aí, portanto, um grave risco de que a idealização alimente tendências a interagir de modo desumanizante/despersonalizante com mulheres que tem filhos. Entendemos, assim, que a idealização corresponde a uma forma disfarçada de ataque, que, evitando humilhação e inferiorização explícitas, que encontramos em outras formas de discriminação, geradoras de sofrimentos sociais, não deixa de atingir profundamente as mães concretas e reais, na medida em que, no seu avesso, encontramos a monstruosidade daquela que pode ser referida como mãe desnaturada.

Diante desse quadro, no qual se destaca a atribuição dos cuidados infantis à mãe, em função de sua suposta capacidade superior, determinada por sua natureza feminina, de amar e de cuidar dos filhos, no avesso do qual se esconde o monstro como ser infinitamente mau por violar as leis da natureza, finalizamos tecendo algumas rápidas reflexões, a partir das quais futuras pesquisas, sobre cuidado infantil e maternidade, podem ser delineadas.

Como primeira reflexão, entendemos que a presente pesquisa corrobora a conclusão a que chegamos anteriormente, na pesquisa do mestrado, de que a maternidade se configura, malgrado as intensas gratificações que proporciona às mães, como condição geradora de sofrimento social (Visintin & Aiello-Vaisberg 2017). Não apenas aquelas que se encontram em posições socioeconômicas mais precárias ou enfrentam dificuldades específicas, como terem filhos com graves problemas de saúde, vivenciam sofrimentos sociais, pois, na medida em que a idealização da maternidade domina o horizonte imaginativo, ocultando a figura do monstro desnaturado, todas as mulheres se tornam suspeitas e, portanto, ameaçadas de serem acusadas por si mesmas e pelos demais.

Como segunda reflexão, pensamos que aquelas que habitam mais duradouramente o supracampo “Mãe maravilha” podem inibir gestos de cuidado de outras pessoas em relação à criança e também à mãe, pois esses seriam interpretados como sinal de sua

insuficiência pessoal no bem lidar com a maternagem. No momento em que vigora um modelo de cuidado infantil conforme o qual a criança afortunada é aquela que conta com uma única cuidadora, que é sua mãe biológica, ponderamos o quanto outros adultos estão sendo privados da experiência de afetos e emoções que se fariam presentes se convivessem proximamente com crianças, compartilhando seus cuidados.

Como terceira reflexão, supomos um eventual trânsito desde o primeiro para o segundo supracampo pode tornar-se um antídoto contra a idealização, uma vez que nele se reconhece a possibilidade de a mulher comum oferecer uma maternagem suficientemente boa ao filho. Concebida como mulher comum, a mãe se encontra numa posição mais favorável ao recebimento de auxílio e cuidado. Deste modo, transformações sociais podem focar o bem-estar de crianças e a criação de um ambiente cuidadoso e sensível para mães.

Finalizando, nossa quarta reflexão diz respeito ao fato de ser possível imaginar um terceiro supracampo, ainda mais criativo e humanizador, se pudessemos transitar desde a “Mãe- maravilha” até a “Mulher comum”, para a seguir rumar em direção ao campo “Pessoa comum”. Essa trajetória poderia favorecer a constelação de novas configurações familiares, tais como, por exemplo, famílias homoafetivas ou arranjos de cuidado baseados em formas comunitárias de parentalidade.

Sentimo-nos confiantes em que mudanças, relativas ao cuidado infantil e à maternidade, sejam possíveis e já estejam ocorrendo. A aposta do pesquisador, que adere à psicologia psicanalítica concreta, é a de que, tornando-se socialmente mais acessível, a compreensão sobre o sentido dramático da experiência vivida pela mãe conforme-se como a uma estratégia favorecedora de transformações dos vínculos humanos que passam, necessariamente, por redefinição dos contextos macrossociais. A criação de um mundo em que não apenas as mães, mas todos, possam ser cuidados para desenvolver seus potenciais como cuidadores de crianças passa, obrigatoriamente, pela consideração da dimensão afetiva-emocional dos atos humanos. Um mundo mais acolhedor, solidário e sustentador certamente favoreceria o brincar de todos – na acepção winnicottiana do termo.

REFERÊNCIAS

- Abraham, K. (1923). Study of the Earliest Developmental Stages of the Libido. *The Psychoanalytic Review (1913-1957)*, 10, 103.
- Aching, M. C., & Granato, T. M. M. (2016). The good enough mother under social vulnerability conditions. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(1), 15–24. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000100003>
- Aching, M. C., & Granato, T. M. M. (2018). Role of a support network for refugee mothers. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 35(2), 137–147. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000200003>
- Aiello-Fernandes, R. (2013). *Da Entrada de Serviço ao Elevador Social: Racismo e Sofrimento*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas - SP. Recuperado de: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/317>
- Aiello-Fernandes, R. (2018). *Racismo e Psicanálise em Produções Acadêmicas*. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas - SP. Recuperado de <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1055>
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. (Tese de livre docência). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/47/tde-24022006-090139/pt-br.php>
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2003). Ser e fazer: interpretação e intervenção na clínica winnicottiana. *Psicologia USP*, 14(1), 95–128. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642003000100007>
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004). *Ser e fazer: enquadres diferenciados na clínica winnicottiana*. Ideias & Letras.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2005). Os monstros, o método e o estabelecimento da capacidade ética. In T. M. J. Aiello-Vaisberg & F. F. Ambrosio (Orgs.). *Cadernos Ser e Fazer: reflexões éticas na clínica contemporânea*. São Paulo: IPUSP
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2006). Prefácio. In T. M. J. Aiello-Vaisberg & T. M. M. Granato. *Ser e Fazer na Clínica Winnicottiana da Maternidade*. São Paulo: Ideias e Letras.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2012). Paradoxo e loucura: a radicalidade do pensamento psicopatológico de D. W. Winnicott. In I. Sucar. *Winnicott Ressonâncias*. São Paulo: Primavera Editorial.

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Estilo Clínico ser e fazer: resposta crítico-propositiva a despersonalização e sofrimento social. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 37(92), 41–62. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2017000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. & Ambrosio, F. F. (2019). Gribouillages de dessins-histoires avec thème: l'approche psychanalytique d'imaginaires collectifs. In W. Trinca. *Investigation psychodynamique de la personnalité: procédé de dessins-histoires et procédé de dessins de la famille avec histoires*. Bruxelles : Mardaga.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., Ambrosio, F. F. e, & Visintin, C. D. N. (2017). A fecundidade heurística do procedimento de Desenhos-Estórias com tema. In L. Tardivo. *O procedimento de Desenhos-Estórias na clínica e na pesquisa: 45 anos de percurso*. São Paulo: IPUSP.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Assis, N. D. P. de. (2017). O uso da literatura científica na pesquisa qualitativa com método psicanalítico. In Tardivo, L. S. D. L. P. *O procedimento de Desenhos-Estórias na clínica e na pesquisa: 45 anos de percurso*. São Paulo: Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo. Recuperado de http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/15_Apoiar.pdf
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., Gallo-Belluzzo, S. R. & Visintin, C. D. N. (2020). *Maternidade e Sofrimento Social em Tempos de Covid 19: Estudo de Mommy Blogs*. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/356>
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. & Machado, M.C.L. (2005) Narrativas: Gesto do Sonhador Brincante. Apresentado no IV Encontro Latinoamericano dos Estados Gerais da Psicanálise e disponível no site www.serefazer.psc.br
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., Machado, M. C. L., Ayouch, T., Caron, R., & Beaune, D. (2009). Les récits transférenciels comme présentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. *Psychanalyse, Philosophie, Art: Dialogues*, 1, 39–52.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Machado, M. C. L. (2000). Diagnóstico estrutural de personalidade em psicopatologia psicanalítica. *Psicologia USP*. doi: <https://doi.org/10.1590/s0103-65642000000100003>
- Amati-Sas, S. (2004). L'interprétation dans le trans-subjectif. *Psychothérapies*, 24(4), 207. doi: <https://doi.org/10.3917/psys.044.0207>
- Ambrosio, F. F. (2005). *Ser e fazer-arte de papel: uma oficina inclusiva*. (Dissertação de Mestrado), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

- Ambrosio, F. F. (2013). *O estilo clínico ser e fazer na investigação de benefícios clínicos de psicoterapias*. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP. Recuperado de <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/452>
- Arendt, H. (1981). *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense. (Original publicado em 1958).
- Aristoteles (2020). *Aristotle: The Complete Works*. Guimarães: Kathartika.
- Aros, A.C.S.P. de .C, & Aiello- Vaisberg, T. M J. (2009). Clube da luta: sofrimentos radicais e sociedade contemporânea. *Psicologia: teoria e prática*, 11(2), 03-17. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872009000200002
- Assis, N. D. P. D. (2019). *“Vadias ou Certinhas”*: Estudo psicanalítico sobre o sofrimento de meninas adolescentes. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP. Recuperado de <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1226>
- Assis, N. D. P. de, Visintin, C. D. N., Borges, A. de A. B., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2020). Mulher, mãe e filha cuidadora: imaginários coletivos sobre relações intergeracionais. *Psicologia Clínica*, 32(2), 213–230. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652020000200002
- Ayouch, T. (2012). *Maurice Merleau-Ponty et la psychanalyse. La consonance imparfaite*. Paris : Le Bord de l'eau
- Ayouch, T. (2018). *Psychanalyse et hybridité: Genre, colonialité, subjectivations*. Leuven: Leuven University Press.
- Badinter, E. (2012). *The Conflict: Woman & Mother*. Melbourne: Text Publishing.
- Barbosa, A. R. da G., & Alvarez, D. (2016). Trabalho feminino no setor offshore na Bacia de Campos-RJ: percepção das trabalhadoras e estratégias usadas na gestão dos tempos de vida e de trabalho. *Gestão & Produção*, 23(1), 118–131. doi: <https://doi.org/10.1590/0104-530X1600-14>
- Batoni, B. R. (2020). *Trabalho Profissional e Trabalho Reprodutivo no Imaginário Coletivo de Universitárias*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP. Recuperado de <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1324>
- Bercherie, P. (1980). *Os Fundamentos da Clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Bergeret, J. (1974). *La personnalité normale et pathologique*. Paris: Dunod.

- Bettelheim, B. (2015). *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Bicudo, V. L. (1955). Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas. In: R. Bastide & F. Fernandes. *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*. São Paulo: Editora Anhembi/Unesco.
- Biffi, M. (2019). *Encontros narrativos com mães, pais e bebês na transição para a parentalidade*. (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP. Recuperado de <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1247>
- Bleger, J. (2007). *Psicología de la conducta*. Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1963).
- Bleger, J. (1984). *Psicohigiene e psicologia institucional*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1973).
- Bleger, J. (1958). *Psicoanálisis y dialéctica materialista*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Bleger, J. (1975). Temas de psicologia. *Buenos Aires: Nueva Visión*. (Original publicado em 1964).
- Bohoslavsky, R. (1977). *Orientação profissional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bomfim, I. H. F. B., & Barbieri, V. (2015). Narrativas maternas: um estudo transcultural com mulheres brasileiras e francesas. *Natureza Humana*, 17(2), 29–60. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-24302015000200002&lng=pt&nrm=iso
- Bondi, L. (2014). Understanding feelings: Engaging with unconscious communication and embodied knowledge. *Emotion, Space and Society*, 10, 44–54. doi: <https://doi.org/10.1016/j.emospa.2013.03.009>
- Bonfatti, S. C. (2017). *Narrativas Interativas de adolescentes institucionalizados sobre o (des)abrigo*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP. Recuperado de <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1000>
- Botelho-Borges, A. de A., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Desenvolvimento de capacidades e gestualidade espontânea. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 21(49), 257–262. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200013>
- Brisola, E. B. V., Cury, V. E., & Davidson, L. (2017). Building comprehensive narratives from dialogical encounters: A path in search of meanings. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 34(4), 467-475. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-02752017000400003>

- Bueskens, P. (2018). *Modern motherhood and women's dual identities: Rewriting the sexual contract*. Londres: Routledge.
- Cambuí, H. A., & Neme, C. M. B. (2014). O sofrimento psíquico contemporâneo no imaginário coletivo de estudantes de Psicologia. *Psicologia: Teoria e Prática*, 75–88. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1516-36872014000200007&lng=es&nrm=iso&tlng=pt
- Campos, M. T. F. de S., Peluzio, M. do C. G., Melo, M. S. de S., Simonini, E., Coelho, F. M. G., & Araújo, R. M. A. (2020). “A mesa que encolheu”: a perspectiva alimentar das mães que perderam filhos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(3), 1051–1060. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020253.15122018>
- Ferreira-Teixeira, M. C., Visintin, C. D. N., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2019). Imaginário de profissionais de saúde sobre mães de bebês disponíveis para serem adotados. *Psicologia em Revista*, 25(3), 1194-1212. doi: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n3p1194-1212>
- Casas, L. & Vivaldi, L. (2017). Pregnancies and Fetal anomalies Incompatible with Life in Chile: arguments and Experiences in Advocating for Legal Reform. *Health and Humans Right Journal*, 19(1), 95-108.
- Castoriadis, C. (1975). *L'institution imaginaire de la société*. Paris: Le Seuil.
- Chesley, N., & Flood, S. (2017). Signs of change? At-Home and breadwinner parents' housework and Child-Care time. *Journal of Marriage and Family*, 79(2), 511-534.
- Chinalia, M. J. S., de Assis, N. D. P., Visintin, C. D. N., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2018). Furtos de Bagatelas e Sofrimento Social: uma Interlocução com o pensamento winnicottiano. *Psicologia Revista*, 27(1), 35–56. doi:<https://doi.org/10.23925/2594-3871.2018v27i1p35-56>
- Cia, W. C. (2014). *Sonho desfeito: anencefalia e experiência emocional dos pais*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Cooper, D. (2013). *Psychiatry and anti-psychiatry*. London: Routledge. (Original publicado em 1972).
- Couto, T. H. A. M., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2007). A mãe, o filho e a síndrome de Down. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 17(37), 265–272. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000200010>
- Dagfal, A. (2009). *Entre París y Buenos Aires: la invención del psicólogo (1942-1966)*. Buenos Aires: Paidós,

- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2018). *The Sage handbook of qualitative research*. Sage publications.
- Devereux, G. (1967). *De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement*. Paris: Flammarion.
- Dugan, A. G., & Barnes-Farrell, J. L. (2020). Working mothers' second shift, personal resources, and self-care. *Community, Work & Family*, 23(1), 62-79. doi: <https://doi.org/10.1080/13668803.2018.1449732>
- England, P., & Budig, M. J. (2000). *The effects of Motherhood on wages in recent cohorts: Findings from the national longitudinal survey of youth*. Annual Meetings of the American Economic Association, January, New York.
- Fabris-Zavaglia, M. M. (2020). *A experiência vivida de mães de filhos diagnosticados como autistas e sofrimento social*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP. Recuperado de <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1327>
- Federici, S. (2020). *Revolution at point zero: Housework, reproduction, and feminist struggle*. Oakland: PM press.
- Fenichel, O. (1945). The concept of trauma in contemporary psycho-analytical theory. *International Journal of Psycho-Analysis*, 26, 33–44.
- Frederico, C. (1979). *A vanguarda operária*. São Paulo: Editora Símbolo
- Freitas, J. L. de, & Michel, L. H. F. (2014). A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. *Psicologia Em Estudo*, 19(2), 273–283. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-737222324010>
- Fontana, A., Ammaniti, M., Callea, A., Clarkin, A., Clarkin, J. F., & Kernberg, O. F. (2020). Development and Validation of the Interview of Personality Organization Processes in Adolescence (IPOP-A). *Journal of Personality Assessment*, 1–13. doi: <https://doi.org/10.1080/00223891.2020.1753753>
- Freud, S. (1955). *The interpretation of dreams*. New York: Basic Books. (Original publicado em 1900).
- Freud, S. (1955). Psychopathology of Everyday Life Sigmund. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. VII. London, UK: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis. (Original publicado em 1901).

- Freud, S. (1955). Delusion and dream in Jensen's *Gradiva*. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. IX. London, UK: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis. (Original publicado em 1907).
- Freud, S. (1955). Leonardo da Vinci and A Memory of His Childhood. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. XI. London, UK: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis. (Original publicado em 1910).
- Freud, S. (1955) The Moses of Michelangelo. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. XIII. London, UK: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (1955). Group Psychology and the Analysis of the Ego. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. XVIII. London, UK: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis. (Original publicado em 1921).
- Freud, S. (1955) The Future of an Illusion. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. XXI. London, UK: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis. (Original publicado em 1927).
- Freud, S. (1955). Civilization and Its Discontents. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, vol. XXI. London, UK: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis. (Original publicado em 1930).
- Freud, S. (1955). Two encyclopaedia articles. In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. London, UK: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis. (Original publicado em 1922).
- Freud, S. (1955). Formulations on the two principles of mental functioning. In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. London, UK: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis. (Original publicado em 1911).
- Freud, S. (1955). On the teaching of psycho-analysis in universities. In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. London, UK: The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis. (Original publicado em 1919).
- Fritzell, S., Gähler, M., & Fransson, E. (2020). Child living arrangements following separation and mental health of parents in Sweden. *SSM - Population Health*, 10, 100511. doi: <https://doi.org/10.1016/j.ssmph.2019.100511>

- Fromm, E. (1983). *Psicanálise da sociedade contemporânea*. São Paulo: Guanabara.
- Frosh, S. (2016). *For and against psychoanalysis*. London: Routledge.
- Frosh, S. (2017). Primitivity and violence: Traces of the unconscious in psychoanalysis. *Journal of Theoretical and Philosophical Psychology*, 37(1), 34.
- Frosh, S. (2019). Psychosocial studies with psychoanalysis. *Journal of Psychosocial Studies*, 12(1–2), 101–114.
- Frosh, S., & Mandelbaum, B. (2017). “Like Kings in Their Kingdoms”: Conservatism in Brazilian Psychoanalysis During the Dictatorship. *Political Psychology*, 38(4), 591–604.
- Frosh, S., & Young, L. Saville. (2017). Psychoanalytic approaches to qualitative psychology. In C. Willig & W. S. Rogers (Eds.), *The SAGE handbook of qualitative research in psychology* (pp. 124–140). London: Sage.
- Fulgencio, L. (2020a). Incommensurability between paradigms, revolutions and common ground in the development of psychoanalysis. *The International Journal of Psychoanalysis*, 101(1), 13–41.
- Fulgencio, L. (2020b). The position of the practitioner and the theoretician when dealing with the diversity of theoretical systems of psychoanalysis. *International Journal of Psycho-Analysis*, 101(1), 13–41.
- Fulgencio, L. & Coelho, D. (2018). As relações entre a empiria e a teoria na psicanálise – uma discussão de dois psicanalistas pesquisadores. In Fulgencio, L., Birman, J., Kupermann, D. & Cunha, E. L. (2018). *Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos*. São Paulo: Zagodoni.
- Gabel, S. L., & Kotel, K. (2018). Motherhood in the context of normative discourse: Birth stories of mothers of children with Down syndrome. *Journal of Medical Humanities*, 39(2), 179–193.
- Gallo-Belluzzo, S. R., Corbett, E., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). The first experience of clinical practice on psychology students’ imaginary. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 23(56), 389–396.
- Gallo-Belluzzo, S. R., Ferreira-Teixeira, M. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). O Imaginário de Adolescentes Sobre o Vestibular: Um Estudo Psicanalítico. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 27(suppl 1), 404–412. <https://doi.org/10.1590/1982-432727s1201705>
- Gangl, M. & Ziefle, A. (2009). Motherhood, Labor Force Behavior, and Women’s Careers: An Empirical Assessment of the Wage Penalty for Motherhood in Britain, Germany, and the United States. *Demography*, 46(2), 341–369. <https://doi.org/10.1353/dem.0.0056>

- Gilbert, S. (2007). La recherche qualitative d'orientation psychanalytique: l'exemple de l'itinérance des jeunes adultes. *Recherches Qualitatives*, 3, 274–286.
- Gilbert, S. (2020). Quelques propositions relatives à l'intersection entre psychanalyse et recherche qualitative : un enrichissement réciproque ? *In Analysis*, 4(1), 16–23.
<https://doi.org/10.1016/j.inan.2020.01.008>
- Glauber, R. (2018). Trends in the Motherhood Wage Penalty and Fatherhood Wage Premium for Low, Middle, and High Earners. *Demography*, 55(5), 1663–1680.
<https://doi.org/10.1007/s13524-018-0712-5>
- Goldman, L. (1972). *A criação cultural na sociedade moderna—para uma sociologia da totalidade*. Lisboa: Presença.
- Gottlieb, A. (2015). *The afterlife is where we come from*. Chicago: University of Chicago Press.
- Gottlieb, A., & DeLoache, J. S. (2016). *A world of babies: Imagined childcare guides for eight societies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Goulart, D. M., Burman, E., & Parker, I. (2019). A formação dos psicólogos e a deformação da psicologia: uma conversa com Erica Burman e Ian Parker. *Psicologia & sociedade*, 31.
- Graça, F. R. F. C. de A., & Figueiredo, L. C. M. (2018). O coração gelado: estratégias de sobrevivência psíquica a traumatismos severos. *Jornal de Psicanálise*, 51(95), 73–88. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352018000200007#.XuP_LClqF9w.mendeley
- Granato, T. M. M. (2004). *Tecendo a clínica winnicottiana da maternidade em narrativas psicanalíticas*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-13062006-152940/pt-br.php>
- Granato, T. M. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2002). A preocupação materna primária especial, *Psicologia Clínica*, 14, 87–91.
- Granato, T. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Narrativas interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivo-emocionais. *Psicologia Clínica*, 25(1), 17-35. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652013000100002
- Granato, T. M. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). Interactive narratives in the investigation of the collective imaginary about motherhood. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(1), 25–35.
<https://doi.org/10.1590/1982-02752016000100004>

- Granato, T. M. M., Corbett, E., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Narrativa interativa e psicanálise. *Psicologia em estudo*, 16(1), 149-155. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000100018>
- Granato, T. M. M., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Narrativas interativas na investigação do imaginário coletivo de enfermeiras obstétricas sobre o cuidado materno. *Psicologia & Sociedade*, 23(SPE), 81-89. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000400011>
- Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A. (1983). *Psychoanalysis and object relations theory*. New York: Basic Books.
- Grimshaw, D., & Rubery, J. (2015). *The motherhood pay gap*. Geneva: International Labour Organization.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. *Handbook of Qualitative Research*, 2(163–194), 105.
- Harvey, C. (2019). *Mothering a Child with a Physical Disability: An Intersubjective Exploration of Maternal Subjectivity*. (Tese de doutorado). Universidade de Witwatersrand, Johannesburg, África do Sul.
- Hauck, K., Miraldo, M., & Singh, S. (2020). Integrating motherhood and employment: A 22-year analysis investigating impacts of US workplace breastfeeding policy. *SSM - Population Health*, 11, 100580. <https://doi.org/10.1016/j.ssmph.2020.100580>
- Henderson, A., Harmon, S., & Newman, H. (2016). The price mothers pay, even when they are not buying it: Mental health consequences of idealized motherhood. *Sex Roles*, 74(11–12), 512–526.
- Hegenberg, L (1998). *Doença: um estudo filosófico*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Herrmann, F. (1979). *Andaimos do real: uma revisão crítica do método da Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (1983). *O que é psicanálise. Para iniciantes ou não....* São Paulo: Psique.
- Herrmann, F. (2001). *Andaimos do real: Andaimos do real: o método da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2004). Pesquisando com o método psicanalítico. In F. Herrmann, F. & T. Lowenkron. *Pesquisando Com o Método Psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Herrmann, L. A. F. (2004). *Andaimos do Real: a construção de um Pensamento*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo - SP.

- Hinshelwood, R. D. (1989). *A dictionary of Kleinian thought*. Londres:Free Association Books.
- Hirata, H. (2004). Trabalho doméstico: uma servidão voluntária. In T. Godinho & M. L. Silveira. *Políticas Públicas e Igualdade de Gênero*. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo.
- Hirata, H. (2018). Gênero, Patriarcado, Trabalho E Classe. *Revista Trabalho Necessário*, 16(29).
<https://doi.org/10.22409/tn.16i29.p4552>
- Hoggett, P. (2018). A psycho-social perspective on social defences. In D. Armstrong. *Social defences against anxiety. Explorations in a Paradigm*. Londres: Routledge.
- Hollway, W. (2010). Conflict in the transitions to becoming a mother: A psycho-social approach. *Psychoanalysis, Culture & Society*, 15(2), 136-155.
- Hollway, W. (2016). Emotional experience plus reflection: countertransference and reflexivity in research. *The Psychotherapist*, 62, 19-21.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2013). *Doing Qualitative Research Differently: A Psychosocial Approach*. London: Sage. <https://doi.org/10.4135/9781526402233>
- Holmes, J. (2013). Using Psychoanalysis in Qualitative Research: Countertransference-Informed Researcher Reflexivity and Defence Mechanisms in Two Interviews about Migration. *Qualitative Research in Psychology*, 10(2), 160–173.
<https://doi.org/10.1080/14780887.2011.586451>
- Hubert, S., & Aujoulat, I. (2018). Parental Burnout: When Exhausted Mothers Open Up. *Frontiers in Psychology*, 9. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01021>
- Jaspers, K. (1987). *Psicopatologia geral*. Rio de Janeiro: Atheneu. (Original publicado em 1913).
- Jung, S. I., Nunes, L. T., & Eizirik, C. L. (2007). Avaliação de resultados da psicoterapia psicanalítica. *Revista de Psiquiatria Do Rio Grande Do Sul*, 29(2), 184–196.
<https://doi.org/10.1590/S0101-81082007000200010>
- Kernberg, O. F. (1975). A systems approach to priority setting of interventions in groups. *International Journal of Group Psychotherapy*, 25(3), 251–275.
- Kergoat, D. (2009). Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In Helena Hirata, Françoise Laborie, Hélène Le Doaré & Danièle Senotier. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP.
- Knight, Z. G. (2019). The researcher's transference in psychoanalytically informed qualitative research. *Qualitative Research in Psychology*, 16(4), 602–623.
<https://doi.org/10.1080/14780887.2019.1577520>

- Kopanakis, A. R. & Aiello-Vaisberg (2018). “Um adulto para chamar de meu”: imaginário coletivo de futebolistas adolescentes. In L. Tardivo. *16 Jornada Apoiar: adolescência e sofrimento na atualidade*. IPUSP: São Paulo.
- Laing, R. D. (1963). *O eu dividido: estudo sobre a loucura e a sanidade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Langer, M. (1983). *Maternidad y sexo: estudio psicoanalítico y psicossomático*. Buenos Aires: Paidós.
- Laplanche, J. Y. P. & Pontallis, J. B. (1971). *Vocabulaire de la Psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France. (Original publicado em 1967).
- Leuzinger-Bohleber, M., Kaufhold, J., Kallenbach, L., Negele, A., Ernst, M., Keller, W., ... Beutel, M. (2019). How to measure sustained psychic transformations in long-term treatments of chronically depressed patients: Symptomatic and structural changes in the LAC Depression Study of the outcome of cognitive-behavioural and psychoanalytic long-term treatments. *The International Journal of Psychoanalysis*, *100*(1), 99–127.
- Lee, K., Vasileiou, K., & Barnett, J. (2019). ‘Lonely within the mother’: An exploratory study of first-time mothers’ experiences of loneliness. *Journal of Health Psychology*, *24*(10), 1334–1344. <https://doi.org/10.1177/1359105317723451>
- Loparic, Z. (2018). Winnicott’s Paradigm Shift in Psychoanalytic Theory and Practice. *Donald W. Winnicott and the History of the Present: Understanding the Man and His Work*, 132–141.
- Luoma, I., Korhonen, M., Salmelin, R., & Tamminen, T. (2015). Mothers’ Feelings of Loneliness: Prevalence, Risk Factors and Longitudinal Associations with Depressive Symptoms and Child Adjustment. *European Psychiatry*, *30*, 726. [https://doi.org/10.1016/S0924-9338\(15\)30576-9](https://doi.org/10.1016/S0924-9338(15)30576-9)
- Lukács, G. (2013). *Para uma ontologia do ser social I*. São Paulo: Boitempo editorial. (Original publicado em 1978).
- Machado, M. C. L. (1995). *Universo em Desencanto: conceitos, imagens e fantasias de pacientes psiquiátricos sobre loucura e/ou doença mental*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP
- Machado, M. C. L., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2003). Transicionalidade e fisionomia coletiva. In T. M. J. Aiello-Vaisberg & F. F. Ambrosio. *Cadernos Ser e Fazer: Apresentação e Materialidade*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 60-65.

- Marchesi, S. (2018). *The natural mother: Discourse and representation of motherhood in an Italian Facebook group*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Linköping, Linköping, Suécia. Recuperado de <http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:1229897/FULLTEXT01.pdf>
- Martinez, A. L. M., & Barbieri, V. (2011). A experiência da maternidade em uma família homoafetiva feminina. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(2), 175–185. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200005>
- Mezan, R. (2019). *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Editora Blucher.
- Mezan, R. (2020). *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Editora Blucher.
- Michaelis (2020) *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Disponível em Michaelis.uol.com.br
- Midgley, N. (2006). Psychoanalysis and qualitative psychology: complementary or contradictory paradigms? *Qualitative Research in Psychology*, 3(3), 213–231. <https://doi.org/10.1191/1478088706qrp065oa>
- Miranda, K. L., Serafini, P. C., & Baracat, E. C. (2012). O cuidado psicológico ao médico em reprodução assistida: um enquadre diferenciado. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(1), 71–79.
- Muller, J. S., Hiekel, N., & Liefbroer, A. C. (2020). The Long-Term Costs of Family Trajectories: Women’s Later-Life Employment and Earnings Across Europe. *Demography*, 57(3), 1007–1034. <https://doi.org/10.1007/s13524-020-00874-8>
- Muniz, J. O., & Veneroso, C. Z. (2019). Diferenciais de Participação Laboral e Rendimento por Gênero e Classes de Renda: uma Investigação sobre o Ônus da Maternidade no Brasil. *Dados*, 62(1), e20180252 . <https://doi.org/10.1590/001152582019169>
- Muylaert, C. J., Delfini, P. S. D. S., & Reis, A. O. A. (2015). Relações de gênero entre familiares cuidadores de crianças e adolescentes de serviços de saúde mental. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 25, 41-58.
- Odenweller, K. G., & Rittenour, C. E. (2017). Stereotypes of Stay-at-Home and Working Mothers. *Southern Communication Journal*, 82(2), 57–72. <https://doi.org/10.1080/1041794X.2017.1287214>
- Odenweller, K. G., Rittenour, C. E., Metzger, A., & Weber, K. (2019). Ambivalent Effects of Stay-at-Home and Working Mother Stereotypes on Mothers’ Intergroup and Interpersonal Dynamics. *Article in Journal of Family Communication*, 20(1), 16–35. <https://doi.org/10.1080/15267431.2019.1663198>

- Odenweller, K. G., Rittenour, C. E., Dillow, M. R., Metzger, A., Myers, S. A., & Weber, K. (2020). Ambivalent effects of stay-at-home and working mother stereotypes on mothers' intergroup and interpersonal dynamics. *Journal of Family Communication*, 20(1), 16-35.
- Oliveira, D. O. F. de. (2020). *Gênero e drogas: Imaginário de Trabalhadores de um Serviço de Saúde Mental*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Oliveira, S. C., de Faria, E. R., Sarriera, J. C., Piccinini, C. A., & Trentini, C. M. (2011). Maternidade e trabalho: Uma revisão da literatura. *Interamerican Journal of Psychology*, 45(2), 271–280.
- Parker, I. (2008). Psychoanalytic Theory and Psychology Conditions of Possibility for Clinical and Cultural Practice. *Theory & Psychology*, 18(2), 147–165.
<https://doi.org/10.1177/0959354307087877>
- Parker, I. (2010). *Lacanian psychoanalysis: Revolutions in subjectivity*. Londres: Routledge.
- Pekny, V. M., & Granato, T. M. M. (2019). Tiempo de espera: narraciones de parejas que esperan por el primero hijo adoptivo. *Psicología Clínica*, 31(3), 499–519.
- Petersen, T., Penner, A. M., & Høgsnes, G. (2014). From Motherhood Penalties to Husband Premia: The New Challenge for Gender Equality and Family Policy, Lessons from Norway. *American Journal of Sociology*, 119(5), 1434–1472. <https://doi.org/10.1086/674571>
- Phoenix, A., Frosh, S., & Pattman, R. (2003). Producing contradictory masculine subject positions: Narratives of threat, homophobia and bullying in 11–14 year old boys. *Journal of Social Issues*, 59(1), 179–195.
- Pinto Junior, A. A., Rosa, H. R., Chaves, G., & Tardivo, L. S. de La P. C. (2018). O Questionário Desiderativo: fundamentos psicanalíticos e revisão da literatura. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70(3), 274-287.
- Plastino, C. (2012). The spontaneous emergence of the ethical feeling as a human nature tendency. *Winnicott E-Prints*, 7(1), 80–113.
- Pohl, A. L., Crockford, S. K., Blakemore, M., Allison, C., & Baron-Cohen, S. (2020). A comparative study of autistic and non-autistic women's experience of motherhood. *Molecular Autism*, 11(1), 1–12.
- Politzer, G. (2004). *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Piracicaba: Editora UNIMEP. (Original publicado em 1928).
- Renault, E. (2010). A critical theory of social suffering. *Critical Horizons*, 11(2), 221–241.

- Rittenour, C. E., Colaner, C. W., & Odenweller, K. G. (2014). Mothers' Identities and Gender Socialization of Daughters. *Southern Communication Journal*, 79(3), 215–234.
<https://doi.org/10.1080/1041794X.2014.895408>
- Rogoff, B. (2003). *The cultural nature of human development*. Oxford university press.
- Rosa, D. C. J. (2018). *Imaginário coletivo de enfermeiros em relação ao paciente com diagnóstico de esquizofrenia na Atenção Primária à Saúde*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG.
- Rosa, D. C. J., Lima, D. M. de, Peres, R. S., & Santos, M. A. dos. (2019). O conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica: uma revisão integrativa. *Psicologia Clínica*, 31(3), 577–595. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652019000300010&lng=pt&nrm=iso . doi: <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n03A09>
- Rosa, J. M., Melo, A. K., Boris, G. D. J. B., & Santos, M. A. dos. (2016). A Construção dos Papéis Parentais em Casais Homoafetivos Adotantes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 210–223.
- Røseth, I., Bongaardt, R., Lyberg, A., Sommerseth, E., & Dahl, B. (2018). New mothers' struggles to love their child. An interpretative synthesis of qualitative studies. *International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-Being*, 13(1), 1490621.
<https://doi.org/10.1080/17482631.2018.1490621>
- Roudinesco, E. (2003). État de la psychanalyse dans le monde. In R. Major. *Etats généraux de la psychanalyse*. Paris: Aubier.
- Salmons, J. (2017). Getting to yes: Informed consent in qualitative social media research. *The Ethics of Online Research*, 109–134.
- Schneider, K. (1951). *Psicopatologia clínica*. Madrid: Paz Motalvo.
- Schulte, A. de A., Gallo-Belluzzo, S. R., & Aiello-Vaisberg, T. (2016). Postagens em blogs pessoais: aproximação do acontecer humano em pesquisas psicanalíticas. *Psicologia Revista*, 25(2), 227–241.
- Schulte, A. de A., Gallo-Belluzzo, S. R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2019). A experiência emocional de autoras de mommy blogs. *Estudos Interdisciplinares Em Psicologia*, 10(1), 107.
<https://doi.org/10.5433/2236-6407.2019v10n1p107>

- Shloim, N., Hugh-Jones, S., Rudolf, M. C. J., Feltbower, R. G., Lans, O., & Hetherington, M. M. (2015). "It's like giving him a piece of me.": Exploring UK and Israeli women's accounts of motherhood and feeding. *Appetite*, 95, 58–66. <https://doi.org/10.1016/j.appet.2015.06.004>
- Silva, A. C. de M., Sei, M. B., & Ortolan, M. L. M. (2019). Grupo de crianças em um serviço-escola de psicologia: perspectiva dos usuários e seus responsáveis. *Contextos Clínicos*, 12(2), 509–532.
- Silva, M. de A. B. P. da, & Peres, R. S. (2016). O imaginário coletivo de agentes comunitárias de saúde em relação a usuários de saúde mental. *Vínculo*, 13(2), 55–65. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902016000200007&lng=pt&nrm=iso
- Silva Filho, A. P. P., Souto, R. J. C., de Azevêdo Costa, N., de Azevedo Souza, J. C., de Almeida Souza, J. C., Coutinho, L. T., & Afonso, J. A. B. (2015). Monstros fetais como causa de distocia em vacas. *Revista Brasileira de Ciência Veterinária*, 22(2), 81-84.
- Simon, R. (1993). Pesquisa combinando técnicas projetivas e psicanálise. In M. E. L. Silva. *Investigação e psicanálise*. Campinas: Papirus.
- Simon, R. (2005). Correlação psicanalítico-adaptativa utilizando modelo de geometria. *Mudanças-Psicologia Da Saúde*, 13(1), 7–29.
- Tachibana, M. (2011). *Fim do mundo: o imaginário coletivo da equipe de enfermagem sobre a gestação interrompida*. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Tachibana, M., Ambrosio, F. F. e, Beaune, D., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). O imaginário coletivo da equipe de enfermagem sobre a interrupção da gestação. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 17(2), 285–297. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000200009>
- Tardivo, L. S. de L. P. (2011). O ludodiagnóstico e a psicopatologia infantil: compreensão e intervenção junto a crianças em sofrimento psíquico. *Anais Congresso Brasileiro de Ludodiagnóstico*, 2(2).
- Tardivo, L. S. de L. P. (2017). *O Procedimento de Desenhos-Estórias na clínica e na pesquisa: 45 anos de percurso*. São Paulo: IPUSP.
- Tiemersma, D. (1987). Merleau-Ponty's philosophy as a field theory: Its origin, categories and relevance. *Man and World*, 20, 419-436.
- Tostes, G. W., de Assis, N. D. P., Corbett, E., & Vaisberg, T. M. J. A. (2018). Dor cortante: sofrimento emocional de meninas adolescentes. *Contextos Clínicos*, 11(2), 257–267.

- Trinca, W. (1972). O desenho livre como estímulo de apercepção temática. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Visintin, C. D. N. (2016). *Maternidade e sofrimento social estudo de mommy blogs*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP. Disponível em <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/895/2/MATERNIDADE%20E%20SOFRIMENTO%20SOCIAL%20ESTUDO%20DE%20MOMMY%20BLOGS.pdf>
- Visintin, C. D. N., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Maternidade e sofrimento social em mommy blogs brasileiros. *Psicologia - Teoria e Prática*, 19(2), 98-107. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872017000200005
- Visintin, C. D. N., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Motherhood and social suffering in Brazilian mommy blogs. *Revista Psicologia-Teoria e Prática*, 19(2), 108–116. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872017000200005&script=sci_abstract&tlng=en
- Visintin, C. D. N., & Granato, T. M. M. (2013). O mito grego e os contos de fadas: narrativas sobre a maternidade. *Revista de Iniciação Científica Da FFC*, 13(3).
- Visintin, C. D. N., Inacarato, G. M. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2020). Imaginaries of women who experienced a pregnancy loss. *Estilos da Clínica*, 25(2), 193-209. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/163872>
- Visintin, C. D. N., Paulo, F. M., Sampaio, J. P., Pereira, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). “Que horas ela volta?”: investigando psicanaliticamente o imaginário coletivo sobre a maternidade. *Anais Da XII Jornada Apoiar – “A Clínica Social–Propostas, Pesquisas e Intervenções*, 269–378.
- Willig, C., & Rogers, W. S. (2017). *The SAGE handbook of qualitative research in psychology*. Sage.
- Winkler, V. T. C. (2019). *Imaginários coletivos de mulheres jovens sobre tornar-se adulta*. (Dissertação de Mestrado), Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Winnicott, W. D. (1945). Primitive emotional development. *International Journal of Psycho-Analysis*, 26, 137–143.
- Winnicott, W. D. (1947). The baby as a going concern. In D. W. Winnicott. *The child, the family, and the outside world*. London: C.A.Brock & Co
- Winnicott, D. W. (1987). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.

- Winnicott, D. W. (1988). *Human nature*. London: Free Association Books.
- Winnicott, D. W. (2000). Preocupação materna primária. In D. W. Winnicott. *Da Pediatria à Psicanálise*. São Paulo: Imago (Original publicado em 1956).
- Winnicott, D. W. (1965). The theory of the parent-infant relationship. In D. W. Winnicott. *The maturational processes and the facilitating environment*. New York: *International Universities Press*. (Original publicado em 1960).
- Winnicott, D. W. (2018). Ego distortions in terms of true and false self. In D. W. Winnicott. *The Maturation Processes and the Facilitating Environment Studies in the Theory of Emotional Development*. London: Routledge (Original publicado em 1960). doi: <https://doi.org/10.4324/9780429482410>
- Winnicott, D. W. (2018). The development of the capacity for concern. In D. W. Winnicott. *The Maturation Processes and the Facilitating Environment Studies in the Theory of Emotional Development*. London: Routledge (Original publicado em 1963). doi: <https://doi.org/10.4324/9780429482410>
- Wondracek, K. H. K. (2017). Winnicott e suas raízes religiosas: uma escavação biográfico-teórica. *REVER-Revista de Estudos da Religião*, 17(1), 70-102.
- Zanello, V. (2020). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Editora Appris.

ANEXOS

Anexo A - Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

Anexo B - Termo de consentimento livre e esclarecido

Anexo C – Produto técnico derivado da tese - Cartilha

Anexo A - Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O imaginário coletivo de estudantes de medicina sobre a figura materna

Pesquisador: Carlos Del Negro Visintin

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 67962017.4.0000.5481

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.144.436

Apresentação do Projeto:

Projeto de estudo qualitativo que objetiva a investigação do imaginário coletivo de alunos de medicina sobre a mãe de filhos com deficiências, justificando-se na medida em que a formação médica inclui não apenas a aquisição de conhecimentos científicos, mas também a capacitação para lidar com pacientes e seus familiares.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo de estudantes de medicina sobre a figura materna.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador descreve como benefício a contribuição acadêmica para a formação dos alunos na disciplina de Ginecologia e Obstetrícia.

Em relação aos riscos, relata que a entrevista é praticamente isenta de riscos, mas que mesmo sendo absoluta e praticamente baixa a probabilidade de emergência de sentimentos de ansiedade e depressão nos alunos devido ao cuidado do enquadre, serão tomadas providências no sentido de garantir o seu bem-estar.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa qualitativa, bem elaborada, a ser realizada para obtenção de título de doutor no programa de Pós-graduação em Psicologia da Puc-Campinas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória: Folha de rosto, Carta de autorização da instituição e TCLE estão adequados.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Considerações Finais a critério do CEP:

Dessa forma, e considerando a Resolução CNS nº. 466/12, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: Aprovado. Conforme a Resolução CNS nº. 466/12, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, é atribuição do CEP “acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa”. Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP PUC- Campinas os Relatórios Parciais a cada seis meses e o Relatório Final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_903048.pdf	20/06/2017 16:12:31		Aceito
Outros	CartaoComitedeetica.pdf	20/06/2017 16:11:53	Carlos Negro Del Visintin	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CartadoCCV.pdf	20/06/2017 16:11:02	Carlos Negro Del Visintin	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetodePesquisa.docx	20/06/2017 16:10:39	Carlos Negro Del Visintin	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	20/06/2017 16:09:47	Carlos Negro Del Visintin	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	24/04/2017 14:59:33	Carlos Negro Del Visintin	Aceito
Declaração de Instituição e	CienciadoPPGemPsicologia.pdf	13/04/2017 16:11:43	Carlos Negro Del Visintin	Aceito
Infraestrutura	CienciadoPPGemPsicologia.pdf	13/04/2017 16:11:43	Carlos Negro Del Visintin	Aceito

Declaração de Instituição e Infraestrutura	CartadaFaculdadedeMedicina.pdf	13/04/2017 16:10:55	Carlos Negro Del Visintin	Aceito
--	--------------------------------	------------------------	------------------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 28 de Junho de 2017

Assinado por: _____**Alberto Benevenuto Drumond Frazão (Coordenador)**

Anexo B - Termo de consentimento livre e esclarecido

Convidamos o (a) Senhor (a) para participar da Pesquisa "O imaginário coletivo de estudantes de medicina sobre a figura materna", sob a responsabilidade do pesquisador Carlos Del Negro Visintin, RG 30.790.829-X, CRP 06/127420, a qual pretende investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo sobre a maternidade.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista grupal, realizada na universidade, que durará entre 45 e 90 minutos.

Além de poder contribuir para a sua formação acadêmica e, portanto, para o desenvolvimento enquanto médico (a), a entrevista é praticamente isenta de riscos. Entretanto, mesmo sendo absoluta e praticamente baixa a probabilidade de emergência de sentimentos aversivos, devido ao cuidado do enquadre, serão tomadas providências no sentido de garantir a sua integridade. O pesquisador, sob orientação, está cientificamente preparado para detectar a ocorrência eventual de vivências ansiosas, bem como para atendê-las imediatamente. Caso verifique a necessidade de atendimento clínico especializado, providenciará o encaminhamento para o serviço de psicologia desta universidade.

Se você aceitar participar, estará contribuindo para a desconstrução do preconceito por meio de reflexão clínico-pedagógica acerca das diversas formas de entender a figura materna. Se depois de consentir em sua participação o Senhor (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa ou à pesquisa. O (a) Senhor (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo em todas as fases do estudo. Para qualquer outra informação, o (a) Senhor

(a) poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (19) 9 9179-1325 e e-mail carlosvisintin@hotmail.com e com sua orientadora pelo e-mail tania.vaisberg@puc-campinas.edu.br.

Questões de ordem ética podem ser esclarecidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas, de 2ª a 6ª feira das 8h00 às 17h00, tendo aprovado esta pesquisa. Endereço: Rod. Dom Pedro I, Km 136 – Pq. das Universidades - Campinas - SP - CEP: 13.086-900; telefone/fax: (19) 3343-6777; e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, portador (a) do RG _____, declaro ter sido informado (a) e compreendi a natureza e objetivo desta pesquisa, motivo pelo qual concordo em participar deste estudo. Assim, reconheço que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: / /

Assinatura do (a) participante

Assinatura do pesquisador responsável

Anexo C – Produto técnico derivado da tese - Cartilha

ACOLHENDO MÃES

A IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DA SAÚDE

CARLOS DEL NEGRO VISINTIN
GISELE MEIRELLES FONSECA INACARATO
SUELI REGINA GALLO-BELLUZZO
TÂNIA MARIA JOSÉ AIELLO-VAISBERG

Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas
Grupo: Atenção psicológica clínica em instituições - prevenção e
intervenção

A VOCÊ, PROFISSIONAL DA SAÚDE

Gostaríamos de dizer-lhe que compartilhamos com você a preocupação com o bem-estar de mães.

Na verdade, como pesquisadores e clínicos, temos voltado a nossa atenção ao sofrimento materno. Sendo você que está em contato constante com essas mulheres, principalmente quando levam os filhos aos hospitais e a outros dispositivos de saúde, pensamos num modo de compartilhar a nossa experiência e os resultados de nossas pesquisas.

Nesse sentido, elaboramos esta cartilha com o intuito de que possa usá-la, criando seu próprio jeito de receber e acolher estas mulheres, quando precisam de cuidados.

SUGESTÕES

ELA PODE CONTAR COM OUTRAS PESSOAS PARA CUIDAR DAS CRIANÇAS

Pensando nas necessidades das crianças e nas necessidades das próprias mães, é importante saber que existem diversas possibilidades pelas quais o cuidado infantil pode ser realizado. Nesse sentido, mesmo que a mãe seja importante, outras pessoas podem compartilhar essa atividade.

ELA LIDA COM MUITAS TAREFAS

Esta mãe, que está diante de você, é uma pessoa que lida com muitas tarefas em seu cotidiano. Deste modo, é importante lembrar-se de que há momentos em que ela pode estar cansada por suas diversas atividades. Reconhecer isso, quando atende em consulta uma mãe, pode facilitar a comunicação entre vocês, favorecendo um diálogo mais autêntico.

ELA É UMA PESSOA, ALÉM DE SER MÃE

Mesmo que a experiência de maternidade possa ser muito gratificante para várias mulheres, ao orientá-la sobre cuidados com os filhos, tente refletir sobre o fato de que elas estão envolvidas com muitas atividades, de modo que ela não se resume à maternidade.

ELA TAMBÉM PRECISA SER ACOLHIDA

Lembre-se de que seu trabalho é muito importante e impacta diretamente o modo como as pessoas se sentem sobre si mesmas. Nesse sentido, já sabendo as diversas exigências que recaem sobre as mães, o seu acolhimento pode favorecer a emergência de sentimentos de bem-estar e confiança no profissional, o que favorece o tratamento.

REFERÊNCIAS

INICIATIVA

Carlos Del Negro Visintin

Doutorando em psicologia pela PUC-Campinas (bolsista CNPq)

Gisele Meirelles Fonseca Inacarato

Doutoranda em psicologia pela PUC-Campinas (bolsista CAPES)

Sueli Regina Gallo-Belluzzo

Doutora em psicologia pela PUC-Campinas

Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

Orientadora do Programa de Pós-Graduação

e

Co-Líder do Grupo de Pesquisa